

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

JONAS DA SILVA DUARTE

A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO: UMA COMPREENSÃO CONTEMPORÂNEA

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

JONAS DA SILVA DUARTE

A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO
UMA COMPREENSÃO CONTEMPORÂNEA

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia,
da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de
Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo.

Porto Alegre
2021

JONAS DA SILVA DUARTE

A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO
UMA COMPREENSÃO CONTEMPORÂNEA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, na Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo

Aprovada em 13 de julho de 2021, pela Comissão Examinadora

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo (PUCRS)

Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes (PUCRS)

Prof. Dr. Flávio Schimitt (EST)

RESUMO

Versa a presente dissertação sobre pesquisa de compilação teórica acerca da ressurreição de Jesus Cristo sob a perspectiva da modernidade e dos novos paradigmas culturais, visando apresentar uma possível compreensão mais compatível com a contemporaneidade. Os fundamentos da fé na ressurreição concebidos pelos primeiros cristãos e pela Igreja nascente até meados do século III d. C. são a fonte para a atualização do tema. A pesquisa percorre as origens da ressurreição no Antigo Testamento e em alguns povos pagãos, passando pelo pensamento dos pais apostólicos, dos apologistas, dos primeiros grandes teólogos, de alguns dos importantes evangelhos apócrifos e de todo o Novo Testamento incluindo a ressurreição em Paulo. Objetivamente busca-se compreender o que significou para os primeiros cristãos, e o que significa hoje, a fé na ressurreição de Jesus Cristo? Qual o modo (ou o “como”) da ressurreição? Em síntese, como se interpreta a ressurreição de maneira que se compreenda, no momento atual, o mesmo conteúdo, significado e impacto causado na Igreja Primitiva? Importantes teólogos da atualidade também contribuem com valiosos subsídios para uma confiável atualização do tema. Quanto ao modo da ressurreição, ela aponta para a transformação e glorificação do corpo descrita por Paulo na Primeira Carta aos Coríntios. Essa transformação é deduzida através da perspectiva da Física Quântica, em perfeita sintonia com o apóstolo e o Novo Testamento. No tocante ao significado da ressurreição, ela converge para um processo e para uma questão escatológica. É percebida como o início da justificação divina no mundo, a inauguração de um processo de conversão humana universal que envolveu arrependimento, juntamente com uma maravilhosa experiência de perdão e graça propiciada pelo Ressuscitado. A ressurreição de Jesus Cristo foi e é concebida também como a antecipação e a causa do despertar dos mortos no e do fim dos tempos.

Palavras-chave: Ressurreição. Jesus Cristo. Contemporaneidade. Significado. Modo. Física Quântica.

ABSTRACT

This dissertation is about a theoretical compilation research on the resurrection of Jesus Christ from the perspective of modernity and new cultural paradigms, aiming to present a possible understanding that is more compatible with contemporaneity. The foundations of faith in the resurrection conceived by the first Christians and the nascent Church until the middle of the third century d. C. are the source for the theme update. The research goes through the origins of the resurrection in the Old Testament and in some pagan peoples, passing through the thought of the apostolic fathers, apologists, the first great theologians, some of the important apocryphal gospels and the entire New Testament including the resurrection in Paul. Objectively, it seeks to understand what faith in the resurrection of Jesus Christ meant for the first Christians, and what does it mean today? What is the mode (or the “how”) of the resurrection? In short, how is the resurrection interpreted in such a way as to understand, at the present time, the same content, meaning and impact caused in the Early Church? Important theologians of the present time also contribute with valuable subsidies for a reliable updating of the theme. As for the mode of resurrection, it points to the transformation and glorification of the body described by Paul in the First Letter to the Corinthians. This transformation is deduced through the perspective of Quantum Physics, in perfect harmony with the apostle and the New Testament. As far as the meaning of the resurrection is concerned, it converges on a process and an eschatological question. It is perceived as the beginning of divine justification in the world, the inauguration of a

process of universal human conversion that involved repentance, together with a wonderful experience of forgiveness and grace provided by the Risen One. The resurrection of Jesus Christ was and is also conceived as the anticipation and cause of the awakening of the dead in and at the end of time.

Keywords: Resurrection. Jesus Christ. Contemporaneity. Meaning. Mode. Quantum Physics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 A RESSURREIÇÃO SEGUNDO O ANTIGO TESTAMENTO	10
1.1 A VIDA, SIGNIFICADO E SENTIDO	10
1.2 A VIDA DEPENDE DE YAHWEH	12
1.3 A MORTE E O ALÉM NO ANTIGO TESTAMENTO	14
1.3.1 A vida pós-morte no paganismo antigo	14
1.3.2 A morte e o israelita do Antigo Testamento	16
1.3.3 Crenças israelitas sobre a vida após a morte	18
1.4 VENCENDO A MORTE: PAVIMENTANDO O CAMINHO PARA A RESSURREIÇÃO	19
2A RESSURREIÇÃO NO NOVO TESTAMENTO E OUTRAS FONTES CRISTÃS DOS PRIMEIROS SÉCULOS	24
2.1 A REVELAÇÃO BÍBLICA	24
2.2 OS ENSINAMENTOS DE JESUS SOBRE A RESSURREIÇÃO E OS SINÓTICOS	25
2.3 A RESSURREIÇÃO NO EVANGELHO DE JOÃO	29
2.4 A RESSURREIÇÃO NO APOCALIPSE	34
2.5 A RESSURREIÇÃO EM PAULO	36
2.5.1 A ressurreição na Primeira Epístola aos Tessalonicenses	38
2.5.2 A ressurreição na Primeira Epístola aos Coríntios	40
2.5.3 A ressurreição na Epístola aos Romanos	43
2.6 A RESSURREIÇÃO NO CRISTIANISMO PRIMITIVO	46
2.6.1 Pais apostólicos	47
2.6.2 Apócrifos cristãos primitivos	51
2.6.3 Os apologistas	55
2.6.4 Os primeiros grandes teólogos	59
3 A FÉ NA RESSURREIÇÃO NA TEOLOGIA PROTESTANTE	68
3.1 RUDOLF BULTMANN	68
3.2 WILLI MARXSEN	69
3.3 WOLFHART PANNENBERG	71
3.4 JÜRGEN MOLTMANN	72
3.5 JOHN DOMINIC CROSSAN	74
4 A FÉ NA RESSURREIÇÃO NA TEOLOGIA CATÓLICA	80
4.1 A PREGAÇÃO PRIMITIVA SOBRE A RESSURREIÇÃO	80
4.2 A CONVICÇÃO DOS APÓSTOLOS NA RESSURREIÇÃO DE JESUS	82
4.2.1 O sepulcro vazio e a fé na ressurreição	83
4.2.2 As aparições de Cristo: origem da fé na ressurreição	86
4.3 A RESSURREIÇÃO NO PENSAMENTO DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA	91
4.3.1 Considerações gerais	91

4.3.2 Uma abordagem renovada.....	92
4.3.3 Necessidade de uma leitura não fundamentalista.....	94
4.3.4 A revelação de Deus na Ressurreição	95
4.3.5 Algumas contribuições de Queiruga sobre a Ressurreição	96
4.4 A RESSURREIÇÃO E A FÍSICA QUÂNTICA	100
CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

Em dois mil anos de era cristã, não há tema teológico que tenha produzido tanta literatura como o da ressurreição de Jesus Cristo. Mesmo assim, se há um tema que precisa ser articulado sempre de novo, é esse. Trata-se de uma pedra preciosa que foi presentada ao cristianismo e que, todavia, de tempos em tempos, necessita ser polida para que possa reluzir sempre mais, consoante lembra Willibald Bösen de maneira tão poética quanto irretocável.¹

Sobre poucos temas há tamanho consenso na teologia, inclusive para além de todas as fronteiras confessionais, sobre a importância da ressurreição. Para a fé cristã, a ressurreição de Jesus tem significado fundamental, constitui sua base. Teólogos procuram sempre apreender sua singularidade e unicidade por meio de contínuas novas formulações. Para alguns, ela é a data de fundação do cristianismo, para outros, verdade central da fé. Já foi mencionado até que a ressurreição é o artigo que decide sobre a permanência ou a queda da fé cristã, i. e., que decide o destino da fé cristã.

Joseph Comblin,² inspirado em François-Xavier Durrwell, enfatiza que “o mistério da ressurreição de Jesus Cristo é o mistério central de nossa fé. Tudo o mais está pendente desse mistério”. Não obstante, aliás, o próprio Durrwell acentua que: “houve um tempo, não muito longe de nós, em que a teologia dissertava sobre a redenção de Jesus Cristo sem mencionar a ressurreição”. Durrwell justifica logo a seguir que isso ocorria porque se procurava pôr em evidência o valor apologético do acontecimento da Páscoa e não se tentava ver aí o mistério insondável da salvação.³

Assim, diante da gravidade e complexidade do tema, e dessa realidade, especula-se que nenhuma geração poderá eximir-se da tarefa de articular a compreensão da ressurreição de Jesus Cristo de forma nova, colocando acentos que principalmente a relacionam com a sua atualidade.

¹ BÖSEN, Willibald. Ressuscitado segundo as escrituras: Fundamentos bíblicos da fé pascal, p. 9.

² COMBLIN, Joseph. Ressurreição, p. 13.

³ DURRWELL, F. X. A Ressurreição de Jesus: Mistério de Salvação, p. 1.

No que toca às questões de fé, aliás, e parafraseando W. Bösen,⁴ o ser humano hodierno não se contenta mais apenas com frases edificantes; ele quer compreender o máximo possível e ainda examinar o seu “pano de fundo”. Contudo, percebe-se notoriamente que, ao aproximar-se do tema, muitos estudiosos constataam com grande surpresa quão vasto é o caminho ainda a percorrer. Igualmente o muito que há para compreender em relação ao mistério pascal. Essa busca, no entanto, em nada se assemelha a “um mergulho cego num lago turvo”. Ao contrário, o tema deve repousar sempre sobre bons argumentos. É o que busca trilhar a presente pesquisa.

Objetivamente, então, e com o auxílio de renomados teólogos, incluindo as importantes colaborações de José Antônio Pagola, Nicholas T. Wright, Geza Vermes, Andrés T. Queiruga, François-Xavier Durrwell e outros que, frente aos novos tempos, têm-se ocupado deste tema e de outros fundamentais do cristianismo sob a perspectiva dos novos paradigmas culturais, esta pesquisa busca ensaiar uma compreensão da ressurreição de Jesus Cristo através das lentes dos dias atuais.

Esclareça-se, de antemão, que não se trata de estabelecer se Cristo ressuscitou ou não, já que isso é elemento da fé cristã sem o qual, como já pontuado, provavelmente sequer sobreviveria essa fé. Nenhum dos autores pesquisados, portanto, nega a presença do Ressuscitado vivo hoje e sempre. Todos partilham e comungam do mesmo credo.

Diferentemente, buscar-se-á responder algumas questões que necessitam de atualização, como a principal: o que significou para os primeiros cristãos e o que significa hoje, a fé na ressurreição de Jesus Cristo? Como se interpreta a ressurreição de maneira que se compreenda o mesmo conteúdo, significado e impacto causado na Igreja primitiva? Também outras questões que são corolários destas primeiras, quais sejam: há referências a um estado intermediário? Que continuidade e descontinuidade existe entre o presente corpo e qualquer corpo futuro? Que uso metafórico se faz da linguagem da ressurreição? Qual a relação da ressurreição de Cristo e essas questões?

Importa esclarecer também que a presente pesquisa não se trata de ensaio exegético sobre o tema. Para isso existem grandes tratadistas e ingentes estudos que se ocupam desse fundamental aspecto, de forma douta e satisfatória, e que são oportunamente utilizados quando necessário. Não obstante, algumas questões exegéticas pontuais são examinadas em razão de sua importância para uma síntese crítica satisfatória.

⁴ BÖSEN, Willibald. Ressuscitado segundo as escrituras..., p. 9.

Nesse horizonte o tema é abordado inicialmente através de um panorama da ressurreição no Antigo Testamento, balizando e alicerçando alguns fundamentos para o seu desfecho na Nova Aliança, percorrendo o pensamento dos Pais apostólicos, dos primeiros grandes teólogos, dos apologistas, de alguns importantes evangelhos apócrifos e de todo Novo Testamento incluindo a ressurreição em Paulo. Considerando também os objetivos desta dissertação, são apresentados, em uma subseção à parte, os valiosos ensinamentos de Andrés Torres Queiruga que tem se ocupado em aprofundar estudos sobre a ressurreição e outros importantes temas sob a perspectiva da contemporaneidade.

Importante ressaltar que no esforço em atingir os objetivos colimados, cuida-se sempre para não cair em um fosso de racionalismo exacerbado e despropositado que seria nocivo aos fins desta pesquisa. Ao final é ensaiada uma reflexão onde se apresenta uma compreensão da fé na ressurreição de Jesus Cristo frente à contemporaneidade. É indissociável desse desiderato apresentar, antes, uma leitura da ressurreição dos tempos apostólicos segundo o roteiro supra descrito, visando a reconstituição do seu significado numa perspectiva dos e para os tempos atuais.

Por derradeiro, insta consignar que a causa maior que implicou na escolha do tema é decorrência da convicção de que o teólogo cristão de hoje deve buscar sempre desenvolver uma teologia pensada a partir da razão, mas de forma a não olvidar jamais de envolver também o coração nessa tarefa, ajudando a produzir como fruto a fé, sempre com o auxílio da graça de Deus: “Não é possível ater-se ao mesmo tempo à fé cristã e a uma religião dentro dos limites da simples razão; é necessário escolher. Mas para aquele que crê se tornará cada vez mais visível que a profissão de fé no amor que superou a morte está cheio de razão”.⁵

⁵ RATZINGER, Joseph. Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico, p. 228.

1 A RESSURREIÇÃO SEGUNDO O ANTIGO TESTAMENTO

Não é possível estudar a ressurreição de Jesus Cristo sem passar, ao menos brevemente, pelas compreensões dos israelitas sobre a vida e a morte no Antigo Testamento objetivando contextualizar adequadamente o surgimento da fé na ressurreição cristã. Segundo Martin-Achard, as concepções hebraicas sobre esses temas foram comparadas frequentemente com as noções mesopotâmicas, egípcias e até mesmo gregas. Isso, sob certo aspecto, se justifica porque as analogias observadas pelos especialistas são bastante numerosas.⁶

Assim, Martin-Achard refere e ilustra que em razão desse paralelismo estabelecido entre a psicologia dos israelitas e a dos povos primitivos, verifica-se, sem muita dificuldade, que muitos textos do Antigo Testamento, por exemplo, se esclarecem quando são situados em um contexto mais aproximado da mentalidade africana ou australiana por exemplo.⁷

A partir dessa percepção e com amparo deste e de outros especialistas será recordado, em breves páginas, o que os israelitas, provavelmente, pensavam da vida e da morte.

1.1 A VIDA, SIGNIFICADO E SENTIDO

Consoante contribui Martin-Achard,⁸ o israelita ama a vida e a enfrenta com disposição favorável porque vê nela um dom de Deus. A sua existência, no sentido mais concreto e físico, expressa uma liberalidade de Yahweh. O crente almeja prolongar seus dias neste mundo de Deus o máximo que puder. Deseja realmente desfrutar de todos os recursos que o Criador lhe propicia em sua criação. Não deseja posicionar-se acima das contingências terrenas, num tipo de vida totalmente ou somente espiritual e atemporal. Seu ideal de vida se expressa muito bem na imagem de Jó, cercado de honras e bens, homem íntegro e justo, dono de grandes posses e modelo de piedade e generosidade (Jó 1,1; 29,2; 42,10). Revela e expressa também sua felicidade no temor a Yahweh: “Havia na terra de Hus, um homem chamado Jó. Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal” (Jó, 1,1).⁹

⁶ MARTIN-ACHARD, Robert. Da morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento, p. 17.

⁷ Ibidem, p. 18.

⁸ Ibidem, p. 19.

⁹ Todas as citações bíblicas são extraídas da Bíblia de Jerusalém. Quando assim não ocorre é indicado no local.

O Salmo 128 também expressa um pouco do israelita e seus anelos e esperanças mais autênticos traduzindo perfeitamente o conjunto do pensamento do seu povo:

Felizes todos que temem a Yahweh
 E andam em seus caminhos!
 Do trabalho de tuas mãos comerás,
 Tranquilo e feliz:
 Tua esposa será vinha frutuosa,
 no coração de tua casa;
 teus filhos, rebentos de oliveira,
 ao redor de tua mesa.
 Assim vai ser abençoado
 O homem que teme a Yahweh.
 Que Yahweh te abençoe de Sião,
 E verás a prosperidade de Jerusalém
 Todos os dias de tua vida;
 E verás os filhos de teus filhos.
 Paz sobre Israel!

Esses são os desejos de um povo piedoso do campo: viver muitos anos sobre a terra herdada de seus pais, ter ao seu redor numerosos filhos para assegurar o trabalho cotidiano; anseia também que os frutos do seu trabalho e esforços sejam abundantes e se multipliquem, compartilhando com seu povo essas bênçãos, especialmente com Jerusalém, a cidade de Deus.

Desse modo, o israelita não define a vida em termos racionais e abstratos, mas a reconhece em suas manifestações. Identifica a vida com o sangue ou mesmo a respiração, sem os quais é impensável: “o sangue é a vida” (Dt 12,23). A vida é confundida também com o fôlego: “Então Yahweh modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7).

De forma geral, a vida representa para os israelitas o bem supremo do qual dependem todos os demais bens, isto é, a mais importante de todas as bênçãos e superior a qualquer riqueza e glória conforme se vê de forma pululante nas escrituras, por exemplo, em Pr 3,16-18: “Em sua direita: longos anos; em sua esquerda, riqueza e honra. Seus caminhos são deliciosos, e os seus trilhos são prosperidade. É árvore de vida para os que a colhem, e felizes são os que a retêm!”

O próprio Satanás, também reconhece a importância da vida e o seu significado para o povo escolhido, conforme assevera em Jó, 2,4b: “O Satã respondeu a Iahweh e disse: ‘Pele por pele! Para salvar a vida, o homem dá tudo que possui.’”

O israelita, portanto, aspira que sua vida se prolongue o máximo de tempo possível. Expressa isso, entre outros, por ocasião da entronização de seu soberano: “Viva o rei” (1Sm 10,24) ou, de outra forma: “que viva para sempre”, desejando que o respectivo reinado,

igualmente, também dure para sempre. Isso porque ele sabe que sua vida está vinculada a sorte do próprio povo. O ideal de vida, portanto, é morrer em idade avançada, repleta de dias e de bens, indo embora depois de uma velhice longa e cheia de felicidade igualmente ao privilégio de Abraão (Gn 15,15) e de Jacó (Gn 35,29).

Geza Vermes acrescenta que como consequência desse ideal de vida a busca da imortalidade, ou escapar da morte, teria sido o ápice de todas as possibilidades, o sonho de todo o ser humano desde o início dos tempos. Para ele, o “mito” da criação, que classifica como uma narrativa épica sagrada, incluída nos capítulos 2 e 3 do Livro de Gênesis, propõe-se explicar os fenômenos fundamentais que afetavam a humanidade com uma tentativa de justificar, em termos morais, a morte ou a perda da imortalidade. Já as epopeias pagãs atribuíam isso ao “capricho ou ao ciúme dos deuses”.¹⁰

A vida, enfim, é um privilégio, confundindo-se com a felicidade. É constituída de força, de plenitude e implica na abundância, na paz e na prosperidade.¹¹ O Livro de Provérbios denota bem: “Quem me encontra (a sabedoria) encontra a vida (isto é, a felicidade)” (Pr 8,35).

1.2 A VIDA DEPENDE DE YAHWEH

Diante do valor inestimável da vida, consoante se pôde demonstrar logo acima, o israelita sabe, contudo, que não está nas mãos do homem criar nem conservar a vida. Para o Antigo Oriente e também para o Antigo Testamento, somente os deuses são imortais e só eles podem fazer viver ou morrer (2Rs 5,7).

Martin-Achard,¹² parafraseando Carl Barth, observa que efetivamente a vida depende da divindade, mas esta, para as religiões pagãs, não é senão, em última análise, nada mais do que personificações das forças naturais. O Deus de Israel, por sua vez, não se identifica, de modo nenhum com a vida. Ele a cria, renova, concede livremente, é seu Senhor e, com essa natureza, diferencia-se claramente de um “mero” poder vital.

Concebe-se então que Yahweh produz a vida, a conserva e a reestabelece mediante atos criadores e também redentores os quais se insculpem em uma história da salvação do universo. O Antigo Testamento o chama de “o Deus vivo” (Js 3,10; Sl 42,3; 84,3; Os 2,1), pois se revela

¹⁰ VERMES, Geza. Ressurreição: História e Mito, p. 21.

¹¹ MARTIN-ACHARD, Robert. Da morte à Ressurreição..., p. 22.

¹² Ibidem, p. 28.

como uma pessoa viva, que fala, atua, vê, ouve, o que o diferencia totalmente de um ídolo, mudo e inerte.

É necessário também destacar que Yahweh não é o eterno no sentido filosófico do termo: um ser puro, uma essência estática e atemporal, mas, antiteticamente, o Deus vivo que intervém sem cessar na natureza e na história, um Deus em movimento, em constante atividade através de ações dirigidas ao universo. E, de modo especial e figurativo, poder-se-ia dizer, “caminhando” para guiar os homens de maneira planejada. Por conseguinte, cada ser dele depende, em cada momento e de modo absoluto.

Nessa concepção, Yahweh é o criador da vida (Gn 2,7), sendo sua fonte (Sl 36,10; Jr 2,13; 17,13), e Senhor (Jó 12,10; Ez 18,4), que protege e sustenta (Sl 16,10; 25,20; 33,19). Seu caráter ético é destacado, através dos profetas, principalmente ao impor a observância do direito de cada um e o respeito aos demais.

Desse modo, a existência de Israel invariavelmente estava subordinada, antes e acima de tudo, ao conhecimento e observação da vontade divina. Martin-Achard enfatiza que a vida de Israel não depende, por conseguinte, de ritos mágicos nem de uma fusão mística na divindade, mas sim de um diálogo o qual Yahweh toma a palavra para revelar, em primeiro lugar, o que Ele é: “Eu sou...”, declarando imediatamente o que espera de seu povo: “Tu debes...”.

Israel demonstra, através de sua resposta, se deseja ser uma nação santa, isto é, se aceita ou rejeita a existência que o Deus vivo lhe oferece. É por isso precisamente que a vida para o homem do Antigo Testamento se confunde com a obediência aos mandamentos divinos.

Viver, assim, será caminhar pelos caminhos que Yahweh estabeleceu em Dt 30,15s, buscar o bem e a justiça segundo Amós (Am 5,4.14s), voltar a Yahweh conforme Jeremias ou Ezequiel (Ez 18,23.32). É, enfim, aceitar sob todas as suas formas as exigências do Deus cujas intervenções na história abriram o caminho da vida. Não é possível viver sem Yahweh. Para o povo de Deus se trata de permanecer na aliança que foi selada entre ele e o Deus vivo. Fora de Yahweh não há salvação e nem vida para Israel.¹³

¹³ MARTIN-ACHARD, Robert. Da morte à Ressurreição..., p. 30.

1.3 A MORTE E O ALÉM NO ANTIGO TESTAMENTO

1.3.1 A vida pós-morte no paganismo antigo

Geza Vermes aponta que diferentemente dos israelitas do Velho Testamento, os habitantes da Mesopotâmia antiga parecem simplesmente ter se recusado a aceitar o seu destino mortal. Lembra que no famoso épico de Gilgamesh, o antiquíssimo mito da criação dos povos que viviam nas terras entre o Tigre e o Eufrates, o herói Gilgamesh, rei de Uruk, confrontado pela primeira vez com a morte ao perder seu amigo Enkidu, partiu imediatamente em busca do segredo da imortalidade. O personagem Utnapishtim, no entanto, o Noé da lenda da enchente babilônica, a quem os deuses pouparam da morte como recompensa por salvar o mundo e seus habitantes do afogamento, declinou de divulgar o precioso mistério. Na verdade, então, Gilgamesh e os povos depois dele tiveram que aceitar a sua condição mortal, de modo que o tráfego para o inferno mesopotâmico também era de mão única, para uma “terra sem retorno”, o mesmo ocorrendo com o tráfego para a região infernal da Bíblia e o Hades dos gregos. “Como a nuvem se dissipa e desaparece, assim quem desce ao Xeol não subirá jamais. Não voltará para sua casa, sua morada não tornará a vê-lo” (Jó 7, 9-10).¹⁴

Nicholas Thomas Wright,¹⁵ por sua vez, conjectura que se o mundo antigo não judaico tinha uma bíblia, seu Antigo Testamento era Homero. E se Homero tinha algo a dizer sobre a ressurreição, ele era bem direto: isso não acontece. Para justificar e ilustrar, Wright cita a declaração clássica de Aquiles, quando este se dirige ao triste Príamo, que lamentava a morte do seu filho Heitor, morto pelas mãos do próprio Aquiles: “Deves aguentar e não deixar que o luto se apodere do teu coração partido. Lamentar por teu filho não trará bem algum. Estarás morto antes que possas trazê-lo de volta à vida”. Ilustra também com a manifestação da mãe de Heitor, sentenciando que tampouco poderia Aquiles devolver à vida Pátroclo, seu companheiro morto, a despeito de Aquiles ter arrastado, ao redor, o corpo do seu filho.¹⁶

¹⁴ VERMES, Geza. Ressurreição: História e Mito, p. 23.

¹⁵ WRIGHT, N. T. A Ressurreição do Filho de Deus, p. 71.

¹⁶ O autor enfatiza que a última frase expressa ainda mais evidentemente a descrença em qualquer vida pós-morte: “você não o ressuscitará (*oude min ansteseis*) antes de sofrer um mal maior”.

N. Wright,¹⁷ ainda, assinala que também entre os veneráveis dramaturgos atenienses essa tradição se manteve inalterada, conforme se vê no texto a seguir (e em muitos outros clássicos), extraído das *Eumênides de Ésquilo*, onde Apolo fala no areópago: “Uma vez um homem morto, e seu sangue tiver sido absorvido pelo pó, não há ressurreição”.¹⁸

Como se observou, o princípio básico da existência e experiência humana finita e sem retorno é aceito como axiomático ao longo de todo o mundo antigo. Uma vez que o ser humano rumava para a morte, ele não volta mais. Contudo, é importante destacar que quando o mundo antigo falava sobre ressurreição (e todos os seus cognatos), negando-a, como foi exposto até aqui, não se pode oferecer qualquer controvérsia sobre ao quê isso se referia: era negado um retorno a algo como o tipo de vida que o ser humano experimentava quando em vida. Essa era a ideia ou a compreensão de ressurreição que se concebia e se negava. Ressurreição não era, portanto, uma forma de descrever em que consistia a morte. Era justamente a forma de descrever algo que todos sabiam que não acontecia, ou seja, a ideia de que a morte poderia ser revertida ou desfeita.

Esse pensamento, aliás, estava longe de ser exclusividade apenas de estudiosos ou poetas ou de pessoas culturalmente privilegiadas. A sabedoria popular também compartilhava da mesma opinião: todos sabiam que pessoas mortas não voltavam à vida.

Wright refere uma resposta de Plínio, o Velho, ao fim de uma seção na qual ele lista e ridiculariza várias crenças padrões sobre a vida após a morte: “Que ideia louca é esta, pergunta Plínio, de que a vida se renova através da morte? Todo mundo sabe que essa conversa não faz sentido algum”.¹⁹

MacMullen partilha que entre os cultos predominava essa convicção: “A ressurreição da carne parecia ser uma ideia alarmante, de mau gosto, em contradição com tudo que era aprovado pela sabedoria entre pessoas educadas”.²⁰

Ao que se observa é possível afirmar que no paganismo antigo as pessoas rejeitavam qualquer possibilidade de outra vida além-túmulo. Ao menos para o pensamento da maioria dos povos. É claro que outros pensamentos ocorriam, em menor dimensão e em todos os níveis de cultura, sobre algum tipo de sobrevivência após a morte, como a mitologia egípcia, por exemplo, onde isso se evidencia através dos seus embalsamamentos. Inclui-se aqui também o mundo grego

¹⁷ WRIGHT, N. T. *A Ressurreição do Filho de Deus*, p. 72.

¹⁸ O trecho final decisivo é *outis est' anastasis*.

¹⁹ WRIGHT, N. T. *A Ressurreição do Filho de Deus*, p. 73.

²⁰ MacMULLEN, Ramsey. *Christianizing the Roman Empire (A. D. 100-400)*, p. 12.

antigo: Demócrito ensaiava alguma coisa nesse sentido, justificando que uma vez que os átomos da alma e do corpo se juntaram por acaso, sempre existiria a possibilidade de que depois de serem dispersos na morte, pudessem se reunir novamente. Também Sócrates, na clássica obra de Platão *Apologia de Sócrates*, teorizou sobre o estado da alma após a morte.²¹

Algo impactante e importante que se pode supor é que o cristianismo nasceu em um mundo onde sua afirmação central era reconhecida amplamente como falsa. Muitos acreditavam simplesmente que os mortos eram não existentes; e, exagerando um pouco, é possível deduzir que fora do judaísmo ninguém acreditava na ressurreição.

1.3.2 A morte e o israelita do Antigo Testamento

Sob qualquer ponto de vista que se estude o problema da morte, invariavelmente, não é uma abordagem simples. Na tradição bíblica ocorre o mesmo fenômeno e o Antigo Testamento não se subtrai dessa complexidade. Os testemunhos das escrituras confirmam a dificuldade que experimenta o ser humano para encontrar explicação lógica para o problema da morte. De qualquer forma, está o Antigo Testamento constituído de diversas tradições erigidas ao longo do tempo e sobrepondo-se umas às outras. Essas tradições lógicas e naturalmente partem de uma psicologia diferente do homem contemporâneo. Por conseguinte, conformam afirmações que atualmente podem soar como autoexcludentes.

Muito longe de ser fora de propósito, bem ao contrário, traçar um quadro da evolução das doutrinas israelitas sobre a sorte dos mortos seria de muita valia. Todavia, isso certamente implicaria em um trabalho ingente e que ampliaria sobremaneira as dimensões desta pesquisa, razão pela qual não será realizado.

Mais objetivo para este estudo é observar-se como reage o homem em geral, e o israelita especialmente, diante da morte. Não se trata de estabelecer as diversas modificações em suas crenças devido às muitas influências a que o povo de Israel foi exposto. É principalmente considerado, então, o período pós Segundo Templo que antecede e que culmina posteriormente na era cristã.

²¹ WRIGHT, N. T. A ressurreição do Filho de Deus, p. 75.

Martin-Achard,²² embasado em James Thayer Addison, Philippe H. Menoud, Roger Mehl e outros, afirma que o Antigo Testamento rejeita a crença na imortalidade da alma que a filosofia de Platão fez célebre e que, frequentemente, é tomada como um dogma fundamental da fé cristã; para os israelitas, a alma não é de essência superior ao corpo nem pode viver sem ele, não pertence a uma realidade incriada e, portanto, imperecível. Seu destino não depende de sua natureza, mas sim do Deus vivo. A morte é aceita, portanto, como um fato geral e normal que afeta o ser humano integralmente.

Roland de Vaux,²³ na mesma linha de Martin-Achard, assevera que a distinção entre alma e corpo é estranha à mentalidade hebraica e, desse modo, a morte não é considerada como separação desses dois elementos. Uma pessoa viva é uma “alma (*nephesh hayah*) vivente”, um morto é uma “alma (*nephesh met*) morta” (Nm 6,6; Lv 21,11; Nm 19,13). A morte não é um aniquilamento porque enquanto subsiste o corpo, ou pelo menos enquanto perdura a ossada, subsiste a alma, em um estado de debilidade extrema, como uma sombra na morada subterrânea do *Xeol* (Jó 26,5-6; Is 14,9-10; Ez 32,17-32). Esclarece que essas ideias justificam os cuidados com o cadáver e a importância de um enterro conveniente, já que se acreditava que a alma continuava sentindo o que se fazia ao corpo. Em razão disso, deixar o cadáver abandonado, sem sepultura, como presa para as aves e os animais selvagens, era a pior das maldições (1Rs 14,11; Jr 16,4; 22,18-19; Ez 29,5). Acrescenta também que o cadáver que é entregue à corrupção, e a tumba que o contém, são considerados impuros. Restam igualmente impuros aqueles que os tocam (Lv 21,1-4; 22,4; Nm 19,11-16; Ag 2,13; Ez 43,7).

De observar-se que esses cuidados com o sepultamento, que acarretava também em diversos ritos fúnebres, já foram interpretados como manifestações de um culto aos mortos; seja por considerar o morto como temível, procurando proteger-se dele ou fazê-lo propício, seja atribuindo aos mortos um caráter divino. Vaux novamente esclarece que o Antigo Testamento não oferece nenhuma base sólida para tais explicações. Diferentemente, esses ritos seriam apenas expressões de dor causadas pela perda de um ente querido. Contudo é necessário reconhecer que determinados ritos tem seus significados ainda obscuros como, por exemplo, as oferendas alimentícias feitas ao defunto onde se questiona se expressariam, pelo menos, a crença em uma vida além-túmulo (Br 6,26; Eclo 30,18). O mais plausível, enfim, é conceber que as cerimônias

²² MARTIN-ACHARD, Robert. Da Morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento, p. 34.

²³ VAUX, Roland de. Instituições de Israel no Antigo Testamento, p. 80.

eram consideradas um dever que se devia aos mortos, como um ato de piedade (1Sm 31,12; 2Sm 21,13-14; Tb 1,17-19; Eclo 7,33; 22,11-12). E, especificamente para os filhos, esses ritos faziam parte dos deveres para com os pais impostos pelo Decálogo. Honravam-se os mortos com espírito religioso, mas nem por isso deve-se necessariamente supor que lhes tributavam qualquer espécie de culto.²⁴

1.3.3 Crenças israelitas sobre a vida após a morte

N. Wright informa que os estudos e avaliações mais recentes sobre as antigas crenças israelitas atinentes à vida após a morte, têm estabelecido três tipos ou modos de crenças bem distintas. Primeiro tipo: no período arcaico havia pouca ou nenhuma esperança para uma vida de alegria ou bem-aventurança após a morte: o *Xeol* tragava os mortos e mantinha-os numa lúgubre escuridão. Jamais os permitia voltar. Segundo tipo: esperança de uma vida bem aventurada, após a morte, “no seio de Abraão”, junto aos patriarcas, depois de uma morte em paz e uma vida longa e feliz. Terceiro tipo: em determinado momento, alguns israelitas piedosos começaram a considerar que o amor e poder de Yahweh eram tão fortes que o relacionamento existente entre aqueles que desfrutavam com ele, no presente, não poderia ser quebrado, mesmo pela morte. Esse momento, no entanto, ninguém sabe precisar quando teria ocorrido, pois é muito difícil datar desenvolvimentos em tais questões. A partir daí, como consequência, uma ideia bastante nova surgiu: os mortos seriam ressuscitados.²⁵

Em síntese, três posições emergem: ausência de esperança além da morte; esperança de uma vida bem-aventurada após a morte; esperança de uma nova vida corpórea após a “vida após a morte”, isto é, uma nova vida após um período em que se está morto, defendido pelos judeus do tempo de Jesus e da igreja primitiva.

No tocante a uma vida bem-aventurada após a morte, é importante lembrar algumas características singulares dessa esperança israelita, conforme pontua Martin-Achard.²⁶ Abraão, Ismael, Isaque e Jacó morrem em paz, depois de uma velhice longa e feliz (Gn 15,15; 25,8; 35,29; 49,33). Esse fim tranquilo de uma vida plena, contudo, não lhes está exclusivamente reservado (Jz 8,32; 2Sm 7,12; Jó 5,26; 42,17; Sl 91,16; entre outras narrativas). Isso é prometido

²⁴ VAUX, Roland de. Instituições de Israel no Antigo Testamento, p. 86.

²⁵ WRIGHT, N. T. A Ressurreição do Filho de Deus, p. 144.

²⁶ MARTIN-ACHARD, Robert. Da Morte à Ressurreição..., p. 38.

também aos que viverem no momento da restauração de Jerusalém e do universo (Is 65,20; Zc 8,4). Também é importante ter em mente que no pensamento israelita o indivíduo morre, mas Israel continua, isto é, os indivíduos se vão “pelo caminho de todos” (Js 23,14; 1Rs 2,2), mas o povo escolhido subsiste e isso é o essencial.

Martin-Achard assinala que foi com Israel que Yahweh deu sua Palavra, com quem estabeleceu aliança, destacando as palavras de Jean-Jacques Von Allmen sobre a natureza dessa aliança: “A fé israelita é principalmente nacional e comunitária antes de ser individualista e pessoal..., a morte dos membros desse povo não é um problema particularmente desventurado”. Sob outro aspecto, a fim de que a morte não implique em uma ruptura total das relações entre Israel com os mortos, é necessário que estes tenham descendência e, em especial, um filho varão, através do qual e em certo sentido, continuarão vivendo. A perspectiva do nascimento de um menino tem algo de solene (Jr 20,15; Jó 3,3, Is 7,14; etc.). De outro modo, a esterilidade é causa de profunda amargura, além de ser uma desonra para a esposa (Gn 30,1-24; 1Sm 1, 14-17; Is 54,1).²⁷

A importância da descendência também é fundamentada em uma espécie de desfecho para a morte. O ser humano continua existindo em seus filhos já que o homem não é um indivíduo desvinculado de seus entes-queridos, próximos ou distantes, ele é o mesmo no tempo e no espaço. O israelita constitui uma unidade com sua família de ontem e de amanhã, um corpo com seus antepassados e seus descendentes. Os antepassados participam de sua vida da mesma forma que ele participa da existência dos seus filhos. O futuro e o passado de todo povo estão presentes no destino de cada membro de Israel. O israelita faz parte de uma comunidade que começou antes dele e termina depois dele, nunca deixará de lhe ser pertencente. Sua história particular começa com Abraão, inclusive Adão, e termina com o estabelecimento do reinado de Yahweh.²⁸

1.4 VENCENDO A MORTE: PAVIMENTANDO O CAMINHO PARA A RESSURREIÇÃO

Já se viu que o sonho dos israelitas do Antigo Testamento, especialmente na era pré-exílica, antes do século VI a. C., era desfrutar uma vida longa e feliz, temente a Deus, entre os

²⁷ MARTIN-ACHARD, Robert. Da Morte à Ressurreição..., p. 38-39.

²⁸ Ibidem, p. 41.

seus e esperar, ao final, ter atingido a plenitude dos anos, juntando-se pacificamente aos seus predecessores na tumba ancestral.

Geza Vermes ensina que durante os anos do exílio babilônico, a ideia de uma existência renovada surgiu subitamente no âmbito nacional, na sequência da perda da independência judaica em 586 a. C. A visão mística do profeta Ezequiel (Ez 37,1-14) que narra a reanimação dos ossos secos simbolizava a ressurreição do povo morto de Israel, real ou figurativamente, assassinado pelos exércitos de Nabucodonosor, rei de Babel. Assim como nessa aspiração de renascimento coletivo, podem-se encontrar vestígios semelhantes nos escritos pós-exílicos indicando que indivíduos também aspiravam por livrar-se do Xeol. Além do medo inato da morte e suas consequências, o desejo de fugir do inferno derivava do desejo religioso do israelita de continuar glorificando, adorando e dando graças ao Senhor.²⁹

Ademais, esclarece o autor que a visão tradicional de que na vida futura todos serão tratados como iguais é substituída por uma visão nova, com uma distinção grave entre os virtuosos e os pecaminosos prevalecendo mesmo na terra dos mortos. O Xeol é a casa dos néscios. Somente estes estão lá para ficar. Para os devotos, porém, um raio de esperança brilha: “Mas Deus resgatará a minha vida das garras do Xeol, e me tomará” (Sl 49,16). Igualmente o Sl 16,10: “... Pois não abandonarás minha vida no Xeol, nem deixarás que teu fiel veja a cova!”

A Bíblia de Jerusalém,³⁰ em nota comentando o Sl 49,16, no item “g”, refere que o sábio conta com Deus para escapar do Xeol. Nesse fragmento, entretanto, a nota opina que não se pode afirmar que o texto esteja prevendo a possibilidade de o resgatado do Xeol ser arrebatado ao céu como Henoc (Gn 5,24) e Elias (2Rs 2,3): “Mas ele pensa que a sorte final dos justos deve ser diferente da dos ímpios e que a amizade divina não deve cessar. Essa fé ainda implícita em uma retribuição futura prepara a revelação posterior da ressurreição dos mortos e da vida eterna”.

Veja-se essa esperança incipiente também em 2Mc 7,9s: “Chegado já ao último alento, disse: ‘Tu, celerado, nos tiras desta vida presente. Mas o Rei do mundo nos fará ressuscitar para uma vida eterna, a nós que morremos por suas leis!’”

Com relação aos virtuosos, ou os israelitas que tiverem vivido uma vida devota, um destino por demais esperado é o da futura morada com os patriarcas, quando serão recebidos no “seio de Abraão” (Lc 16,19-31). Essa expressão rabínica, aliás, demonstra, de forma incontestada, a

²⁹ VERMES, Geza. Ressurreição: História e Mito, p. 25.

³⁰ Bíblia de Jerusalém, Sl 16,10-11, letra g, p. 913.

antiguidade dessa tradição, posteriormente consagrada no Novo Testamento.³¹ Assim, nos séculos subsequentes ao exílio babilônico, uma imagem diferente da existência de sombra no Xeol começa a luzir no horizonte religioso de Israel.

A nova perspectiva se desenvolveu através de duas vertentes diferentes no período pós-exílico. Geza Vermes explica que a primeira formulação ocorreu durante a última parte do terceiro século, e ganhou força durante os séculos II e I a. C. Ela é representada, por um lado, na bíblia hebraica, no pequeno Apocalipse inserido no Livro de Isaías (caps. 24-27) e no capítulo 12 do Livro de Daniel. Por outro lado, no Livro da Sabedoria de Salomão entre os deuterocanônicos gregos na Septuaginta.³²

No pensamento hebraico a vitória sobre o Xeol foi revelada na reanimação dos corpos mortos: “Os teus mortos tornarão a viver, os teus cadáveres ressurgirão. Desperta e cantai, vós que habitais o pó, porque teu orvalho será orvalho luminoso, e a terra dará à luz sombras” (Is 26,19). Nessa visão, a ressurreição é imaginada como uma recompensa destinada aos justos. Os iníquos, por sua vez, colheriam a destruição como sua justa recompensa e suas memórias seriam apagadas para sempre (Is 26,13-14).

Na etapa seguinte, conforme se vê em Daniel, a ressurreição se torna universal e se faz seguir por um julgamento divino recompensando os bons e aniquilando os ímpios: “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno” (Dn 12,2). Este, aliás, é um dos textos mais explícitos do Antigo Testamento sobre a ressurreição da carne de modo universal.

Vermes ensina que, ao lado do conceito judeu-palestino de restauração da unidade corpo e alma, a ressurreição dos judeus helenizados, conforme o autor da Sabedoria de Salomão grega, evita a ideia de um vínculo renovado entre a alma e o corpo e prefere conceber a imortalidade da vida após a morte como a libertação do espírito da prisão da “tenda de argila”: “Um corpo corruptível pesa sobre a alma e esta tenda de argila faz o espírito pesar com muitas preocupações” (Sb 9,15).³³ Segundo a Bíblia de Jerusalém, comentando em nota este versículo, os termos empregados recordam a oposição estabelecida pela filosofia grega entre o corpo e a alma ou o espírito. Não obstante, o autor julga normal a união entre alma e corpo. Acrescenta

³¹ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 26.

³² Ibidem, p. 26s.

³³ Ibidem, p. 27.

também que no Antigo Testamento a imagem da “tenda” evocava a precariedade da existência humana (Jó 4,21; Is 33,20; 38,12).³⁴

É importante destacar que a ideia de uma vida após a morte, seja através da ressurreição do corpo ou da libertação da alma imortal, não foi universalmente aceita pelos judeus, especialmente na virada para a era cristã. Essa crença era característica dos fariseus na época de Jesus, mas os saduceus, a aristocracia sacerdotal conservadora do período final do Segundo Templo, aderiram firmemente ao conceito tradicional do caráter final da morte: “Não esqueças: não há volta, de nada servirias ao morto e ainda te prejudicarias” (Eclo 38,21). Jesus, filho de Sirac, ainda aponta uma perspectiva fatalista sobre o fim: “Não temas a sentença da morte, lembra-te dos que te precederam e dos que te seguirão. É a sentença do Senhor para toda carne; por que recusares a vontade do Altíssimo?” (Eclo 41,3).³⁵

Em síntese, juntamente com N. Wright e outros, a ressurreição possui dois sentidos básicos no período compreendido principalmente a partir do Segundo Templo, havendo inclusive considerável fluidez entre eles. Num dos sentidos concebe-se a restauração de Israel, ou a “ressurreição” como algo metafórico, denotando eventos sócio-políticos que representam, na verdade, um novo ato de criação, de restauração da aliança. Outro sentido é a restauração dos corpos humanos, sendo a “ressurreição” algo literal, denotando uma efetiva reincorporação. Oportuno também registrar que alguns judeus falavam de uma vida incorpórea abençoada, mas esta vida não é descrita como “ressurreição”. Quando se emprega o termo “ressurreição”, não se concebe isso como o destino imediato após a morte. Também nada aqui prepara para o significado de que após a crucificação, Jesus entrou na vida gloriosa junto a Deus ou a passagem do Jesus humano para a definitiva glorificação. Não obstante a rejeição de alguns, “ressurreição” também não era usada para descrever a exaltação de Enoque ou Elias. Em seu sentido literal, “ressurreição” pertence ao quadro mais amplo das crenças judaicas sobre a vida após a morte; em seu sentido metafórico, político, o termo pertence ao campo das ideias sobre o futuro que Yahweh prometeu a Israel. Ambos os sentidos, no entanto, geraram e sustentaram uma revolução nacionalista. A esperança de que Yahweh restauraria Israel proporcionou a meta; a esperança de que restauraria os corpos humanos, especialmente daqueles que morressem pela causa, removeu o medo que poderia ter minado a busca por esse objetivo. O autor observa que, diante de tudo

³⁴ Sb 9,15, letra a, p. 1120.

³⁵ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 27.

isso, não é de se estranhar que os aristocratas saduceus tenham rejeitado a ressurreição, considerando-se o *status quo* privilegiado do qual desfrutavam. Em resumo, qualquer pessoa que utilizasse os termos comuns para “ressurreição”, dentro do judaísmo do Segundo Templo, seria ouvido dentro desse alcance estritamente limitado de significado.³⁶

Enfim, é nesse contexto de muitas contradições que serão confrontados os fatos e as declarações de Jesus, de seus seguidores e dos escritores cristãos primitivos, sobre a ressurreição. O que eles tentaram comunicar a seus leitores e ouvintes quando contaram sobre o Cristo ressuscitado dentre os mortos? Qual a compreensão do que isso significa hoje? É o que se verá a seguir!

³⁶ WRIGHT, N. T. A Ressurreição do Filho de Deus, p. 301-302.

2 A RESSURREIÇÃO NO NOVO TESTAMENTO E OUTRAS FONTES CRISTÃS DOS PRIMEIROS SÉCULOS

2.1 A REVELAÇÃO BÍBLICA

Inicialmente, algumas breves considerações sobre a revelação bíblica na história de um povo e em Jesus Cristo segundo João Batista Libanio.³⁷ Ensina o mestre que a revelação se fez na história. Isso não é uma afirmação genérica e abstrata, mas uma constatação: “Deus falou na Sagrada Escritura por meio de homens e de maneira humana”.³⁸

Esclarece Libanio que a história da palavra de Deus aos homens é sempre mediada pelos próprios homens. Deus escolheu um povo e com ele fez uma aliança, revelando-lhe seu ser e projeto salvífico. Essa experiência que era de um povo ampliou-se e recebeu uma interpretação universal e definitiva em Jesus Cristo. A comunidade reconheceu através de sua mensagem, atitudes, práticas, gestos, ser ele o próprio Filho de Deus, mensageiro e revelador escatológico de Deus. A revelação bíblico-cristã fez da realidade do mundo e de toda a história humana uma leitura histórico-salvífica, de maneira especial a partir da dupla experiência fundamental de Deus na Aliança e, sobretudo, em Jesus Cristo. Assim, a própria criação não é somente a manifestação do poder, beleza e sabedoria de Deus, mas também palco para a ação salvadora de Deus (Gn 1-2) e obra feita por, em e para Cristo (Cl 15-17). A história de Israel constitui-se na grande ação salvadora de Deus que culminou na vinda de Jesus Cristo. Essa revelação foi transmitida como uma história realizada em etapas onde, em cada etapa, o autor sagrado revela facetas do ser e do projeto de Deus.

Com relação ao instrumento utilizado para expressar a comunicação divina, a palavra, João Batista Libanio cita René Latourelle quando afirma que a palavra permanece a expressão privilegiada, a mais frequente e significativa para exprimir essa comunicação.³⁹ Instrui, a seguir, que a Bíblia conhece um processo de verbalização da revelação que não é idêntico à conceitualização abstrata da escolástica. Consiste na necessidade do papel mediador da palavra para traduzir uma experiência com pretensão de manifestação de Deus, a ser vivenciada e, sobretudo, comunicada. A revelação vai ser compreendida cada vez mais tendo como pano de

³⁷ LIBANIO, João Batista. Teologia da revelação a partir da modernidade, p. 311-313.

³⁸ Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Dei Verbum*, nº 2.

³⁹ LATOURELLE, René. Teologia da revelação, p. 14.

fundo a matriz humana da palavra, como um “falar categorial de Deus”. A palavra, enfim, responde belamente ao caráter ontológico transcendente de Deus e à elevação do nível de conhecimento. Compare-se a dupla narrativa da criação para perceber como a leitura sacerdotal, usando a palavra como intermediária do ato criativo, exprime nível mais abstrato, teológico, elevado, mais condizente com o caráter transcendente de Deus. Esse processo termina identificando o próprio Filho de Deus com a palavra eterna feita carne: “E o Verbo se fez carne” (Jo 1,14)

2.2 OS ENSINAMENTOS DE JESUS SOBRE A RESSURREIÇÃO E OS SINÓTICOS

Desde o momento em que Paulo escreveu suas epístolas nos anos 50 d. C., a ressurreição de Jesus e a ressurreição em geral mantiveram-se no centro do pensamento do Novo Testamento e da teologia cristã. Paulo é radical quanto ao tema: sem a crença na ressurreição, primeiramente na ressurreição de Jesus, sua pregação é vazia e vazia e ilusória também é a fé do crente (1Cor 15,12-17). Geza Vermes acentua que, nessas circunstâncias e conjuntura, seria justificável que se esperasse encontrar nos ensinamentos de Jesus, através do transmitido nos Evangelhos, numerosas referências à ressurreição dos mortos e à sua própria ressurreição. Entretanto, grande é a surpresa de quem assim espera, pois os pronunciamentos gerais de Jesus sobre ressurreição são poucos e não ocorrem frequentemente. Segundo esse teólogo, “as alusões à sua ressurreição podem ser contadas nos dedos da mão e, quando analisadas com olhos críticos, se revelam inautênticas”.⁴⁰

François-Xavier Durrwell opina que a tradição sinótica do Evangelho não parece dar à ressurreição senão um papel apagado na missão do filho do homem. Isso seria evidência da notável objetividade histórica dos autores, os quais beberam o essencial de seu material em uma pregação onde a glorificação de Jesus ocupava o lugar central. Para eles, a mensagem consistia no anúncio do próximo advento do Reino. Nos primórdios do ministério de Jesus, todo o evangelho está contido em uma fórmula concisa: “Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). O papel pessoal do filho do homem é o de anunciador do Reino e introdutor do povo nessa realidade lá do alto.⁴¹

⁴⁰ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 83.

⁴¹ DURRWELL, F. X. A Ressurreição de Jesus..., p. 11.

Vermes, retomando com ele, relata que há duas narrativas relativas à ressurreição nos Evangelhos Sinóticos nos quais Jesus não é nem o ressuscitador e nem o ressuscitado e registram-se quatro predições concernentes à sua própria ressurreição. Das duas referências genéricas à ressurreição, uma é meramente superficial e apenas data um outro acontecimento; a outra é substantiva, e está embutida numa história controversa. A primeira ocorre numa parábola que lida com os convidados chamados a um banquete, a qual só é preservada em Lucas (Lc 14,7-14). Nela, Jesus aconselha o anfitrião a não convidar seus amigos, membros da sua família e vizinhos ricos, mas “os pobres, estropiados, coxos e cegos”, que são incapazes de retribuir a sua generosidade. Assim, em vez de esperar uma retribuição imediata em forma de convites semelhantes para festividades, ele adia a sua recompensa até a “ressurreição dos justos” (Lc 14,14).⁴²

Ocorre somente uma narrativa sinótica tratando do problema da ressurreição atribuída a Jesus. Ela irrompe num debate com os saduceus numa série de controvérsias e disputas doutrinárias situadas em Jerusalém, os chamados *apophthégmata*. Destaque-se que enquanto outras polêmicas enfrentadas como o divórcio, a autoridade de Jesus, a legitimidade do pagamento de impostos a Roma e a identidade precisa do filho de Davi são pertinentes ao contexto da chegada de Jesus à Cidade Santa, durante a semana fatídica da Páscoa, o encontro com os saduceus é fortuito. Isso indica que essa controvérsia foi erigida nesse contexto por ser uma discussão doutrinal que necessariamente teve lugar em Jerusalém e levando-se em conta que Jesus só visita a capital da Judeia uma vez nos Evangelhos Sinóticos (Mc 12,18-25; Mt 22,23-33; Lc 20,27-36).⁴³

Klaus-Michael Bull,⁴⁴ por sua vez, também constata o mesmo objetivo corroborando que o tema das perícopes tem a ver com perguntas centrais da piedade judaica, configurando, ao mesmo tempo, a maneira de o evangelista descrever posições fundamentais dos cristãos de então.

Então foram até ele alguns saduceus – os quais diziam não existir ressurreição – e o interrogavam: “Mestre, Moisés deixou-nos escrito: Se alguém tiver irmão que morra deixando mulher sem filhos, tomará ele a viúva e suscitará descendência para o seu irmão. Havia sete irmãos. O primeiro tomou mulher e morreu sem deixar descendência. O segundo tomou-a e morreu sem deixar descendência. E o mesmo sucedeu ao terceiro. E os sete não deixaram descendência. Depois de todos também a mulher morreu. Na ressurreição, quando ressuscitarem, de qual será a mulher? Pois que os sete a tiveram por mulher”. Jesus disse-lhes: “Não estais errados, desconhecendo tanto as Escrituras como o poder de Deus? Pois quando ressuscitarem dos mortos, nem eles se casam nem elas se dão em casamento, mas serão como anjos nos céus” (Mc 12,18-25).

⁴² VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 84.

⁴³ Ibidem, p. 84.

⁴⁴ BULL, Klaus-Michael. Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia, p. 32.

Com efeito, na ressurreição, nem eles se casam e nem elas se dão em casamento, mas são todos como anjos no céu (Mt 22,30).

Jesus lhes respondeu: “Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamentos; mas os que forem julgados dignos de ter parte no outro mundo e na ressurreição dos mortos, não tomam nem mulher nem marido; como também não podem morrer: são semelhantes aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição” (Lc 20,34-36).

Essa narrativa contém uma mensagem sobre a ressurreição por meio de uma curiosa aventura de uma mulher judia, onde o evangelista se utiliza do pano de fundo da lei bíblica que regula o casamento levirático (Dt 25,5-6). A lei mosaica obrigava a mulher sem filhos a casar-se com o irmão de seu falecido marido, se ele desejasse tomá-la como esposa. O propósito da lei era dar ao marido falecido um herdeiro: a primeira criança do sexo masculino nascida da nova união era reconhecida como filho do irmão falecido. Na história trazida pelos saduceus, a mulher passou por casamentos sucessivos com seus cunhados, sepultando-os todos, um após outro, sem gerar descendência com qualquer um. Ao fim, ela também se junta aos seus sete ex-maridos no Xeol. A pergunta provocativa feita a Jesus diz respeito ao futuro escatológico da viúva de sete esposos: “Na ressurreição, de qual deles ela será mulher?”

Na análise de Vermes,⁴⁵ os comentadores mais críticos supõem corretamente que o conflito seja inautêntico e provavelmente reflete, por antecipação, discussões opondo os arrogantes saduceus e os representantes da Igreja apostólica no período posterior do século I, mas não há razão para duvidar que as ideias aqui expressas correspondam ao pensamento escatológico de Jesus. A história em si tem claros traços de ficção, considerando o que se tem a partir de outros relatos do Evangelho sobre Jesus como polemista:

Por exemplo, a sua orgulhosa recusa de declarar aos enviados dos chefes dos sacerdotes a origem de sua autoridade (ver Mc 11,27-33; Mt 21,23-27; Lc 20,1-8) é difícil imaginá-lo tolerando o que parece ser uma cínica pegadinha da parte dos saduceus. A história do Evangelho tem todas as aparências de uma brincadeira dos judeus de classe alta, dirigida não a Jesus, que os chefes dos sacerdotes temiam, mas aos apóstolos, que para eles eram como camponeses rudes da Galileia (At 4,13).

O teólogo destaca que a resposta colocada nos lábios de Jesus dá uma noção de como alguns judeus do século I d. C., e possivelmente o próprio Jesus, concebiam o estado de uma pessoa ressuscitada dentre os mortos. Os “filhos da ressurreição” seriam incorpóreos e se pareceriam com “anjos de Deus” ou “filhos de Deus”. O quadro tem paralelo na literatura judaica contemporânea, como o Primeiro Livro de Henoc (na seção das Parábolas ou Alegorias, datável

⁴⁵ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 86-87.

do último quarto do século I d. C., cujo autor, como o Jesus dos Sinóticos, comparou os ressurretos virtuosos a “anjos no paraíso” (1He 51,3). O Segundo Livro de Baruc (também conhecido como o Apocalipse Sírio de Baruc), igualmente do período posterior do século I d. C., também fala que a glória dos justos ressuscitados é semelhante, e até supera, o esplendor dos anjos (2Br 50).

Naqueles dias os montes saltarão como cabritos e os outeiros pularão como cordeiros saciados de leite, e a face dos Anjos no céu resplenderá de alegria. Pois naqueles dias reinará o Eleito, a terra se alegrará, os justos habitarão sobre ela e os escolhidos sobre ela passearão (1He 51,3).⁴⁶

Passado o dia preestabelecido, a aparência dos pecadores será mudada. Mas os que se comportaram de acordo com a Justiça, resplenderão de glória. A face dos malfeitores se turvará, porque deverão suportar sofrimentos. A aparência gloriosa daqueles que se comportaram corretamente, segundo a minha Lei, que em vida tiveram prudência, e que no seu coração plantaram a raiz da Sabedoria, irradiará um brilho multiforme. O seu rosto se cobrirá de esplendorosa beleza. Assim eles entrarão na posse daquele mundo há muito prometido, imortal. [...] A glória dos justos será ainda maior do que a glória dos Anjos (2Br 50).⁴⁷

Willibald Bösen, amparado em Bultmann e outros, desposa do entendimento de que durante muito tempo, aliás, a historicidade dessas disputas era controversa. Eram tidas como construções ideais, isto é, não relatos sobre acontecimentos históricos, mas construções e, portanto, tratava-se de discussões fictícias da comunidade primitiva sobre questões então atuais. Segundo este autor, hoje reina uma maior cautela na avaliação histórica. Assim, apesar de as situações que servem de moldura e os conflitos descritos aparecerem bem estilizados, não excluem recordações históricas em muitos dos casos. Cada caso concreto teria de ser examinado objetivando apurar se palavras e situações podem ser atribuídas ao Jesus pré-pascal.⁴⁸

Geza Vermes ensina que com relação à resposta de Jesus na narrativa em questão, aos olhos do Mestre, as pessoas ressurretas ou, mais precisamente, os justos ressuscitados, aqueles que a maior parte do tempo ele parece ter encarado como dignos de ressurreição, eram seres puramente incorpóreos, sem as necessidades e as funções da carne e do sangue. Para Jesus, ou pelo menos para seus discípulos posteriores, os filhos da ressurreição tinham uma qualidade angélica incorpórea. Por consequência, a ideia de casamento com suas implicações corpóreas seria inaplicável a eles:

⁴⁶ PROENÇA, Eduardo de (Org.). Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia: Vol. I, p. 282.

⁴⁷ Ibidem, p. 807.

⁴⁸ BÖSEN, Willibald. Ressuscitado segundo as escrituras..., p. 97.

Isso implicaria que na mente de Jesus, a distinção entre ressurreição e mera sobrevivência espiritual era mínima. O estudo de seu conceito de “vida” ou “vida eterna” confirmará essa conclusão. A única conclusão sustentável é que a ressurreição corpórea não teve nenhum papel significativo no pensamento de Jesus, embora ele tivesse, sem dúvida, consciência da ideia. Se assim for, o conceito deve ter ganhado popularidade numa etapa posterior.⁴⁹

2.3 A RESSURREIÇÃO NO EVANGELHO DE JOÃO

Os Sinóticos parecem conhecer, consoante brevemente discorrido acima, apenas uma Páscoa na vida pública de Jesus: a última; João marca sua narrativa pela menção, repetida seis vezes, acerca de páscoas sucessivas (2,12-23; 6,4; 11,55; 12,1; 13,1). Essa frequência e essa insistência revelam uma intenção, imprimem uma finalidade à narrativa, segundo F. X. Durrwell, o qual informa também que alguns teólogos veem, nessa menção repetida, intenção “escatológica, uma alusão ao cordeiro pascal”.⁵⁰

Nicholas Thomas Wright ensina que o Evangelho de João é bem diferente dos sinóticos, mas ele se assemelha com estes num aspecto: também testemunha o caráter central e a rica variedade das ideias da “ressurreição” em uma corrente distinta do cristianismo primitivo. Assim como em Lucas, mas a seu próprio modo, João permitiu que vários temas de “ressurreição” fossem ouvidos em vários pontos do seu evangelho. A nova vida que será consumada na ressurreição como tal exerce uma influência retrospectiva sobre o presente e já fez o mesmo no ministério de Jesus.⁵¹

N. Wright inicia uma análise da ressurreição em João ressaltando que os seus capítulos pascais, juntamente com Romanos 8, sem falar das passagens chave na correspondência aos Coríntios, são consideradas as peças escritas mais gloriosas sobre a ressurreição. João e Romanos são, naturalmente, completamente diferentes quanto ao gênero e estilo. De modo diferente da argumentação firme e densa de Paulo, salienta o autor, tem-se “o relato enganosamente simples dos eventos pascais feito por João, cálido e com uma caracterização humana profunda e emocionante”.⁵²

No tocante especificamente ao tema, uma percepção comum de João é significativamente imperfeita para esse notável teólogo. Refere que alguns estudiosos têm enfatizado tanto o ensino

⁴⁹ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 87.

⁵⁰ DURRWELL, F. X. A Ressurreição de Jesus..., p. 23.

⁵¹ WRIGHT, N. T. A Ressurreição do Filho de Deus, p. 611.

⁵² Ibidem, p. 911.

de João sobre a “vida eterna”, como algo disponível às pessoas dentro da vida presente, que não sobra espaço dentro de sua teologia para ressurreição alguma, seja de Jesus ou de seus seguidores. Entretanto, ao mesmo tempo, João vê a própria crucificação de Jesus como um momento chave de glória, de “levantamento”.

Naturalmente, isso leva não apenas a uma subestimação das narrativas pascais, mas também a uma tentativa de marginalizar a passagem chave de Jo 5,25-29. [...] Isso também leva à sugestão de que, para João, crucificação, ressurreição e ascensão são basicamente a mesma coisa: Jesus está “partindo” e isto é tudo. O que importa é sua “exaltação gloriosa no céu, não sua breve aparição póstuma na terra”.⁵³

Na mesma linha, Gerhard Barth instrui que o significado que a morte de Jesus adquire na teologia joanina é controvertido. Justifica isso argumentando que a discussão dos últimos anos foi determinada, principalmente, pela investida de Ernst Käsemann que vê, no Evangelho de João, a vida terrena de Jesus meramente como pano de fundo para o filho de Deus que marcha pelo mundo humano e como espaço para a irrupção da glória celestial. Desse modo, só lhe caberia a função de retorno para a glória celestial. Sua morte, portanto, seria somente para esse retorno, esvaziada como morte por ter sido glorificada. Aduz Barth que alguns pesquisadores seguiram Käsemann nesse ponto e cita, por exemplo, Ulrich B. Müller para quem a morte de Jesus é somente o seu retorno exitoso e o interesse salvífico aparentemente não se prende ao sofrimento e à cruz, mas à sua exaltação.⁵⁴

De fato, a morte de Jesus em João repetidamente é descrita como “ser exaltado” (*hypsôthênai* - 3,14; 8,28; 12,32-34) e como “ser glorificado” (*doxasthênai* - 12,23; 13,31ss; 17,1-5; 7,39; 12,16). Isso porque no evangelho joanino a morte, a ressurreição, a exaltação e o retorno de Jesus ao Pai coincidem (7,33; 12,32s; 13,1; 14,12; 14,28).⁵⁵ A ressurreição então, com tudo que a expressão carrega e implica, ao que parece, passa bem ao largo dessa discussão no 4º Evangelho.

Gerd Theissen diz que o Evangelho de João é uma reinterpretação da fé cristã à qual, no cristianismo tradicional, é atribuída uma insuficiência. E isso se torna mais claro na escatologia. Para os primeiros cristãos o Reino de Deus, a Parusia, a Ressurreição e o Juízo eram esperados como acontecimentos futuros. Mas a fé cristã primitiva, de Jesus até o Apocalipse, caracteriza-se pela convicção de que essas coisas em parte já estavam se realizando. O Evangelho de João diante dessas afirmações atuais, presentes à base da fé, impele as coisas futuras para a margem.

⁵³ WRIGHT, N. T. A Ressurreição do Filho de Deus, p. 915.

⁵⁴ BARTH, Gerhard. “Ele morreu por nós”: A compreensão da morte de Jesus Cristo no Novo Testamento, p. 144.

⁵⁵ Ibidem, p. 145.

Assim, veja-se a reinterpretação da Parusia no primeiro discurso de despedida. Inicialmente, Jesus anuncia que deixa os discípulos, a fim de entre as muitas “moradas” na casa do Pai preparar um lugar para eles, prometendo então sua Parusia no sentido tradicional: Então “... virei novamente e vos levarei comigo...” (14,3). No final, todavia, ele promete: “Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (14,23). Agora as moradas da salvação já não se encontram mais no céu, mas sim nos corações das pessoas. Jesus não irá mais preparar moradas na casa do Pai, mas seus adeptos devem preparar no seu íntimo uma morada para o Pai e para Jesus. Também a vida eterna não é mais apenas uma coisa futura. Em 17,3 ela é definida como o conhecimento de Deus: “Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo”. O mesmo vale para a Ressurreição e o Juízo, que igualmente também não são mais apenas acontecimentos futuros. Pelo contrário: “... Quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte à vida” (5,24). O Juízo realiza-se já agora no coração das pessoas, quando Jesus é por elas acolhido ou rejeitado: “Quem nele crê não é julgado; quem não crê, já está julgado” (3,18). Theissen conclui dizendo que “Com esta transposição da salvação escatológica para o presente, Jesus e sua mensagem passam a ser um confronto intemporal com o Deus eterno”.⁵⁶

Com relação à história pascal de João, segundo o pensamento de Nicholas Wright,⁵⁷ é possível rapidamente apresentá-la começando com a descoberta do túmulo vazio (20,1-18), que coincide parcialmente em conteúdo com a história dos sinóticos, mas que tem nas diferenças o destaque: Maria Madalena é a única citada entre as mulheres, e ela se encontra com Jesus (como as mulheres na versão em Mateus). Assim como em Lc 24,12, Pedro corre até o túmulo ao ouvir a notícia; mas, nesse evangelho, o discípulo amado o acompanha e em cena dramática eles correm juntos, com o discípulo amado chegando primeiro ao túmulo. Aliás, em Lc 24,24, inclusive, existe a consciência de que mais de um discípulo do sexo masculino foi ao local, concordando com João. Contudo, há consideravelmente mais detalhes em cada ponto da narrativa de João, do que nos paralelos sinóticos: a descrição dos lenços mortuários, por exemplo, e do diálogo entre Jesus e Maria.

⁵⁶ THEISSEN, Gerd. O Novo Testamento, p. 113-114.

⁵⁷ WRIGHT, N. T. A Ressurreição do Filho de Deus, p. 913s.

Seguem-se duas histórias que acontecem à noite no, cenáculo, onde a primeira ocorre no mesmo dia dos acontecimentos no jardim e a segunda, uma semana depois. A primeira (20,19-23) parece corresponder em conteúdo, embora não muito no vocabulário usado, com Lc 24,36-49: Jesus comissiona seus seguidores a uma missão ao mundo, e lhes outorga o Espírito com o fim de prepará-los para a tarefa. A segunda apresenta uma cena que artistas antigos e modernos “adoram”, ressalta o teólogo. Tomé, que não estava presente naquela primeira noite, adquire agora o seu apelido perpétuo ao declarar sua dúvida de que o Senhor havia de fato ressuscitado e então é confrontado pelo Jesus ressuscitado, que o convida a tocar e ver por si mesmo. Tomé recusa o convite, fazendo por sua vez a confissão de fé mais completa de todo o evangelho: “Meu senhor e meu Deus” (20,28). Jesus faz um comentário irônico, a cena termina e, assim, também, ao que parece, o livro em sua forma original.

O capítulo 21 ocorre na Galileia; João, como Mateus, apresenta Jesus aparecendo em Jerusalém e na Galileia, embora no caso de João as aparições sejam muito mais detalhadas e a da Galileia aconteça na orla do lago, e não no monte. Pedro e os outros seis dos discípulos (supõe-se dos Doze) saem para pescar e nada pegam; sem ser reconhecido, Jesus dirige as operações a partir da costa, como antes havia feito em Lucas, resultando novamente com uma captura espetacular. Chegando à praia, encontram Jesus cozinhando o café da manhã e convidando-os a participar. “Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: ‘quem és tu?’, porque sabiam que era o Senhor” (21,12). Jesus, então, toma Pedro pela mão e saem a caminhar pela costa, e pergunta-lhe três vezes se ele o ama, em correspondência as anteriores negações de Pedro. Recebendo um triplo sim como resposta, “encarrega-o de ser uma espécie de subpastor, o que exigirá dele, também, enfrentar sofrimento”. Pedro, ao ver que o discípulo amado os seguia, tem a breve conversa sobre ele que conduz ao desafio aberto por Jesus: “Que te importa? Quanto a ti, segue-me” (21,22).

O 4º evangelho surpreende o leitor da tradição sinótica em razão de um aspecto bem particular que são a existência dos longos diálogos e a caracterização detalhada. Em razão disso, nos dois capítulos finais (20 e 21) aprende-se mais sobre Maria Madalena, Tomé e o discípulo amado (seja quem ele for) que nos outros três evangelhos juntos. A imagem de Pedro que se recebe de outras fontes é confirmada.

Merece um comentário de Wright também a famosa narrativa de Jesus falando a Maria: “Não me toques, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: ‘Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus’” (20,17).⁵⁸

Wright cita um entendimento dessa narrativa, de autoria de Teresa Okure apoiada por outros, a qual sustenta que a ordem para não tocá-lo faz parte da missão de Maria Madalena para ir e contar o que viu, ao invés de perder tempo tocando Jesus. Esclarece que a ordem pode ser traduzida por “não me apalpe” ou “não me agarres”, como poderia perfeitamente ser o caso, na qual a intenção de João seria contrastar a corporeidade do Jesus ressuscitado com o tipo de espírito ou fantasma que se vê nas obras de Homero, ou seja, alguma coisa que as pessoas podiam tentar pegar, mas não conseguiriam. Veja-se o que diz o mestre sobre a passagem:

Não é legítimo apelar a João como testemunha de uma opinião sobre Jesus e a ressurreição segundo a qual as histórias pascais são simplesmente uma forma dramática e codificada de dizer que sua morte foi de algum modo vitoriosa, que agora ele estava vivo no céu e que seus seguidores já experimentam uma nova vida graças a ele. Se isso fosse realmente o que João estava tentando dizer, ele o fez da forma mais enganosa que pôde.⁵⁹

É importante também registrar certo contraponto de Joseph Comblin quando afirma, por exemplo, que o Cristo que se revela em João é, acima de tudo, o Cristo ressuscitado que entra na glória e na função de fonte de vida e de luz pela ressurreição. Aliás, para ele, a glória do Verbo, a glória que em João diz “vimos sua glória” (1,14) é a da ressurreição, sendo justamente essa que transpareceu nos gestos de sua vida mortal e se revela aos que creem no conhecimento da fé. João seria o doutor da ressurreição mais do que alguns defendem que seria o doutor da encarnação. Não existe dúvida, no entanto, que o lugar reservado em seu evangelho ao episódio da ressurreição é reduzido; o relato tem uma extensão que é da mesma ordem quantitativa que a reservada nos outros evangelhos para a conclusão da narração da paixão. Mas isso se compreende facilmente já que João estava ligado a uma forma literária já consagrada pelo uso em sua época. Nada obstante, a condição de Cristo ressuscitado aflora a cada passo no evangelho, tanto nos discursos como nas narrações.⁶⁰

Muito instrutiva também é a lição de Álvaro Barreiro que traz uma pinçada exegética significativa para esta pesquisa e, portanto, muito oportuno examinar. Barreiro afirma que para descrever como o Senhor Ressuscitado vê e olha os discípulos e como eles veem e olham o

⁵⁸ WRIGHT, N. T. A Ressurreição do Filho de Deus, p. 916.

⁵⁹ Ibidem, p. 917.

⁶⁰ COMBLIN, Joseph. Ressurreição, p. 35-36.

Senhor, o evangelista João usa vários verbos que expressam distintas maneiras de ver. No início do capítulo 20, são usados três verbos: *blepo*, que significa ver com uma percepção visual ordinária, duas vezes (vv. 1 e 5); *theoreo*, que significa ver com uma visão sensorial (v. 6); *horao*, que significa ver com uma visão mais profunda, com uma visão de fé, é usado ao narrar o modo de ver do “outro discípulo” ao entrar no túmulo vazio quando Pedro chegou (v. 8). Nos oito versículos seguintes (11-18), vale-se do verbo *theoreo* para dizer que Maria Madalena viu dois anjos (v. 12) e que viu Jesus, de pé, mas não sabia que era Jesus (v. 14). O verbo *horao* aparece, no pretérito perfeito, no fim do relato, quando Maria Madalena, cumprindo a ordem que lhe tinha dado o Senhor ressuscitado, foi ao encontro dos outros discípulos e lhes disse: “Eu vi o Senhor” (v. 18).⁶¹

2.4 A RESSURREIÇÃO NO APOCALIPSE

Para Joseph Comblin,⁶² o Evangelho de João tem por pano de fundo o livro do Apocalipse (*apokalypsis* – revelação). Essa designação, inclusive, tornou-se normativa para todo um gênero literário e seu círculo de adeptos. Opina este autor que é surpreendente o parentesco entre as duas obras, onde há uma rigorosa continuidade entre elas. O autor que escreveu o Evangelho de João, por conseguinte, é o mesmo que escreveu o Apocalipse. É evidente que são muito distintos os dois gêneros literários e deles provêm diferenças que fazem com que os leitores superficiais, amiúde, sequer percebam o vínculo entre os dois livros. O gênero literário evangélico não fornece o meio de exprimir diretamente o mistério visado por João, o da ressurreição. Isso explica o fato de o Cristo ressuscitado aparecer em todo o evangelho e a ressurreição mesma não ser apresentada. Diferentemente, o gênero literário da revelação no Apocalipse presta-se a isso e, por essa razão, pode-se dizer que no Apocalipse é que se deve buscar a chave do Evangelho. Assim, se um autor evangélico decide seguir suas fontes orais e escritas, que relatam apenas tradições de experiências sensíveis de Cristo, um profeta apocalíptico, por sua vez, recebe o privilégio de penetrar nessa outra cena em que os olhos dos homens não têm ação, a cena celeste. Ele “pode ver os acontecimentos do lado de Deus”.

⁶¹ BARREIRO, Álvaro. Vimos a sua glória: Como Jesus vê e olha e como é visto e olhado no evangelho de João, p. 151-152.

⁶² COMBLIN, Joseph. Ressurreição, p. 36.

Comblin entende ainda que, de certa forma, pode-se dizer que o livro do Apocalipse é, todo ele, uma visão da ressurreição de Cristo. Ou ela aparece em Deus, seu autor, ou o fato mesmo se manifesta em Cristo, ou trata-se de duas repercussões no mundo. Esses três aspectos são descritos com uma exuberância de símbolos e imagens que, à primeira vista, desconcerta qualquer um, embora não seja sinal de falta de ordem profunda. Todos os símbolos se harmonizam muito corretamente quando se tem o trabalho de verificar as múltiplas alusões ao Antigo Testamento neles contidas, explica o autor.⁶³

Durante os primeiros séculos a ressurreição de Jesus esteve muito ligada à esperança de uma ressurreição geral. Era como que o sinal dos últimos tempos. Os próprios evangelhos e o Novo Testamento, bem como a literatura cristã primitiva, insinuam claramente essa ligação. Jesus ressuscitou para mostrar que a ressurreição geral estava em marcha. Nesse caso a ressurreição exaltaria a esperança de um fim do mundo próximo. O livro do Apocalipse é um testemunho da vida cristã totalmente orientada para o fim iminente. A esperança cristã, nesse caso, não se relaciona mais com a vida terrena, mas com a vida já no mundo novo com Cristo, a nova Jerusalém. Sempre houve e ainda há seitas e grupos que esperam uma vinda iminente de Jesus. O desmentido da história nunca desanimou os anunciadores do fim do mundo. Eles reaparecem, sobretudo, em épocas de grandes cataclismos naturais, guerras, revoluções. Comblin pondera e opina que na verdade nada se sabe a respeito do fim do mundo, mas nada justifica uma espera que esqueça a vida nesta terra e deixe a esperança para depois da ressurreição geral...⁶⁴

Klaus-Michael Bull, por sua vez, contrapõe explicitamente o pensamento de Comblin e outros com relação à autoria do livro de Apocalipse. Afirma que a tradição da igreja antiga (Justino, Irineu) foi a que primeiro identificou o autor desse livro com o filho de Zebedeu e, por extensão, com o autor do evangelho joanino. As diferenças entre o *Corpus Johanneum* e o Apocalipse, porém, são tão expressivas no que se refere à linguagem e teologia, que uma autoria idêntica não entra em cogitação. Reconhece, nada obstante, que em tempos mais recentes, discutem-se seriamente possíveis conexões.⁶⁵

Independentemente dessas respeitadas opiniões, Geza Vermes ensina que o Apocalipse contém uma única referência à ressurreição geral. O capítulo 20 do Apocalipse apresenta um quadro idiossincrático do tema, sem paralelos em parte alguma do Novo Testamento. Ao

⁶³ COMBLIN, José. Ressurreição, p. 37.

⁶⁴ COMBLIN, José. O Caminho: Ensaio sobre o seguimento de Jesus, p. 114-115.

⁶⁵ BULL, Klaus-Michael. Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia, p. 147.

contrário da bíblia hebraica e da literatura judaica pós-bíblica, ele descreve a ressurreição geral dos mortos, não em uma, mas em duas etapas. A primeira ressurreição é ligada ao retorno de Cristo e só beneficia os mártires: “Vi também as almas daqueles que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da Palavra de Deus...” (v. 5). Segundo o imaginário da especulação milenarista cristã, eles reinariam com Cristo por mil anos, durante os quais “[...] o Dragão, a antiga Serpente – que é o Diabo, Satanás...”, seria agarrado e acorrentado (vv. 2-4). Ao final do milênio, viria a segunda ressurreição (v. 5), aquela do restante da humanidade, seguida pelo Juízo Final. Os inscritos no “Livro da Vida” de Deus se juntarão aos beneficiários da primeira ressurreição, e os iníquos serão condenados a uma segunda morte e lançados para sempre num lago de fogo (vv. 11-15). Esse conceito em dois tempos nunca se tornou parte do pensamento cristão dominante, mas inspirou especulações esotéricas ao longo dos séculos.⁶⁶

2.5 A RESSURREIÇÃO EM PAULO

Isidoro Mazzarolo assinala que a ressurreição é o tema principal e a razão de todo anúncio de Paulo, o qual não demonstra ter conhecido Jesus de Nazaré, mas unicamente o Jesus Cristo, o Senhor ressuscitado. O encontro com o Ressuscitado no caminho de Damasco foi determinante para a sua mudança na direção diametralmente oposta. Questiona o autor que se ele foi capaz de deixar toda a sua estrutura rabínica para abraçar o cristianismo, poderia ele continuar tanto tempo e diante de tantas penosas dificuldades dentro de um quadro de ilusão? Quais foram as razões que sustentaram sua vida e sua fé de modo inquebrantável. Ele viu, ouviu e recebeu uma missão de Jesus ressuscitado ou foi uma fantasia mental?⁶⁷ Através de suas cartas mais pertinentes ao tema, apura-se sua compreensão da fé na ressurreição bem como das razões para tanto.

Geza Vermes entende que Paulo teve um papel crucial no estabelecimento da ressurreição como núcleo da mensagem cristã. Conforme se vê em Atos, a percepção de Paulo da morte e da ressurreição era o foco da religião pregada por ele. Mais de uma vez ele identificou a sua perspectiva doutrinária como esperança fundada na ressurreição. Mesmo assim ele só comenta uma vez os acontecimentos que cercaram a ressurreição de Jesus, ao transmitir ao seu rebanho

⁶⁶ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 153-154.

⁶⁷ MAZZAROLO, Isidoro. Primeira Carta aos Coríntios: Exegese e Comentário, p. 196.

em Corinto a tradição que herdou de seus antecessores sobre a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus.

Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas, e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram. Posteriormente, apareceu a Tiago, e, depois, a todos os apóstolos. Em último lugar, apareceu também a mim como a um abortivo (1Cor 15,3-8).

Geza Vermes esclarece que a tradição recebida por Paulo inclui características que estão ausentes em outras narrativas da ressurreição no Novo Testamento. Em sua lista arrolada há várias aparições não atestadas, como a visão de Jesus ressuscitado em tempo e lugar não especificados para mais de quinhentos seguidores, a maioria dos quais ainda vivos em 53 d. C., ou em torno disso, quando Paulo escreveu a sua primeira epístola aos coríntios. Ele também faz referências a aparições subsequentes de Cristo a Cefas/Pedro e Tiago, as duas figuras dominantes da Igreja primitiva e os únicos dois apóstolos com quem Paulo decidiu encontrar-se em sua primeira visita à comunidade judaico-cristã de Jerusalém. Paulo inclui também a sua própria visão de Jesus, sem dúvida uma experiência mística no caminho de Damasco (At 9,3-4). Vermes destaca que embora Paulo faça referência ao sepultamento de Jesus, ele não sabia ou não queria mencionar a descoberta do túmulo vazio e o desaparecimento do corpo de Cristo. Não obstante sua narrativa, escrita nos anos 50 d. C., ser anterior a Marcos, Mateus e Lucas em cerca de 15 a 45 anos, ela bem poderia refletir uma versão revisada e editada dos eventos, influenciada pelas considerações “políticas” de Paulo. Ao afirmar que também a ele fora concedida uma aparição do Jesus Ressuscitado, Paulo pretendia insinuar sua igualdade em relação a Pedro e Tiago. Também, ao omitir a menção ao testemunho feminino, sem valor legal sobre o túmulo vazio e a primeira aparição do Jesus ressuscitado, Vermes explica que ele pretendeu fortalecer os indícios oriundos de homens confiáveis, Pedro e Tiago, o próprio Paulo e um grande grupo de homens, muitos dos quais ainda poderiam ser entrevistados por qualquer peregrino coríntio à Jerusalém, motivado o bastante para procurar os sobreviventes. Também é fundamental ter em mente que quando Paulo escreveu a epístola o debate não era sobre a validade da tradição relativa à ressurreição de Jesus, mas sobre a ideia corrente no mundo helenístico de que a noção de retorno do Hades não tinha

sentido. “Como podem alguns dentre vós”, perguntou Paulo indignado, “dizer que não há ressurreição dos mortos?” (1Cor 15,12).⁶⁸

2.5.1 A ressurreição na Primeira Epístola aos Tessalonicenses

De modo geral, estima-se que é a mais antiga das epístolas paulinas e o escrito mais antigo do Novo Testamento. De acordo com os Atos dos Apóstolos, Paulo esteve em Tessalônica depois de abandonar a jovem comunidade de Filipos. Permaneceu pouco tempo porque foi expulso pelos “judeus” (At 17,1-9). O Livro dos Atos nunca menciona as cartas de Paulo, por isso não é possível saber por epístola onde foram escritas.⁶⁹

Geza Vermes instrui que, mediante uma observação cuidadosa dos textos de Paulo, é possível apurar que a questão da ressurreição de Jesus não resulta de uma consideração histórica nem de uma reflexão filosófica, mas de debates acalorados nas comunidades paulinas sobre as consequências práticas da fé na ressurreição. Era ligada à convicção de que os mortos ressuscitariam na Parusia, o retorno de Cristo. Assim, a ressurreição ligada à Parusia surgiu nos primeiros estágios da atividade literária de Paulo, conforme se vê na primeira epístola aos tessalonicenses entre 50 e 52 d. C. Os olhos dos fiéis da Igreja de Tessalônica estavam concentrados na iminente vinda dos céus de Cristo, o Filho de Deus ressuscitado dos mortos: “Jesus que nos livra da ira futura” (1Ts 1,9-10). O entusiasmo escatológico gerado por essa expectativa produziu ideias extravagantes, conforme Paulo, entre os tessalonicenses. Alguns teriam chegado ao ponto de proclamar que o Senhor já havia chegado e que seu retorno fora anunciado numa epístola pelo próprio Paulo (2Ts 2,1-2).

Diante dessa ansiosa expectativa pelo grandioso evento, alguns dos fiéis expressavam sua preocupação sobre o destino dos membros da Igreja que tinham morrido antes do dia do retorno de Cristo. Paulo tranquilizou-os ensinando que assim como Deus ressuscitou Cristo, ele também revivificaria os que tinham acreditado no Jesus ressuscitado. Para o apóstolo, a ressurreição de Jesus contém a chave da salvação. Desse modo, ele apresentou o seguinte cenário da Parusia: O Senhor Jesus desceria dos céus e ordenaria ao arcanjo soar a trombeta para a ressurreição. Então, os mortos em Cristo retornariam à vida e seriam arrebatados em nuvens, veículos de transporte

⁶⁸ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 144-145.

⁶⁹ COMBLIN, José. Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo, p. 114.

celestial, para encontrar Jesus no ar, enquanto os cristãos vivos, inclusive o próprio Paulo, sem passar pela morte, seriam arrebatados com eles para juntar-se a Jesus e com ele permanecer para sempre. Paulo e seus primeiros seguidores imaginavam a ressurreição de Cristo, em primeiro lugar e acima de tudo, como o protótipo e a causa da ressurreição dos mortos, assim como fonte e garantia de salvação eterna de todos os escolhidos.

Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia. Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estiverem aqui para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor (1Ts 4,13-17).

Geza Vermes acrescenta que embora se considerasse, nessa oportunidade, que os efeitos benéficos da Ressurreição de Cristo somente afetassem os membros mortos da Igreja, poucos anos depois, em meados dos anos 50 d. C., a perspectiva se ampliou. Após um curto período, na sua primeira correspondência com os coríntios, Paulo menciona o curioso costume de cristãos que se faziam batizar em nome de mortos. Esse rito vicário objetivava garantir que pagãos próximos de membros da Igreja falecidos pudessem também obter algum benefício da ressurreição de Jesus. Como, para Paulo, a ressurreição de Jesus era o símbolo da ressurreição futura dos batizados, sua teoria só se aplicava a uma diminuta parcela dos habitantes do Xeol: um punhado de cristãos mortos e uns poucos pagãos redimidos através do batismo em nome dos mortos. A perspectiva de Paulo não incluía todos os virtuosos que tinham morrido antes de Cristo, sem falar na ressurreição de todos, os justos e os iníquos desde Adão.⁷⁰

Raymond E. Brown aponta um questionamento sobre essa perícópe que deve ser considerado:

Se 1Ts 4,13 significa que alguns cristãos tessalonicenses estavam profundamente entristecidos por causa daqueles que adormeceram, como se não tivessem esperança alguma, é porque estavam fazendo do esperado encontro com Jesus, na Parusia, o momento de receber de Deus o dom da vida? Em 1Ts 4,14, Paulo fala que “Jesus morreu e ressuscitou”, de modo que a morte e ressurreição de Cristo é o momento do dom da vida para todos aqueles que estão “nele” (até os mortos: 1Ts 4,17). O que significa ser arrebatado às nuvens para o encontro com o Senhor? Alguns cristãos modernos acreditam que significa um verdadeiro “arrebatamento”, ao que dão extrema importância, outros quase nunca ouviram falar disso.⁷¹

⁷⁰ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 146-147.

⁷¹ BROWN, Raymond E. Introdução ao Novo Testamento, p. 617.

Respondendo a esse questionamento, N. T. Wright, afirma que se trata de uma passagem também muito debatida, sendo usada com literalidade excessiva, tanto no fundamentalismo popular quanto na investigação crítica, para indicar que Paulo imaginava os cristãos voando nos ares sobre as nuvens. As múltiplas ressonâncias apocalípticas da passagem, por um lado, e suas metáforas esplêndidas e heterogêneas, por outro, tornam essa interpretação altamente improvável, analisa. Com relação à perícopé, o autor inicia suas considerações questionando sobre o que Paulo quer dizer com “ressurreição”? Argumenta que nessa passagem, Paulo claramente indica que os que já morreram, em alguma data futura, serão ressuscitados da morte (1Ts 4,14-16). A Ressurreição de Jesus será o modelo da ressurreição dessas pessoas. Aqueles que atualmente estão mortos serão ressuscitados (*anastesontai*, 1Ts 4,16), e, assim, terão “salvação”, ao invés de serem objetos de “ira” (1Ts 5,9). As palavras que usa, a natureza do seu argumento e a trama subjacente, induzem que se perceba claramente que ele se situa, nesse ponto, no centro das crenças judaicas do Segundo Templo sobre a ressurreição. Abstraindo Jesus desse quadro, o que se afirma – a ressurreição futura para salvação da ira, para aqueles dentre o povo do Deus único que atualmente estão mortos – é totalmente familiar ao judaísmo referido. Aliás, essa era a posição dos fariseus. Independentemente das crenças que Paulo tenha revisto após sua conversão, a ressurreição permaneceu constante. Isso que dizer que a ressurreição é “corpórea”, não apenas por causa da terminologia (não há qualquer indício de que a raiz *anastasis* signifique qualquer coisa além da ressurreição corpórea, seja no paganismo que a negava ou no judaísmo farisaico que a afirmava), não apenas por causa do contexto obviamente judaico, mas também por causa da lógica da narrativa. Para N. Wright, pelo que se depreende de tudo: “a ressurreição consiste em algo novo, algo que os mortos não desfrutavam atualmente; será vida após ‘a vida após a morte’ ”.⁷²

2.5.2 A ressurreição na Primeira Epístola aos Coríntios

Para Geza Vermes, a preocupação de Paulo com o problema da ressurreição não chegou ao fim com sua primeira epístola aos tessalonicenses, mas revelou-se especialmente intensa na primeira carta aos coríntios. O capítulo 15 dessa epístola dá o registro mais detalhado da compreensão de Paulo do impacto da ressurreição sobre os crentes cristãos. Mais uma vez Paulo confronta o problema teológico a partir de um ponto de vista prático. Assim, ele condenava os

⁷² WRIGHT, N. T. A Ressurreição do Filho de Deus, p. 315-316.

homens cristãos que frequentavam prostitutas porque percebia uma união mística entre o corpo humano e o corpo de Cristo. Segundo Paulo, os corpos dos fiéis pertenciam ao Senhor. Tendo morrido com o Cristo Crucificado ao ser mergulhado na pia batismal, a carne do batizado era simbolicamente ressuscitada com o Cristo Ressuscitado, quando ele emergia da água. Daí a resposta negativa de Paulo à questão:

Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei então os membros de Cristo para fazê-los membros de uma prostituta? Por certo, não! Não sabeis que aquele que se une a uma prostituta constitui com ela um só corpo? Pois está dito: “Serão dois em uma só carne” (1Cor 6,15-16).

Prossegue G. Vermes apontando que a epístola refere membros da Igreja questionando a possibilidade da ressurreição dentre os mortos. Para Paulo isso era equivalente a negar a ressurreição de Cristo e a fé que ele havia pregado. A argumentação lógica de Paulo é simples: se os mortos não podem ser ressuscitados, então Jesus não foi ressuscitado. Consequentemente, os pecados continuam sem redenção, a esperança na ressurreição é fútil e todos os mortos em Cristo estão perdidos (1Cor 15,12-18). Desse modo, isso implica também que a ressurreição de Jesus não foi só em seu próprio nome, tendo sido também as “primícias” de todos aqueles a serem ressuscitados. Ela marcou o começo de uma multidão de revivificações. Como o primeiro Adão infligiu a morte a toda a sua posteridade, o Cristo ressuscitado possibilitou àqueles que acreditassem nele ter uma porção na vida através da sua ressurreição (1Cor 15,20-23).⁷³

N. Wright ensina que o argumento básico consiste numa *reductio ad absurdum*, mostrando que aqueles que negam a ressurreição futura “estão serrando o galho sobre o qual estão pendurados”. O v. 1Cor 15,14, aliás, toma isso em um nível: se a ressurreição não aconteceu, os apóstolos pregaram tolices vazias e aqueles que acreditam neles creram em tolices vazias. O v. 1Cor 15,17 leva isso a outro nível: sua fé não é apenas “vazia”, mas “inútil” (*mataia*), uma perda de tempo. E o ponto crucial não é apenas que eles acreditam em besteiras sobre a ressurreição e sobre Jesus, mas que “a nova era na qual os pecados são deixados para trás não foi, afinal, inaugurada”. O fundamento para o evangelho, citado por Paulo na introdução a Gálatas (1,4), no fim das contas, não foi estabelecido: “... que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados a fim de nos livrar do presente mundo mau...” Em Paulo, a ideia central da ressurreição não é apenas que o Deus Criador realizou algo incrível em favor de apenas um indivíduo em particular (como as pessoas de hoje algumas vezes imaginam ser a suposta ideia

⁷³ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 148-149.

central da proclamação pascal), mas que, na e através da ressurreição, “a presente era má” foi invadida pela “era vindoura”, o tempo da restauração, do retorno, da aliança e do perdão. Um evento aconteceu e, como resultado, o mundo se torna um lugar diferente e os seres humanos têm a nova possibilidade de se tornarem um tipo diferente de pessoas. Essa crença está inserida na eloquente fórmula evangélica dos vv. 15,3-4 e sua lógica também é simples, dada a estreita ligação em toda a Escritura entre pecado e morte: se Deus venceu a morte na Ressurreição de Jesus, então o poder do pecado foi destruído; contudo, se não o fez, o poder não foi destruído.⁷⁴

Nesse sentido, a eloquente expressão de F. X Durrwell:

É na glória que a morte de Jesus põe fim ao “século presente”, liberto da *Thânatos* (a Morte), da força cósmica da corrupção. A ressurreição transforma o cosmos, parte em certo ponto, no homem, a cadeia da necessidade universal, introduz o modo de existir dos últimos tempos. Jesus ressuscitou só e a ressurreição dos mortos foi inteiramente realizada nele. [...] A potência da ressurreição universal foi concentrada na sua glorificação.⁷⁵

Com relação a uma ressurreição incorpórea/corpórea, Wright entende que os vv. 1Cor 15, 30-34 oferecem mais outro claro indício de que o que está em jogo, de fato, é a ressurreição corpórea. Para ele, Paulo simplesmente não classifica a perspectiva de uma vida futura incorpórea abençoada na escala dos objetivos que valem a pena; ele não classificaria uma sobrevivência incorpórea à morte como “salvação”, provavelmente porque isso significaria que a pessoa não foi resgatada, “salva”, da própria morte, da irreversível corrupção e destruição do corpo humano bom e dado por Deus.

Permanecer morto, mesmo que “adormecido no Messias”, sem a perspectiva da ressurreição, portanto, significaria que a pessoa “pereceu”. Pois caso não existisse ressurreição, a fé e a vida cristã, incluindo o sofrimento, seriam “apenas para esta vida”.⁷⁶

Paulo, portanto, não poderia conceber a ressurreição sem considerar a hipótese de algum tipo de corpo. Dessa forma, combinando sua herança judaica com as ideias helenísticas dos seus leitores, ele insistiu que esse corpo seria totalmente diferente daquele que havia morrido. O corpo ressuscitado seria imortal, glorioso e poderoso, ostentando a imagem não do Adão mortal, mas do Cristo glorificado. Ao morto ressuscitado seria concedido um corpo espiritual, e os justos, ainda vivos na Parusia, teriam os seus corpos terrenos transformados em espirituais:

⁷⁴ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 467-468.

⁷⁵ DURRWELL, F. X. A Ressurreição de Jesus..., p. 289-290.

⁷⁶ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 468.

Digo-vos, irmãos: A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade (*aphtharsia*). Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade. Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade (*athanasia*), então cumprir-se-á a palavra da Escritura (1Cor 15,50-54).

G. Vermes, por sua vez, lapidarmente conclui que em seu discurso aos coríntios, Paulo não buscou esclarecer o significado da ressurreição de Jesus, mas os seus efeitos sobre os seus seguidores. A resolução da importância da ressurreição no tocante ao próprio Jesus teve de esperar até a correspondência posterior de Paulo, especialmente até a epístola aos romanos.⁷⁷

Na perspectiva de Joseph Ratzinger, o amor constitui imortalidade e a imortalidade provém exclusivamente do amor. Esse enunciado significa também que aquele que amou por todos constitui também a imortalidade para todos. Exatamente esse é o sentido da afirmação bíblica que diz ser a sua ressurreição a nossa vida. A argumentação de Paulo na Primeira Carta aos Coríntios que, inicialmente, soa um tanto estranho aos ouvidos, torna-se inteligível a partir dessa verdade: se ele ressuscitou, então também nos ressuscitamos, porque então o amor é mais forte do que a morte; se ele não ressuscitou, tampouco nós ressuscitamos, porque então continua valendo o princípio de que a morte tem a última palavra, nada mais (1Cor, 15,16s). Como se trata de uma afirmação central, tente-se interpretar esse pensamento de outro modo: ou o amor é mais forte que a morte ou não o é. Se ele ficou mais forte nela, então foi como amor para com os outros. Mas, então, deve-se concluir também que o nosso próprio amor isolado não bastaria para superar a morte; ele continuaria para sempre um clamor não atendido. Só o amor que se funde com o poder do amor e da vida de Deus mesmo pode constituir a nossa imortalidade. E mesmo assim continua valendo a afirmação de que o modo de nossa imortalidade depende de nossa maneira de amar.⁷⁸

2.5.3 A ressurreição na Epístola aos Romanos

Constata-se que além da correspondência com tessalonicenses, coríntios e romanos, o tema da ressurreição dentre os mortos desempenha um papel pequeno ou nenhum no restante da

⁷⁷ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 149.

⁷⁸ RATZINGER, Joseph. Introdução ao Cristianismo..., p. 225-226.

literatura paulina ou deuteropaulina. As epístolas aos gálatas, efésios, filipenses, colossenses, 2 Timóteo e Hebreus usam o termo “ressurreição” somente dez vezes, nada acrescentando aos significados já familiarizados pelas três primeiras referidas. As outras epístolas, 1 Timóteo, Tito e Filêmon, nunca tocam no assunto.⁷⁹

Na epístola aos romanos, segundo G. Vermes, no período final dos anos 50 d. C., Paulo refletiu sobre a ressurreição considerada pelo aspecto da relação de Cristo com Deus e com a comunidade de crentes. Diferentemente de João, que em seu prólogo identificou Jesus como o Verbo divino eterno, tornado humano por um curto período de tempo, Paulo, em direção oposta, declarou solenemente que o homem Jesus, nascido de uma mulher judia como descendente de Davi, ascendeu à dignidade do Filho de Deus através da sua ressurreição dentre os mortos (Rm 1,4). Desse modo, Jesus experimentou uma mudança fundamental no primeiro Domingo de Páscoa. O parágrafo de abertura da epístola aos romanos marca o momento na história da literatura cristã em que Jesus foi formalmente proclamado “Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade”...

Paulo também destacou o papel da ressurreição no relacionamento entre Jesus e seus seguidores. Para tanto, ele expressou seu pensamento por meio do conceito místico ou sacramental do batismo conforme já descrito acima por ocasião do caso concreto da união com uma prostituta, mencionado na 1Cor.

Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto, pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova (Rm 6,3-4; tb. cf. Cl 2,12).

A centralidade da ressurreição na vida do fiel é expressa de forma mais enfática: “Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10,9).⁸⁰

Nicholas Wright também é enfático ao afirmar que Romanos está “impregnada de ressurreição”, pois onde quer que se examine a carta, em qualquer ponto, lá estará a ressurreição: “Coloque-a contra a luz e verás centelhas da Páscoa por todos os lados”. Acrescenta que se Romanos não tivesse sido celebrada como a grande epístola sobre a justificação pela fé, poderia

⁷⁹ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 151.

⁸⁰ Ibidem, p. 150-151.

facilmente ser conhecida como a carta principal sobre a ressurreição. Claro que as epístolas aos Coríntios também seriam fortes candidatas.⁸¹

A carta aos romanos deve ser analisada considerando-se, em primeira mão, que a ideia principal de Paulo é que a ressurreição declara Jesus de Nazaré, descendente de Davi, verdadeiramente o Messias, o “Filho de Deus”. Wright salienta que é preciso lembrar que se trata de uma mensagem judaica sobre o rei dos judeus, destinada a desafiar as pretensões do império pagão. Isso porque quando Paulo pensa na Páscoa, está pensando no poder divino e quando pensa nesse poder, ele está pensando sobre o desafio que o poder divino proporciona àqueles que no mundo presente julgam ter seu monopólio. Essa, opina, é a boa teologia farisaica reelaborada em torno de Jesus.⁸²

Wright sintetiza a teologia de Paulo sobre a ressurreição em Romanos nestes termos: “A ressurreição corpórea de Jesus é o fundamento desta epístola, o coração do evangelho do senhorio de Jesus, o centro da crítica implícita de Paulo a César e a fonte de suas doutrinas sobre a justificação e a salvação”.⁸³

Por fim, é importante relacionar a ressurreição de Jesus com a justificação de Deus, já que esses temas são centrais e entrelaçados nessa epístola.

Para Paulo, a ressurreição de Jesus significou sua confirmação como Messias, “Filho de Deus”. Semelhantemente, a “justificação” de Deus de todos os crentes refere-se à declaração do apóstolo dos gentios de que eles estão na justiça, que seus pecados agora estão perdoados. Pode-se perceber sinais desse pensamento também em 1Cor 15,17: “E, se Cristo não ressuscitou, ilusória é a vossa fé; ainda estais nos vossos pecados”. A ressurreição demonstra que a cruz não foi exatamente outra desagradável eliminação de um, talvez, mais equivocado Messias; ela foi o ato salvador de Deus. A ressurreição de Jesus dentre os mortos por Deus, portanto, foi o ato no qual a justificação foi a vindicação de todo o povo de Deus “em Cristo”. O capítulo 4, por conseguinte, não apenas mostra que, aos olhos de Paulo, a ressurreição de Jesus foi um evento vivificador, que superou a morte através do poder do Deus criador; ela fazia parte também da ampla história, na qual o Deus da aliança estava demonstrando sua fidelidade ao vindicar todos àqueles que acreditam nele, assim como prometeu a Abraão. Além disso, a passagem explica, de novo com densidade, que essa vindicação é adequada, pois, diferentemente daqueles

⁸¹ WRIGHT, N.T. A Ressurreição..., p. 349-350.

⁸² Ibidem, p. 352.

⁸³ Ibidem, p. 354.

mencionados no cap. 1 que adoram ídolos e, desse modo, degradam sua condição humana, aqueles que acreditam no Deus doador de vida se refazem como seres genuinamente humanos.⁸⁴

Na mesma linha o teólogo britânico metodista James Douglas Grant Dunn, falecido no ano passado e reconhecido por suas novas perspectivas sobre Paulo, explica que a afirmação inicial do apóstolo em Romanos fala de Jesus como “estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos” (Rm 1,4). E seu eco formular subsequente traz a ressurreição de Cristo ao centro do processo redentor: como Abraão creu naquele “que faz viver os mortos” (Rm 4,17), assim os primeiros cristãos creram “naquele que ressuscitou Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação” (Rm 4,24-25). A distinção entre “entregue pelas nossas faltas” e “ressuscitado para nossa justificação” é retórica, analisa Jimmy Dunn, porque Paulo dificilmente teria pretendido dizer que foram feitos dois julgamentos distintos e independentes com base nos dois eventos. Deve-se notar, no entanto, que ele não considerava o efeito da morte sacrificial de Cristo como completo em si mesmo. A primeira parte necessitava da ratificação da segunda. A justificação de Cristo também era a justificação dos que ele representou.⁸⁵

2.6 A RESSURREIÇÃO NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Nesta subseção as principais questões abordadas até aqui são as mesmas concernentes ao Antigo e ao Novo Testamento, onde se buscou esclarecer qual opinião é adotada sobre a esperança futura além da morte? Onde se fala sobre ressurreição, o que isso significa? Há referências sobre um estado intermediário? Que continuidade e descontinuidade existem entre o presente corpo e qualquer corpo futuro? De que forma ocorre a ressurreição, onde ela aparece, se encaixa dentro de um quadro mais amplo? Que uso metafórico se faz da linguagem da “ressurreição”? O que se pensa da ressurreição do próprio Jesus e como ela se relaciona com as demais questões.

Buscar-se-á responder a esses questionamentos com os pais apostólicos, os apologistas e os quatro grandes escritores do fim do segundo século e início do terceiro: Tertuliano, Irineu,

⁸⁴ WRIGHT, N.T. A Ressurreição..., p. 358-359.

⁸⁵ DUNN, James D. G. A teologia do apóstolo Paulo, p. 281-282.

Hipólito e Orígenes. Também será examinado brevemente um pouco do cristianismo siríaco antigo e os escritos de Nag Hammadi que falam da “ressurreição” num sentido bastante diferente.

2.6.1 Pais apostólicos

(a) Primeira Epístola de Clemente

A epístola conhecida como 1 Clemente é normalmente reconhecida como genuína, escrita por Clemente, bispo de Roma, em meados dos anos 90 do primeiro século. Quanto à data ela se aproxima do Novo Testamento, podendo inclusive ser anterior a alguns documentos canônicos. Wright afirma que não surpreende, portanto, Clemente haver formulado uma doutrina sobre a ressurreição não muito distante da encontrada no Novo Testamento.⁸⁶

Na análise de Wright sobre a carta, Clemente deixa bem claro que a ressurreição futura se fundamenta na ressurreição de Jesus. Assegurou aos discípulos que já era tempo de sair pelo mundo e anunciar que o reino estava a caminho. Clemente, assim, aparece como testemunha primitiva de um contínuo desenvolvimento da tradição, sem produzir nenhum desvio claro em relação às linhas estabelecidas na maior parte no Novo Testamento.⁸⁷

(b) Segunda Epístola de Clemente

A chamada carta 2 Clemente é, há muito tempo, considerada obra de outro autor segundo N. Wright. Trata-se de um sermão geral sobre a vida cristã, principalmente sobre o arrependimento. Ela contém várias passagens sobre a ressurreição e, dentre elas, uma incrível que antecipa a ênfase de Tertuliano na ressurreição não apenas do corpo, mas da carne:

Nenhum de vós deve dizer que essa carne não será julgada e não ressuscitará. Saiba disso: em que fostes salvos, em que voltastes a ver, senão quando fostes nessa carne? Devemos, portanto, guardar a carne como Templo de Deus. Pois, assim como fostes chamados na carne, assim também sereis (i.e., ressuscitareis) na carne. Se o Messias, o Senhor que nos salvou, embora fosse espírito primeiro, tornou-se carne e assim nos chamou, da mesma forma receberemos a recompensa nessa carne. Amemos, pois, uns aos outros, para que todos possamos entrar no reino de Deus (2Clem 9,1-6; trad. de N. Wright).

O autor da 2 Clemente também acentua que o poder pelo qual a ressurreição acontece é o Espírito Santo (14,3-5) e, sem desenvolver um quadro com mais detalhes, tampouco menciona,

⁸⁶ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 666-667.

⁸⁷ Ibidem, p. 669.

surpreendentemente, a ressurreição de Jesus. Termina a carta com a afirmação de que se o Espírito se une à carne, a carne é capaz de receber um grande dom de “vida e imortalidade”. Aqueles que sofrem, declara o escritor, obedecendo às instruções que ele dá para a vida cristã, “[colherão] o fruto imortal da ressurreição” (19,3).⁸⁸

(c) Inácio de Antioquia

N. Wright assevera que dentre os muitos assuntos tratados por Inácio (35-107 d. C.) em suas cartas, escritas enquanto seguia para Roma para enfrentar o martírio na primeira década do segundo século, a ressurreição dos crentes e, especialmente, de Jesus Cristo, constituiu um tema recorrente nas suas epístolas. Importante lembrar que os docéticos afirmavam que Jesus não foi realmente um ser humano genuíno, mas apenas “pareceu” ser. Negavam que sua carne, paixão e ressurreição fossem reais. Inácio de Antioquia afirmava categoricamente que eram. Para ele, Jesus foi verdadeiramente (*alethos*) ressuscitado e ressuscitará todos os crentes, acentuando que a Igreja deveria estar completamente segura de sua ressurreição. Os atos constituintes da fé cristã, segundo Inácio, são Jesus Cristo, especialmente sua cruz, morte e ressurreição, e a fé existente em virtude dele. Jesus foi verdadeiramente cravado na carne para que pudesse erguer um estandarte para todas as eras, em virtude de sua ressurreição; ele verdadeiramente ressuscitou a si mesmo da morte segundo uma passagem ou, de acordo com outra, o Pai o ressuscitou por sua bondade.⁸⁹

A declaração central de Inácio sobre o tema aparece na *Carta a Esmirna* (1,9-12), onde, assim como a 2 Clemente e Tertuliano, insiste na ressurreição da “carne”:

⁹Mas eu acredito que mesmo depois de Sua ressurreição, Ele existia em carne. E eu acredito que Ele ainda existe nela. ¹⁰E quando Ele foi àqueles que estavam com Pedro, Ele disse: “Pegai. Tocai-me, e vede que eu não sou um ser imaterial”. E imediatamente eles sentiram e acreditaram, convencidos tanto pelo corpo quanto pelo espírito. ¹¹Por isso é que eles desprezaram a morte e se colocaram acima dela. ¹²E, depois de Sua ressurreição, Ele comeu e bebeu com eles, já que ainda era carne, embora estivesse unido ao Pai por meio de Seu espírito.⁹⁰

Inácio caminha para sua morte na crença de que se sofrer e morrer, ele se tornará um liberto de Jesus Cristo e ressuscitará livre, nele. A paixão real e corpórea de Jesus significa a

⁸⁸ WRIGHT, N. T. *A Ressurreição...*, p. 670.

⁸⁹ WRIGHT, N. T. *A Ressurreição...*, p. 671.

⁹⁰ PROENÇA, Eduardo de; CARNEIRO, Marcelo (org.). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*: vol. III, p. 423-424.

ressurreição de todos. Contrariamente, aqueles que não acreditam na realidade da humanidade de Jesus, em sua paixão e ressurreição, terminarão como fantasmas incorpóreos (*asomatois kai daimonikois*). Inácio se posiciona no mesmo ponto do Novo Testamento, pois não faz a distinção, clara em Paulo e implícita em outros lugares, entre as naturezas do corpo crucificado e do corpo ressuscitado. Seu interesse apologético concentra-se na continuidade, não na descontinuidade.⁹¹

(d) Policarpo: Carta e Martírio

N. Wright informa que Policarpo (69-155 d. C.) foi bispo de Esmirna, na costa ocidental da Ásia Menor. Sua carta aos filipenses é curta, mas contém uma opinião razoavelmente completa acerca da ressurreição. Ela concorda completamente com o Novo Testamento. Jesus foi ressuscitado dentre os mortos por Deus e será o juiz, tanto de vivos quanto de mortos. Aquele que o ressuscitou dentre os mortos também ressuscitará aqueles que fizerem a sua vontade.⁹² Isso se expressa na perspectiva da era presente e da era vindoura:

Se agradarmos ao Senhor neste mundo, também poderemos aproveitar o que está por vir, de acordo com o que Ele nos prometeu: Ele irá nos ressuscitar dos mortos e, se formos dignos Dele, também reinaremos junto a Ele, se tivermos fé (*Epístola de Policarpo aos Filipenses* 2,11).⁹³

Policarpo também fala, de modo bem parecido com Clemente, do estado intermediário dos mártires. Observam-se aqui as tentativas cristãs bem cautelosas de falar de um estado intermediário após a morte, em termos similares aos que Paulo utiliza no primeiro capítulo de Filipenses, ao mesmo tempo em que enfatizam também a importância do estado final, a vida ressuscitada a ser concedida após esse estado de “vida após a morte”. Para tanto Policarpo cita a carta de Paulo aos Filipenses em 2,16: “Assim, no Dia de Cristo eu terei a glória de não ter corrido nem ter-me esforçado em vão.”⁹⁴

O relato do *Martírio de Policarpo* encontra-se num mundo de pensamento diferente. A cena é narrada após uma descrição dos mártires do passado que, mediante uma única hora de prova, adquiriram vida eterna. Eles compararam o fogo efêmero que encararam na fogueira com o fogo do inferno, eterno e inextinguível; mantiveram seus olhos nas coisas maravilhosas prometidas aos que resistissem, coisas que foram reveladas pelo Senhor “àqueles que já não eram

⁹¹ WRIGHT, N. T. *A Ressurreição...*, p. 672.

⁹² *Ibidem*, p. 673.

⁹³ PROENÇA, Eduardo de; CARNEIRO, Marcelo (org.). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia: Vol. III*, p. 433.

⁹⁴ WRIGHT, N. T. *A Ressurreição...*, p. 674.

mais homens, mas anjos” (*Martírio de Policarpo*, 2,3). Essa identificação dos cristãos mortos como anjos é uma ideia nova, ainda que ecoe de Atos 12,15 e 23,9; ela é desenvolvida em Hermas. Policarpo ora assim enquanto caminha para a fogueira: “Eu te bendigo, pois me consideraste digno deste dia e desta hora, de que eu devesse ter parte no número de mártires, no cálice do teu Messias, para a ressurreição da vida eterna da alma e do corpo na incorrupção do Espírito Santo” (*Martírio de Policarpo*, 14,2).⁹⁵

(d) A Epístola a Diogneto

Ensina Nicholas Wright que a *Epístola a Diogneto* é geralmente arrolada junto aos demais “pais apostólicos”, mas na verdade não faz parte deles. Ela foi escrita por um cristão anônimo provavelmente no final do séc. II ou mesmo no séc. III e deveria ser classificada entre os apologistas, tais como Justino e Atenágoras. A epístola também não mantém correspondência com Clemente, Inácio e Policarpo no que se refere à esperança cristã. Pelo menos quase nada tem a dizer sobre essa esperança e tampouco sobre a ressurreição de Jesus. Entretanto, o que ela declara sobre o lugar da Igreja cristã no mundo indica que o autor sustentava uma concepção helenística típica, a de uma alma imortal presa num corpo físico. Assim como a alma habita no corpo, mas não é do corpo, os cristãos habitam no mundo, mas não são dele. A carne odeia a alma e luta contra ela, assim como os cristãos desprezam a carne. Essa rivalidade, contudo, não se deve ao fato de o mundo ou os cristãos terem feito alguma coisa errada, mas porque os cristãos se opõem aos prazeres do mundo e da carne. O mais próximo a que se chega de uma visão positiva do corpo, que poderia apontar na direção da ressurreição é a seguinte:

A alma ama a carne, que a odeia, e seus membros; porém os cristãos amam aqueles que os odeiam. A alma foi encarcerada no corpo, mas ela própria sustenta o corpo; porém os cristãos, encarcerados no mundo como numa prisão, sustentam eles próprios o mundo. A alma é imortal, e vive numa tenda mortal; porém os cristãos peregrinam em meio a coisas corruptíveis, enquanto aguardam a incorruptibilidade no céu (*Epístola a Diogneto*, 6,6-8; trad. de N. Wright).⁹⁶

N. Wright pondera que essa passagem poderia, no máximo, ser entendida como compatível com 2Cor 4-5; todavia, parece mais sensato interpretá-la como uma declaração platônica moderada, não considerando um corpo incorruptível como um dom do céu, mas a alma imortal aguardando pela completa imortalidade, longe do mundo material corrupto, como um

⁹⁵ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 674.

⁹⁶ Ibidem, p. 682-683.

dom a ser desfrutado no próprio céu. Diogneto, provavelmente, articula a ideia de uma escatologia pessoal que muitos cristãos ocidentais ainda supõem ser a do Novo Testamento.

Em síntese, é possível afirmar que os pais apostólicos permanecem bastante próximos de seus predecessores canônicos. Havia novas batalhas para enfrentar, especialmente contra o docetismo. Assim, alguns deles, especialmente Inácio, enfatizaram a ressurreição corpórea e “carnal” de Jesus sem diferenciar o corpo ressuscitado do atual corpo corruptível. Eles desenvolveram uma nova linguagem e novas imagens para abordar situações novas. Como ocorre em alguns livros canônicos mais curtos, onde eles nem sempre precisam discutir a ressurreição ou mesmo afirmá-la expressamente. Contudo, em muitas passagens eles confirmam que para a imensa maioria dos antigos cristãos conhecidos de nós, a esperança cristã definitiva era a “ressurreição”. E ela era entendida em um sentido definitivamente corpóreo, implicava em algum tipo de estado intermediário e a ressurreição futura dependia e tinha seu modelo na ressurreição de Jesus. Não houve qualquer tentativa de usar a linguagem da “ressurreição” metaforicamente em quaisquer das formas desenvolvidas no Novo Testamento ou nas formas muito diferentes desenvolvidas, por exemplo, na *Epístola a Regino*. O termo “ressurreição” continuou tendo um uso literal, concreto em seu referente e fundamental para a teologia e a esperança cristã da antiguidade.⁹⁷

2.6.2 Apócrifos cristãos primitivos

Existem certos livros geralmente classificados como “Apócrifos do Novo Testamento” que não obstante sua datação e circunstâncias de composição permanecerem controversas, têm o potencial de revelar muitas coisas sobre o movimento cristão primitivo. Vejam-se três obras em particular:

(a) Ascensão de Isaías

Nicholas Wright esclarece que, atualmente, sabe-se que a obra primitiva conhecida como *Ascensão de Isaías* faz parte de um texto que chegou até os dias de hoje de forma completa apenas em língua etíope, embora existam fragmentos gregos, latinos, eslavos e coptas. A opinião comum tem sido a de que o texto é composto de uma segunda parte cristã (cap. 6-11) agregada a

⁹⁷ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 683-684.

uma parte judaica pré-cristã (cap. 1-5), conhecida como *Martírio de Isaías*. Aliás, esse é o título que se encontra a obra com frequência. *Ascensão de Isaías* não tem uma visão gnóstica da ressurreição como algumas vezes se argumentou, mas, de modo diverso, parece estar mais ou menos na linha do Novo Testamento e os pais apostólicos. Uma passagem fundamental aparece no cap. 9, no clímax da visão do Messias vindouro que é concedido a “Isaías”, na medida em que ele ascende aos sete céus. Quando ele chega ao sétimo céu, vê Henoc e todos que o acompanham. Todos estão “despojados de suas vestiduras de carne” e trazem vestiduras celestiais como os anjos. No entanto, ainda não estão entronizados (9,9-11). Por isso, devem aguardar até que o Cristo desça à terra na encarnação e seja morto pelo “deus desse mundo”. Depois disso:

Quando ele tiver saqueado o anjo da morte, ressuscitará ao terceiro dia e permanecerá nesse mundo durante quinhentos e quarenta e cinco dias. Então muitos justos ascenderão com ele, cujos espíritos não recebem suas vestimentas até que o Senhor Cristo ascenda e eles ascendam com ele. Então eles, de fato, receberão suas vestimentas e seus tronos e suas coroas, quando ele tiver ascendido ao sétimo céu (Asc. Is., 9,16-18; trad. de N. Wright).

Essa passagem, analisa N. Wright, insiste claramente na ressurreição de Jesus e no “revestimento” dos justos, e numa sequência temporal na qual algo novo acontece aos que já morreram através da encarnação, morte e ressurreição de Jesus. O “revestimento” com vestimentas celestiais não pode ser forçado até o ponto de significar que os novos corpos são “imateriais”. A ideia poderia facilmente ser próxima àquela em 2Cor 5,1-5. Seja como for, a *Ascensão de Isaías*, obra compósita ou unitária do primeiro ou do segundo século, coaduna estreitamente com a teologia, ainda que sempre com imagens, do material canônico e dos pais apostólicos.⁹⁸

(b) O Apocalipse de Pedro

A obra conhecida como *Apocalipse de Pedro*, que nada tem a ver com o tratado de Nag Hammadi do mesmo nome, conforme lembra N. Wright, é geralmente reconhecida como tendo sido escrita no seio de um grupo de cristãos que buscava permanecer fiel durante o regime de Bar Kochba (132-135 d. C.). O livro mostra uma clara dependência em relação a várias partes do Novo Testamento e várias ideias correntes da literatura apocalíptica judaica. A passagem que interessa é reproduzida abaixo, no capítulo 4, com ecos de profecia bíblica (Ez 37) e também com

⁹⁸ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 684-686.

explicações da ressurreição, como ocorre em vários outros escritos do séc. II, baseando-se nas imagens paulinas de sementes e plantas:

Contemple agora o que eles experimentarão nos últimos dias, quando o dia de Deus chegar. No dia decisivo do julgamento de Deus, todos os filhos de homens, do oriente ao ocidente, serão reunidos diante de meu Pai que vive para sempre, e ele ordenará que o inferno abra suas barras de aço e entregue tudo quanto há nele. E às feras e às aves se ordenará que devolvam toda carne que devoraram, uma vez que ele deseja que todos os homens apareçam novamente, pois nada perece para Deus, e nada é impossível para ele, já que todas as coisas são suas. Pois todas as coisas vão passar no dia da decisão, no dia do julgamento, ante a palavra de Deus, assim como todas as coisas passaram quando ele criou o mundo e ordenou tudo quanto há nele e tudo foi feito – como diz a Escritura: “Filho do homem, profetiza sobre os vários ossos, e diga-lhes – osso com osso em articulações, tendões, nervos, carne e pele e cabelo em cima”. E à ordem de Deus o grande Uriel dará alma e espírito. Pois Deus o encarregou da ressurreição dos mortos no dia do julgamento. Contempla e considera os grãos de trigo que são plantados na terra. O homem os planta como algo seco e sem alma; e eles vivem novamente, dão fruto, e a terra os devolve novamente como uma promessa a ela confiada. E isso que morre, que é plantado como semente na terra e que viverá e será devolvido à vida, é o ser humano. Quanto mais Deus ressuscitará no dia da decisão aqueles que creem nele, são por ele escolhidos e para quem ele criou a terra; e tudo isso a terra devolverá no dia da decisão, posto que ela também será julgada com eles, e o céu com ela (Ap. Ped., 4; trad. de N. Wright).

Essa obra tem seu lugar na corrente principal de ideias sobre a “ressurreição” procedentes de fontes judaicas e cristãs conforme se constatou até agora. Segundo esclarece Wright, embora alguns dos seus quadros pareçam incoerentes (os justos obtêm seus novos corpos antes ou depois do último julgamento?) não resta dúvidas quanto à crença básica. A esperança da ressurreição, aqui e em outros lugares, é invocada para sustentar aqueles que sofrem perseguição. Essa declaração enfática do julgamento futuro, que exige corpos futuros, é ampliada em outras partes do livro, tanto em termos das novas “vestimentas” que os “eleitos e justos” trarão, isto é, os novos corpos que eles receberão, como em termos de estado intermediário, o “Paraíso” que desfrutarão.⁹⁹

(c) *Epístula Apostolorum*

N. Wright informa que a obra que leva esse título foi descoberta numa versão copta, no final do séc. XIX, e posteriormente também numa tradução etíope e em alguns fragmentos latinos. Ela pretende ser uma carta dos onze apóstolos sobreviventes endereçada aos cristãos ao redor do mundo, contando-lhes sobre as conversas que tiveram com o Jesus Ressuscitado após a Páscoa. Apresenta uma posição teológica bastante semelhante à do Novo Testamento, dos outros

⁹⁹ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 688.

pais apostólicos e dos apologistas. Foi escrita provavelmente em meados do segundo século, ou talvez um pouco antes. A epístola contém, dentre outras coisas, uma visão robusta sobre a ressurreição corpórea de Jesus e da futura vida corpórea dos seus seguidores, frente a mestres como Cerinto e Simão, o Mago. Ela narra que os apóstolos puderam, não apenas ouvir, mas também tocar Jesus após sua ressurreição. Jesus ressuscitado, para convencer os discípulos, convidou não apenas Tomé para que o tocasse, mas também Pedro e André. De acordo com esse texto, os apóstolos foram mais lentos para crer do que os evangélicos canônicos dão a entender: “E para que saibas que sou eu, estende tua mão, e põe teu dedo na ferida de minhas mãos; e tu, Tomé, fica ao meu lado; e quanto a ti, André, observa se meu pé encosta no chão e deixa uma pegada” (Ep. Ap. 11, versão etíope, trad. N. Wright). No paralelo copta, André é convidado a observar que os pés de Jesus realmente estavam tocando o chão, o que provaria que ele não é um fantasma.¹⁰⁰

Quando o Jesus Ressuscitado lhes promete que também eles receberão corpos incorruptíveis e novos como parte da renovação de toda criação, ele respalda esse argumento citando o Salmo 3, incluindo o seguinte verso: “Deito-me e pego no sono; levantei-me, porque Deus me levantou”. O salmo em si traz “pois o senhor me sustenta” (Ep. Ap., 19). Isso então se aplica aos próprios discípulos; assim como o Pai despertou Jesus dentre os mortos, também eles serão ressuscitados da mesma forma e receberão “uma vestimenta imperecível” (Ep. Ap., 21). N. Wright observa que a antiga habilidade cristã de encontrar passagens bíblicas que reforçam a crença na ressurreição ainda goza de boa saúde. Juntamente com muitos autores do segundo século que abordam o tema da ressurreição, o autor da *Epístula Apostolorum* enfrenta a questão de como a ressurreição será realizada. Como pode voltar à vida o que está morto e foi disperso? (Ep. Ap., 24). Jesus explica que a carne que desapareceu, ressurgirá, assim como o que foi perdido será encontrado e o que não tem forças se recuperará, e tudo para a glória do Pai (Ep. Ap., 25, versão copta). Isso está longe de ser uma resposta tão completa quanto as que foram propostas por outros autores cristãos primitivos, especialmente Justino Mártir, por exemplo. Contudo é inegável que essa epístola teve a firme intenção de afirmar a ressurreição corpórea com a mesma clareza que esses autores.¹⁰¹

¹⁰⁰ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 690.

¹⁰¹ Ibidem, p. 691.

2.6.3 Os apologistas

(a) Justino Mártir

Justino (100-165 d. C.) produziu sua obra em meados do segundo século e é o primeiro pensador cristão a escrever o que se pode considerar como livros extensos, conforme ensina Nicholas Wright. O filósofo Justino continuou a ensinar filosofia após a sua conversão, por volta de 130 d. C., mas expondo a fé cristã a partir daí. Como os demais apologistas, via como sua principal tarefa refutar as acusações de imoralidade, sedição e até de ateísmo (uma acusação muito comum contra aqueles que negavam a veracidade da religião pagã). Justino também se sentia responsabilizado por argumentar que o cristianismo era, na verdade, a verdade que dava sentido às poucas luzes do paganismo. Não que o resto do mundo estivesse simplesmente errado e os cristãos simplesmente certos. Segundo o célebre apologista, enquanto o resto do mundo olhava para indicadores e pistas, os cristãos encontraram a meta para onde esses indicadores e pistas apontavam.¹⁰²

Na *Primeira Apologia*, Justino afirma que tanto os iníquos como os justos serão ressuscitados para o julgamento. Ele sempre buscou pontos de contato com a cultura pagã para, a partir daí, elaborar seus argumentos. Dessa forma mostrou, por exemplo, que até mesmo na necromancia existiam elementos de contato com o cristianismo porque, a exemplo dessa prática, oferecia provas para a crença na continuidade da vida da alma após a morte. Propunha então que dali até a fé cristã o passo não era tão grande. Afirmou também que na ressurreição esperava receber:

nossos próprios corpos novamente, ainda que estejam mortos e depositados na terra; nada é impossível para Deus” (18). Sabemos que todo tipo de coisas aparentemente impossíveis acontecem no mundo físico. Como, por exemplo, o sêmen se converte num ser humano? No entanto isso acontece. Assim também corpos humanos, após serem dissolvidos como sementes na terra, ressuscitarão ao comando de Deus e “se revestirão de incorrupção”(19, trad. de N. Wright).¹⁰³

N. Wright registra que enfrentando os argumentos mais espinhosos sobre a ressurreição, Justino nega que a carne leva a alma a pecar segundo alguns. Afirmo que ambos são responsáveis e ambos serão salvos. Deus criou a carne em primeiro lugar e, como um artista que restaura uma obra danificada, recria-a. Ainda que seja verdade, como defendem alguns (Justino não nega), que

¹⁰² WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 692.

¹⁰³ Ibidem, p. 693.

a alma é incorruptível, sendo parte de Deus, isso simplesmente mostraria que Deus precisa ainda mais salvar o corpo, já que salvar é o que ele certamente faz e, nessa questão, tão somente o corpo precisa de salvação. Justino, no cap. 9, parte da suposição de que Deus, de fato, ressuscitou Jesus dentre os mortos. Jesus ressuscitou na carne em que sofreu e isso somente pode ter acontecido dessa forma para confirmar que assim será a ressurreição. Para justificar essa afirmação, Justino remete o leitor para Lucas onde Jesus convida os discípulos a apalparem-no e come com eles. Portanto a ressurreição não pode, como alguns defendem, ser apenas “espiritual”.¹⁰⁴

Enfim, se a salvação fosse apenas para a alma, o que isso seria além do que já afirmaram Pitágoras e Platão, questiona Justino. Ao mesmo tempo, defende que o Evangelho é uma nova e incomum esperança, não uma pequena variação sobre o que já era bem conhecido. Nicholas Wright conclui assinalando que Justino se posiciona firmemente com o Novo Testamento não apenas no que se refere à continuidade entre o corpo presente e o futuro, mas também no que se refere à diferença entre eles. Os membros, por exemplo, podem não ter as mesmas funcionalidades na vida futura que têm agora; as deformidades, por sua vez, serão curadas. Também, de modo diferente de Paulo, Justino aplica amiúde o termo carne para se referir ao corpo. Justino não oferece nenhuma teoria sobre um estado intermediário, mas, à luz de uma cuidadosa análise da questão da alma, é possível supor que ele pensava em termos de uma continuidade da alma enquanto ela aguarda pela renovação do corpo. Aliás, ele não tem dúvidas de que o próprio Jesus foi corporalmente ressuscitado. Assim como os pais apostólicos, ele não utiliza a linguagem da ressurreição de forma metafórica, embora enfatize a continuidade e consequencialidade entre a vida ética atual e a ressurreição futura. Martirizado cerca de cem anos depois de Paulo, Justino apresenta sinais de ter absorvido essencialmente o mesmo ponto de vista sobre esse tema e tê-lo defendido mais extensamente do que fez o apóstolo dos gentios, dentro das movimentadas correntes da filosofia pagã.¹⁰⁵

(b) Atenágoras

Conforme N. Wright, Atenágoras foi, provavelmente, um jovem contemporâneo de Justino. Suas obras sobreviventes cobrem um campo parecido ao da *Apologia e Ressurreição*, de

¹⁰⁴ WRIGHT, N. T. *A Ressurreição*, p. 695.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 695-696.

autoria do filósofo mais velho. A parte que interessa a esta pesquisa ocorre onde, ao contestar a acusação de canibalismo, Atenágoras argumenta que isso não faria sentido a pessoas que acreditam na ressurreição. Atenágoras assevera que ainda que as pessoas considerem essa crença pura insensatez, elas dificilmente podem considerá-la antissocial. A crença na ressurreição torna absurda a acusação de canibalismo atribuída aos cristãos. Argumenta que até mesmo com base em Pitágoras e Platão, seria possível sustentar que os corpos que foram dissolvidos poderiam ser reconstruídos a partir dos mesmos elementos. Wright esclarece que quando Atenágoras fala de ressurreição, ele está falando efetivamente de corpos. Seu tratado sobre a ressurreição dos mortos, inclusive, embora semelhante ao de Justino, é mais detalhado. A ressurreição, segundo Atenágoras, não é impossível para Deus que, afinal de contas, é o criador. Como criador ele certamente é capaz de ressuscitar os mortos. Não constitui óbice argumentar que alguns corpos são devorados por animais e alguns até mesmo por outros seres humanos. Deus tem o poder de reconstituir os corpos humanos independentemente do quanto tenham sido dissolvidos ou dispersos, mesmo que isso tenha acontecido por canibalismo.¹⁰⁶

Atenágoras coloca-se ao lado de Justino, Inácio e Clemente, em razão de articular uma ressurreição plenamente corpórea. Exatamente o que o termo significava no mundo antigo. É importante reconhecer que nenhum dos argumentos utilizados por Justino ou Atenágoras tem qualquer sentido se se conceber que a ressurreição pode significar algo diferente de um retorno corpóreo à vida. De modo diferente da maioria dos demais autores cristãos antigos, ele não tem problemas em falar de uma alma que já é imortal, mas nunca indica que a alma estaria melhor sem o corpo. Diferentemente também de Justino ou Inácio, ele não fala de uma ressurreição da carne, mas do corpo, o que é coerente e apropriado para explicar (igualmente com Paulo), que a ressurreição envolve mudança tanto quanto continuidade. Por fim, ele não discute o estado intermediário, como tal, mas sua concepção de alma indica que ele o concebia como a continuidade entre a vida presente e a futura. Assim, ele provavelmente acreditava num estado consciente *post-mortem* anterior à ressurreição. Também não usa a linguagem da ressurreição como uma metáfora para outra coisa.¹⁰⁷

¹⁰⁶ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 696-698.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 700.

(c) Minúcio Félix

Minúcio Félix é considerado autor do terceiro século, dependente de Tertuliano ou como uma das fontes de Tertuliano, conforme ensina Wright. O seu tratado *Otávio* interessa especialmente porque através do diálogo, expõe a argumentação anticristã atribuída a certo Cecílio. Abaixo um excerto reproduzido que parece ter sido precisamente o que Paulo respondeu quando escreveu 1Cor 15:

Deveria me alegrar em saber se se ressuscita ou não com corpos – com o mesmo ou com um renovado? Sem um corpo? Então, até onde sei, não haveria mente, nem alma, nem vida. Com o mesmo corpo? Mas este já foi previamente destruído. Com outro corpo? Então, trata-se de um novo ser humano que nasceu, não o anterior restaurado; e embora tanto tempo tenha passado e inúmeras eras transcorrido, qual indivíduo voltou dos mortos, seja pelo destino de Protesilau, com permissão para permanecer por algumas poucas horas, seja para que pudéssemos crer nele como um exemplo? (trad. de N. Wright).¹⁰⁸

Segundo N. Wright, o tratado *Otávio* explica que haverá um julgamento futuro para o mundo, conforme estoicos, epicureus e muitos outros afirmavam. Até mesmo Platão estaria disposto a concordar com isso, pelo menos em parte. Pitágoras e Platão estariam errados ao propor a transmigração. Segundo a obra em exame, eles transmitiram a doutrina da ressurreição com uma fé corrupta e dividida. O mais importante, contudo, é que Deus é o criador. E é mais difícil criar algo que nunca existiu do que repetir algo já feito. A ressurreição, por conseguinte, é mais fácil para Deus do que a criação como tal. Um tanto incoerente, Minúcio Félix assevera também que após a morte o ser humano é nada, assim como era antes de sua concepção.

Na análise de Wright, em Minúcio, encontra-se o mesmo esquema simples dos demais apologistas: haverá uma ressurreição futura onde aqueles já mortos aguardam em descanso consciente; e a prova disso não é a ressurreição de Jesus como tal, mas o pululante testemunho do mundo natural. Acentua que embora alguns possam considerar isso um desvio dos fundamentos seguros estabelecidos no Novo Testamento, a motivação não é meramente o desejo de atar a doutrina a coisas familiares a qualquer leitor, mas também demonstrar que o cristianismo, longe de ser uma superstição estranha, finca raízes no único mundo feito pelo Deus criador.¹⁰⁹

Em síntese, Wright diz que os apologistas foram pioneiros e seus argumentos talvez sejam considerados bastante simples comparados ao Novo Testamento, de um lado, e aos escritores posteriores, de outro. Entretanto, existe neles certa alegre ousadia que chama a atenção. Muito

¹⁰⁸ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 703.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 704.

ativos numa época em que a perseguição poderia irromper a qualquer momento, e frequentemente irrompia, eles se negaram a evitar afirmações extraordinárias do Evangelho fazendo com que muitos deles padecessem por isso. Desse modo eles preparam o caminho para escritores mais sofisticados e meticulosos como Tertuliano, Irineu e outros.¹¹⁰

2.6.4 Os primeiros grandes teólogos

(a) Tertuliano

Conforme informa Wright, Tertuliano nasceu por volta do ano 160 d. C., convertendo-se ao cristianismo ao redor dos seus trinta anos, nos últimos anos do séc. II e morrendo no ano 225 (data também aproximada). Produziu seus influentes livros na primeira terça parte do séc. III, após a morte de Irineu. Foi mais ou menos nessa época que os primeiros credos para catecúmenos foram produzidos, incluindo a renomada expressão “a ressurreição da carne” (*ressurrectio carnis*), ao invés de *mortuorum* (“dos mortos”) ou *corporis* (“do corpo”). A obra *Apologia* de Tertuliano consiste num tratamento brilhante sobre a maioria das questões controversas que eram objeto de debate entre os cristãos e seus críticos. Contém uma descrição surpreendente da ressurreição:

Quando essa era chegar ao seu fim cabal, [Deus] se assentará como juiz, e galardoará seus adoradores com vida eterna e condenará os profanos com fogo perpétuo e incessante; pois os mortos, cada um deles desde o início dos tempos, serão ressuscitados, remodelados e examinados, para que seus méritos de todo tipo, bons ou maus, sejam julgados. Sim! Também em nossa era, rimos disso... (*Apologia*, 18,3s, trad. de N. Wright).¹¹¹

Contudo, é o livro sobre a ressurreição (*De resurrectione*) que trata a questão em máxima extensão, já que era o tratado mais robusto sobre o tema já escrito na Igreja antiga. Tertuliano, nessa obra, começa atacando diretamente as crenças pagãs sobre os mortos, onde alguns afirmam que eles deixam de existir completamente ao passo que outros “alimentam” os mortos em ritos celebrados junto ao sepulcro, expressando que os mortos ainda tem apetite, entre outras crenças. Tertuliano, nada obstante, não enfrenta apenas os pagãos, mas combate também os dualistas dentro da Igreja, ou em suas margens, que dizem que Cristo não tinha carne verdadeira, antes ou depois de sua morte e ressurreição.

¹¹⁰ WRIGHT, N. T. *A Ressurreição...*, p. 704.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 705.

Tertuliano, assim como os demais apologistas, fundamenta sua própria argumentação no fato de que Deus é o criador do mundo material e tudo o que fez, fê-lo como algo excelente. A carne humana também faz parte da criação artesanal de Deus; ela é coerdeira da alma. A carne é muito importante no pensamento cristão, ela recebeu graça, a graça do próprio Cristo. Quando Paulo disse coisas negativas sobre a “a carne”, ele se referia a suas ações, não a substância como tal. O que importa é o poder de Deus como criador. O que ele fez, ele pode refazer.

A ressurreição também se encaixa na visão clássica judaico-cristã do julgamento futuro, segundo Tertuliano. Alma e corpo precisam ser reunidos para que o julgamento seja completo, já que como eles atuaram juntos nesta vida, deverão ser julgados juntos também no fim.¹¹²

Com relação ao enfrentamento dos hereges alocados na própria Igreja, Tertuliano argumenta que a Escritura fala da ressurreição dos mortos, não da alma, enquanto os heréticos tratam a ideia da “ressurreição dos mortos” como uma referência a uma mudança moral na vida presente, ou mesmo à possibilidade de escapar completamente do corpo. Ele enfrenta assim um uso metafórico da linguagem da ressurreição com um referente abstrato, ao invés de concreto: ele admite a existência de sentidos “espirituais” nos quais as profecias podem ser entendidas, mas insiste em que esses sentidos dependem da existência de um referente real na realidade concreta. Ressurreição dos mortos não é simplesmente uma figura de linguagem para alguma outra coisa. Tampouco a Escritura permite dizer que a ressurreição já aconteceu, ou que ela acontece imediatamente após a morte. Ela acontece, na verdade, no fim do mundo, e isso claramente ainda não aconteceu. Assim, os heréticos que afirmam terem sido “ressuscitados” estão errados, pois estão usando a linguagem num sentido que o seu significado original não pode sustentar. Tertuliano justifica essa afirmação dizendo que quando Paulo fala de uma ressurreição presente, em passagens como Cl 2 e 3, e quando João diz algo semelhante em 1Jo 3, isso se refere a algo que acontece na mente que aponta adiante para a ressurreição corpórea da qual Paulo também fala, por exemplo em Fl 3. As duas cartas aos Tessalonicenses falam de um momento ainda por vir, quando Cristo voltará e a ressurreição corpórea acontecerá. Da mesma forma, também o Apocalipse fala de uma ressurreição corpórea vindoura. Quando a Escritura usa metáforas, o referente ainda é a ressurreição como tal. O ensinamento de Jesus aponta para a mesma direção, já que indica a ressurreição do corpo, não apenas uma nova vida para a alma. Ao analisar o

¹¹² WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 705-707.

debate entre Jesus e os saduceus, Tertuliano insiste que a questão de se casar, ou não, apenas faria sentido se o assunto em debate realmente fosse a carne e sua restauração.

Tertuliano analisa algumas passagens importantes em Atos e Paulo, com especial atenção às passagens-chave na correspondência coríntia. Entende que as obras da carne e não sua substância o que Paulo condena. A frase “carne e sangue não podem herdar o reino”, portanto, não deve ser vista como uma negação da ressurreição corpórea. O fato de que Jesus, como ser plenamente humano, agora está à destra de Deus é uma garantia da ressurreição corpórea. O corpo, realmente será transformado para que se torne incorruptível, mas mudar dessa forma não significa destruir a substância. “Mudanças, conversões e reformas necessariamente ocorrerão para que a ressurreição aconteça, mas a substância da carne ainda será preservada a salvo” (*De Resurrectione*, 55). O julgamento final pode acontecer e ser válido somente através da identidade do corpo ressuscitado com o corpo atual. Os corpos humanos serão restaurados num estado de perfeição; isso envolverá mudanças, mas as várias características pessoais serão preservadas, independentemente da utilidade que possam ou não ter. Desse modo, os ressuscitados serão “iguais aos anjos”; não serão anjos, pois sua humanidade será perfeitamente mantida. Corpo e alma são unidos por Deus e não estão destinados a permanecer separados (*De Resurrectione*, 63). Consoante analisa Wright, pelos menos nesses aspectos, Tertuliano entendera o que Paulo estava dizendo, em oposição àqueles que o interpretavam numa direção gnóstica. Nesse ponto, aliás, ele se alia a um dos grandes pais da teologia grega, Irineu, bispo de Lyon nas duas últimas décadas do séc. II. Ambos, de maneira complementar, também reuniram uma noção extravagantemente materialista do corpo ressuscitado e de sua mudança radical.¹¹³

(b) Irineu

De acordo com N. Wright, Irineu (130-200 d. C.) se tornou bispo de Lyon imediatamente após a perseguição de 177 d. C., ocasião em que o predecessor foi martirizado. Para Irineu, teologia e exegese faziam parte da tarefa de equipar a Igreja para o seu perigoso e difícil testemunho contra o império pagão e sua cultura. Fundamentava sua teologia numa sólida explicação de Deus como criador, igualmente a outros autores já examinados nesta pesquisa. Este é o tema dos capítulos iniciais de *Contra as heresias*, Livro II, após a exposição das diversas heresias no Livro I. No Livro II, apresenta sua primeira exposição da ressurreição em

¹¹³ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 707-708.

argumentação contra os valentinianos, que haviam concebido um complexo esquema sobre o que aconteceria no final, com uma separação última entre “espiritual” e “material”. Como Tertuliano, Irineu afirma que alma e corpo estão destinados a permanecer juntos, e que quando Deus ressuscitar os mortais, ele os tornará incorruptíveis e imortais. Rejeita e classifica como absurda a teoria da transmigração. Deus, como criador, é perfeitamente capaz de conferir a cada corpo individual a alma adequada que lhe é própria, o que fará tanto com os justos, para que sejam recompensados, quanto com os injustos, para que sejam punidos. Baseando-se na resposta de Jesus aos saduceus, insiste que essa nova vida será de tipo diferente em relação à presente. O estado intermediário é a contínua existência da alma, e tais almas são reconhecíveis, citando Lc 16 (a parábola do homem rico e Lázaro). Contudo, a alma não possui uma vida automaticamente sua e tampouco é preexistente, sendo Deus quem a mantém no ser.¹¹⁴

No Livro V, Irineu retoma a questão da ressurreição argumentando em favor da bondade e do caráter divino da carne humana. A carne humana é fraca, mas é o poder de Deus que a ressuscitará dentre os mortos. Questiona que se a carne pode estar completamente viva no presente, por que não poderia estar assim também no futuro? A raça humana consiste numa combinação e união de alma, espírito e corpo; essas coisas, juntas, trazem a imagem divina. Sustenta que quando Paulo chama os corpos de “espirituais”, ele não quer dizer que a carne deles foi removida e descartada, mas que eles participam do Espírito. E é esse ser humano integral que se torna um templo do Espírito Santo. Explica que a prova de que o próprio Jesus ressuscitou com o mesmo corpo de antes é fornecida pela marca dos pregos. Assim também os demais serão ressuscitados, não de forma incorpórea, mas com um corpo. A expressão “corpo espiritual” (1Cor 15,35-49) não é usada para a alma ou o espírito isoladamente, mas para os corpos que possuem vida perpétua pela ação do Espírito.

Irineu também enfrenta a clássica má interpretação (segundo interpreta Wright) de 1Cor 15,50: “carne e sangue não podem herdar o reino de Deus”. Irineu afirma que os heréticos citam essa passagem para mostrar que a criação material (“obra artesanal de Deus” como Irineu a chama) não será salva. Essa constitui uma maneira incorreta de entender o texto: “carne e sangue” referem-se às pessoas que não têm o princípio da vida, isto é, o Espírito divino, habitando nelas. Estão praticamente mortas, mas o Espírito dará vida à carne não obstante. Assim

¹¹⁴ WRIGHT. N. T. A Ressurreição..., p. 709-710.

como os mansos recebem a promessa de que herdarão a terra, a carne, que é da terra, pode fazer parte da herança do Espírito e daqueles nos quais o Espírito opera.¹¹⁵

Ao fim de sua obra, Irineu oferece uma exposição final da ressurreição asseverando que Jesus não morreu e foi para o céu simplesmente, ele passou três dias no túmulo entre os mortos, em cumprimento a Escritura, não sendo possível, dessa forma, combinar ressurreição e ascensão. O padrão de uma existência *post-mortem* em dois estágios deve ser seguido por todo o povo do Senhor: primeiro um período nos lugares invisíveis designados por Deus; então, a ressurreição final do corpo. Haverá, assim, uma ressurreição verdadeira dentro de um mundo renovado, no qual haverá graus de bem-aventurança.¹¹⁶

(c) Hipólito

Dentre a volumosa obra de Hipólito (170-236 d. C.), escritor do III século, destacam-se duas breves passagens sobre a ressurreição, conforme informa e instrui Nicholas Wright. O *Tratado sobre Cristo e o Anticristo* é concluso com uma sequência de citações sobre o tema da ressurreição, tanto do Antigo Testamento quando do Novo Testamento. 2Ts 2 é integralmente citado seguido por uma colagem entre Mt 24 e Lc 21, juntamente com passagens dos Salmos, dos profetas e de Paulo. Abordando especificamente o tema ele cita sucessivamente Dn 2,2; Is 26,19; Jo 5,25; Ef 5,14; Ap 20,6; Ap 22,15; Mt 13,43 e 25,43; Is 66,24 e 1Ts 4,13-17. A grande surpresa é que não cita as epístolas aos Romanos e aos Coríntios. Wright questiona se estariam as cartas de Paulo sendo interpretadas de maneira diversa, dificultando a referência a elas sem grandes argumentações?¹¹⁷

A outra passagem aparece na obra fragmentária *Contra Platão, sobre a causa do universo*. Nessa obra Hipólito descreve o Hades, o lugar onde todos os mortos atualmente residem, como um cárcere para as almas, no qual punições já são administradas em antecipação ao julgamento final. Os justos também se encontram no Hades atualmente, mas num local separado dos iníquos, enquanto aguardam pelo “reino incorruptível e imperecível” (1). Sua morada é alegre e luminosa e de grande expectativa; é o local referido como “Seio de Abraão”. Esse capítulo, consoante analisa Wright, parece depender, de várias maneiras, da parábola em Lc 16 onde é narrado, por exemplo, a descrição da vida após a morte incluindo o grande abismo

¹¹⁵ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 710-712.

¹¹⁶ Ibidem, p. 713.

¹¹⁷ Ibidem, p. 714-715.

existente entre os pecadores e os justos. Hipólito afirma que no fim Deus realizará a ressurreição não permitindo, de forma alguma, que os mortos transmigram para outros corpos, mas ressuscitando os próprios corpos. O fato de os corpos terem se dissolvido não implica que o criador seja incapaz de reunir os mesmos elementos e os reconstitua e os torne imortais. O corpo, depois da morte, é como uma semente, semeada como grão cru, mas que logo será moldada novamente. Não se ressuscita a mesma coisa como é agora, mas pura e não mais corruptível. Cada um desses corpos receberá a alma apropriada. Os injustos, entretanto, receberão seus corpos no estado de corrupção, sofrimento e doença em que os deixaram e, nesse estado, serão julgados.¹¹⁸

(d) Orígenes

Quando se estuda o grande escritor alexandrino Orígenes (185-254 d. C.) se ingressa em um mundo diferente em vários sentidos, opina N. Wright. Ele compartilha com seu contemporâneo Clemente de Alexandria a questionável reputação de ter dado mais atenção a certo tipo de filosofia platônica do que os demais teólogos se sentiram confortáveis em dar até aquele momento. Sua doutrina da *apokatastasis*, uma restauração ou retorno de todas as coisas a seu lugar de origem primeva, era tão forte que ele até parece ter defendido que o diabo também seria salvo. Por essa razão, após vários ataques feitos por Agostinho, ele foi condenado pelo Concílio de Constantinopla em 543 d. C. Não obstante, ele era e é considerado um exegeta e teólogo espantosamente erudito e sensível e representa um ponto de especial atenção nesta dissertação.¹¹⁹

Orígenes concebe a ressurreição corpórea frente aos gnósticos, helenizantes ou pagãos sensatos como Celso. No discurso sistemático *De principiis* ele expõe por duas vezes a mais debatida das expressões paulinas: o “corpo espiritual”. Na primeira passagem ele começa afirmando que se esse for um corpo que morre, ele será um corpo que ressuscita. Quando Paulo fala em “corpo espiritual”, ele certamente se refere a um corpo. Orígenes claramente entende “corpo” num sentido de corpo físico. Os corpos ressuscitarão de maneira que se possa ser deles revestidos pela segunda vez na ressurreição. A palavra “espiritual” tem a ver com descartar a corrupção e a mortalidade. Isso envolverá uma transmutação do corpo “animal” anterior (o *soma*

¹¹⁸ WRIGHT N. T. A Ressurreição..., p. 714-715.

¹¹⁹ Ibidem, p. 716.

psychikon), mas não o seu abandono. Ele é tanto o mesmo corpo que morreu quanto diferente dele. A diferença fundamental está na incorruptibilidade do novo corpo imortal. Wright afirma que essa transformação é a chave da visão que Orígenes tem do corpo ressuscitado. Orígenes inclusive ressalta essa transformação citando Paulo em 1Cor 15,51, pois aqui ele está muito próximo de seu pensamento: “Nós seremos transformados...” (*De Principiis*, 2.10.3).¹²⁰

Sobre a ressurreição Orígenes contribui mais:

Penso que eles não podem recusar a ressurreição do corpo, e que, na ressurreição, nós nos serviremos de corpos, porque o apóstolo Paulo disse: “um corpo animal foi semeado, e um corpo espiritual ressuscitará” (1Cor 15,44). Qual é a consequência? Se é certo que usaremos corpos e que os corpos que caíram são os que se levantarão, segundo a pregação apostólica – pois não se diz propriamente levantar se não daquilo que antes caiu –, não há nenhuma dúvida de que serão esses corpos que se levantarão para nós nos revestirmos com eles na ressurreição. Uma afirmação está ligada a outra, porque, se os corpos ressuscitam, é sem dúvida para nós revestir, e se é necessário, como de fato é, estarmos em corpos, não deveremos estar em outros corpos a não ser nos nossos. Se é verdade que os corpos ressuscitarão, e que ressuscitarão espirituais, não há dúvida de que o farão após terem rejeitado a corrupção e posto de lado a mortalidade, para que se diga que ressuscitaram dos mortos, se não ia parecer em vão e inútil que alguém ressuscitasse dos mortos para morrer outra vez (*De Principiis*, 2.10.1).¹²¹

Orígenes volta ao corpo espiritual e sua transformação no Livro III, cap. 6, quando aborda a questão do fim do mundo. Nesse ponto ele desenvolve mais sua imagem do novo corpo após essa transformação na ressurreição. Inicia dizendo que uma vez que encontramos em Paulo uma menção ao corpo espiritual, o que é que se deve pensar sobre isso, questiona retoricamente. Responde, afirmando que a qualidade de um corpo espiritual deve permitir que ele seja habitado não só pelas almas santas e perfeitas, mas, ainda, por todas as criaturas que serão libertadas da servidão da corrupção. Deste corpo diz também o apóstolo que “temos uma casa que não é feita pelas mãos, eterna nos céus” (2Cor 5,1), isto é, nas moradas dos bem-aventurados. Argumenta que por aqui é possível conjecturar de quanta pureza, de quanta sutilidade e de quanta glória serão as qualidades desse corpo se comparados com aqueles que agora, mesmo que sejam corpos celestes e esplendorosos, são, contudo, feitos “pelas mãos” e visíveis. Pelo contrário, do outro se diz que é “uma casa que não é feita pelas mãos, mas eterna nos céus”. Uma vez que o “visível é temporal e o invisível eterno” (2Cor 4,18), todos os corpos que se veem na terra ou nos céus, que podem ser vistos, que são “feitos pelas mãos” e não são eternos, são ultrapassados de longe por aquele que não é visível nem feito pelas mãos, mas eterno. A partir dessa comparação, pode-se

¹²⁰ WRIGHT, N. T. *A Ressurreição...*, p. 718.

¹²¹ LUPI, João Eduardo P. B. (trad.). *Orígenes: Tratado sobre os princípios*, p. 190-191.

presumir o encanto, o esplendor e o brilho do corpo espiritual e que é verdade, tal como está escrito, que o “olho não viu, e o ouvido não escutou, que ainda não chegou ao coração do homem o que Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9). Orígenes, conclui, após essas explanações, que não há dúvida de que a natureza desse corpo que é nosso, pela vontade de Deus que assim o fez, poderá chegar pela ação do Criador a essa qualidade de corpo muito sutil, puríssimo e muito resplandecente, conforme o estado das coisas o exigir e os méritos da natureza racional o pedirem (*De Principiis* 3.6.4).¹²²

Nicholas Wright, em nota, explica que Orígenes, nessa passagem e após citar 2Cor 5,1, que fala do novo corpo “não feito por mãos”, parece assumir que o sol, a lua, etc., por fazerem parte da criação original, são, nesse sentido, “feitos por mãos”. É em questão dessa natureza que alguns, contemporâneos seus ou posteriores, se perguntaram se Orígenes compartilhava, em certa medida, da antiga crença pagã da “imortalidade astral”.¹²³

Sintetiza também a obra de Orígenes, incluindo obviamente as suas respostas em *Contra Celso*, relatando e opinando que ele, na verdade, completa as exposições do séc. II sobre a ressurreição. A partir de Clemente, Inácio, Justino ou Tertuliano não se teria chegado a saber que Paulo tinha em mente que o corpo presente seria transformado, já que eles estavam tão preocupados com a continuidade que não mencionaram a descontinuidade. Embora tenha fama de platônico, de alegorista mais interessado no significado espiritual do que nos acontecimentos deste mundo, ele se mantém firme ao longo de todas as voltas e giros da sua argumentação. A ressurreição de Jesus foi ressurreição, ainda que também a transformação, do seu corpo real. A ressurreição dos cristãos resultará num corpo físico real, embora incorruptível. Quando Orígenes afirma a ressurreição, ele se refere a um corpo de verdade, numa importante relação, tanto de continuidade quanto de descontinuidade, com o corpo anterior. Ele também se sente à vontade para falar de estado intermediário em termos de alma, inclusive da alma de Jesus pregando aos mortos no período entre sua morte e ressurreição. Como os demais autores patrísticos citados, Orígenes situa a ressurreição num contexto mais amplo de julgamento final, ainda que tenha opiniões particulares acerca do resultado final ou do desfecho desse julgamento. E a ressurreição final se baseia na do próprio Jesus. O que ele não aduz, assim como também não trazem os demais autores, é qualquer uso metafórico de ressurreição para denotar (como acontece, às vezes,

¹²² WRIGHT, N. T. *A Ressurreição...*, p. 277.

¹²³ *Ibidem*, p. 719.

no Novo Testamento) a nova vida que os crentes têm no presente pelo batismo e pela santidade. Tampouco ele usa essa linguagem de qualquer maneira para denotar uma nova experiência espiritual no presente que conduziria a uma incorporeidade final bem-aventurada no futuro (um desfecho gnóstico). Supõe-se que ele conhecia os textos que usavam a linguagem da ressurreição dessa forma, mas nunca comentou sobre eles; aliás, Celso também nada comentou sobre isso, isto é, não fez uso dessa interpretação ou compreensão para qualquer dos seus famosos questionamentos/reflexões.¹²⁴

Aqui se interrompe uma linha do tempo que vai do Novo Testamento ao início do séc. III, passando pela memória dos sinais da crença na ressurreição no Antigo Testamento e mundo antigo, onde se buscou as suas raízes. Buscou-se, igualmente, pelo significado da ressurreição de Cristo e dos crentes interpretada pelos mais importantes nomes do cristianismo dos primeiros séculos e da Tradição da Igreja desse período. Bases sólidas para uma compreensão contemporânea da ressurreição que inicia no próximo capítulo.

¹²⁴ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 727-728.

3 A FÉ NA RESSURREIÇÃO NA TEOLOGIA PROTESTANTE

Segundo Leonardo Boff, a teologia protestante possui grandes teólogos contemporâneos como Karl Barth, Gerhard Ebeling, H. Braun e Ulrich Wilckens e outros. Entre eles, todavia, Rudolf Bultmann, Willi Marxen e Wolfhart Pannenberg delimitam muito bem o pensamento protestante sobre a fé na ressurreição. Juntamente a esses autores, é exposta também a perspectiva de Jürgem Moltmann, igualmente representante de uma parcela significativa do pensamento protestante contemporâneo e que desenvolveu sua teologia da esperança a partir da ressurreição de Jesus Cristo. Ao final, John Dominic Crossan, especialmente reconhecido por suas pesquisas na linha do “Jesus histórico” e também um dos fundadores do polêmico instituto Jesus Seminar nos EUA, apresenta alguns subsídios importantes para a reflexão teológica atual sobre o tema.

3.1 RUDOLF BULTMANN

Para Bultmann, citado por L. Boff,¹²⁵ a ressurreição não é um fato histórico, mas expressão do significado da cruz. Na perspectiva dos apóstolos, a cruz de Cristo não foi a morte de um amaldiçoado. Eles perceberam nesse fato histórico um significado transcendente e salvífico: o juízo libertador de Deus sobre o mundo, o juízo de Deus que vence a morte. Esse significado, no entanto, não é visto no fato bruto da cruz e por isso ele não é um fato histórico, no sentido de poder ser verificado pelo historiador ao analisar o fato com seu método histórico-crítico. O teólogo sustenta que expressar ressurreição é exprimir o significado da cruz. E isso não é dizer que aconteceu historicamente algo em Jesus, mas é dizer que aconteceu historicamente algo nos apóstolos. Fé na ressurreição é a forma como se exprime a fé no significado da morte de Cristo. Nesse sentido a ressurreição não é um fato histórico que se possa verificar. O que o historiador pode averiguar é que houve homens que creram e pregaram a ressurreição, portanto somente na fé a ressurreição é um fato. A fé cristã como fé não se interessa pela reconstrução histórica de como surgiu a fé na ressurreição, mas sim pelo significado existencial da morte de Cristo com o seu valor salvífico. Isso ela o sabe pela palavra da pregação fazendo com que a fé nessa palavra constitua-se, na verdade, em fé na ressurreição. A palavra da pregação pertence

¹²⁵ BOFF, Leonardo. A Ressurreição de Cristo: A nossa ressurreição na morte, p. 21-22.

também ao fato escatológico possuindo, conseqüentemente, um caráter salvífico. Assim, é possível dizer que na pregação o Ressuscitado está presente. Na pregação Cristo ressuscita. As lendas do sepulcro vazio e os relatos da ressurreição sobre as demonstrações da corporalidade do Ressuscitado são, sem dúvida, construções posteriores das quais, inclusive, Paulo nada sabe.¹²⁶

Obviamente é verdade que a demitologização adota como um dos critérios a cosmovisão moderna. No entanto, demitologizar não significa rechaçar em sua totalidade a Escritura ou a mensagem cristã, mas sim a cosmovisão bíblica, que é a cosmovisão de uma época passada, com demasiada frequência mantida ainda na dogmática cristã e na pregação da Igreja. Demitologizar significa negar que a mensagem da Escritura e da Igreja esteja vinculada a uma cosmovisão antiga e obsoleta.¹²⁷

O intento de demitologizar toma como ponto de partida uma percepção fundamental: a pregação cristã, na medida em que é a pregação da palavra de Deus por mandato Seu e em Seu nome, não oferece uma doutrina que possa ser aceita ou pela razão ou por um *sacrificium intellectus*. A pregação cristã é um querigma, isto é, uma proclamação dirigida não à razão teórica, mas sim ao ouvinte como si-próprio (selbst no original).¹²⁸

A cosmovisão bíblica é mitológica e, portanto, inaceitável para o ser humano moderno, cujo pensamento é moldado pela ciência natural e por isso não tem nada mais de mitológico.¹²⁹

A ciência atual não é mais a mesma que a do séc. XIX, e certamente todos os seus resultados são relativos e nenhuma cosmovisão – seja de ontem, de hoje ou de amanhã – é definitiva. O essencial, porém, não são os resultados concretos da pesquisa científica e os conteúdos específicos de uma cosmovisão, mas sim o método de pensamento do qual derivam as concepções de mundo.¹³⁰

O contraste entre a cosmovisão antiga da Bíblia e a moderna é o que separa duas maneiras de pensar opostas, a mitológica e a científica.¹³¹

De momento, porém, nos é suficiente dizer que o pensamento das pessoas modernas é realmente moldado pela cosmovisão científica, a qual também responde às necessidades de sua vida cotidiana.¹³²

3.2 WILLI MARXSEN

Segundo instrui L. Boff,¹³³ Willi Marxsen afirma que a ressurreição não é um fato histórico, mas uma interpretação das aparições, condicionada pelo horizonte apocalíptico. Para Marxsen, Bultmann bagatelizou o valor da pergunta pelo fato histórico. Apesar disso, embora ele

¹²⁶ BOFF, Leonardo. A Ressurreição de Cristo..., p. 21-22.

¹²⁷ BULTMANN, Rudolf. Demitologização, p. 63.

¹²⁸ Ibidem, p. 64.

¹²⁹ Ibidem, p. 64.

¹³⁰ Ibidem, p. 64-65.

¹³¹ Ibidem, p. 65.

¹³² Ibidem, p. 65.

¹³³ BOFF, Leonardo. A Ressurreição de Cristo..., p. 24-26.

tenha sido ainda mais radical que Bultmann, interessou-se pela pergunta. Marxsen opina como surgiu a convicção do fato da ressurreição afirmando que não se trata da constatação de um fato real, mas de uma interpretação condicionada pela cosmovisão apocalíptica da época, já que pertencia a ela a esperança na ressurreição dos mortos. As aparições reais que os apóstolos tiveram foram interpretadas dentro das categorias de ressurreição. De fato, historicamente alguns assim interpretaram as aparições que tiveram. Essa interpretação – Jesus ressuscitou – não é obrigatória para o homem de hoje já que não se é obrigado a assumir a cosmovisão da época, passada e mítica. O próprio Novo Testamento mostra como há uma outra possibilidade de interpretar as aparições, não como Ressurreição de Jesus, mas como missão de viver e de pregar a causa de Cristo adiante. É verdade que Paulo em 1Cor 9,1 fundamenta seu apostolado no fato de ter visto o Senhor. Portanto as aparições que de fato aconteceram após a morte de Jesus levaram os apóstolos a refletir em duas direções: uma funcional, voltada para o futuro: a missão, a causa de Jesus vai adiante, pela pregação Jesus atinge o ouvinte hoje. Outra voltada para o passado, pessoal: Jesus ressuscitou dos mortos. Essa afirmação, ensina Marxsen, está condicionada pela antropologia judaica segundo a qual não há vida humana sem corpo. Por isso a insistência de alguns textos em Lucas e João em afirmar a corporalidade do Ressuscitado. Se um grego tivesse refletido sobre as aparições de Jesus, ele diria, conforme sua antropologia, para a qual o corpo é um cárcere e um mal: Jesus deixou realmente seu corpo. Ele teria afirmado a vida de Cristo sem precisar falar em ressurreição do corpo. Essa não é um fato, mas uma interpretação que deve ser traduzida na fé cristã atual. Ressurreição é um modo de falar e não algo que aconteceu. O conteúdo da verdade que contém essa expressão e que deve ser mantido reside nisso: pela Igreja e pelo evangelho a causa de Cristo segue adiante e atinge a todos como atingiu outrora os discípulos de Cristo. É como se se dissesse: “Se isso me atinge então eu sei: Ele vive”. Exprimindo isso numa terminologia mais antiga, considerando os limites e condicionamentos dessa terminologia, poder-se-ia professar: “Ele vive, Ele não permaneceu na morte. Ele ressuscitou”.

3.3 WOLFHART PANNENBERG

A ressurreição é realmente uma interpretação das aparições, porém insubstituível, atingindo o fato histórico segundo W. Pannenberg, citado por L. Boff.¹³⁴ Bultmann se desinteressava pelo fato histórico da ressurreição. Marxsen vê interesse nele como uma interpretação condicionada pela atmosfera cultural da época, mas se desinteressa pelo seu valor permanente, porque pode ser intercambiada por outra interpretação. W. Pannenberg chefiou um grupo de teólogos que se afastaram da problemática bultmanianna, propondo uma concepção da revelação como história, interessando-se exatamente pela interpretação das aparições como fator insubstituível também para o crente hoje, atingindo o fato histórico Ressurreição de Jesus.

Segundo Pannenberg, refere L. Boff,¹³⁵ após a crucificação, os apóstolos foram surpreendidos por Jesus, ressuscitado dentre os mortos, comunicando-se com eles através de aparições. Para expressar essa nova realidade, sem analogias dentro da história já que a ressurreição de Jesus é outra coisa que a revivificação do jovem de Naim (Lc 7,11-17), da filha de Jairo (Mc 5,35-43) ou de Lázaro (Jo, 11), os apóstolos lançaram mão das metáforas do mundo apocalíptico. Uma delas era a da ressurreição dos mortos, como um acordar do sono e um levantar-se. Do mesmo modo acontecerá no final do mundo. Evidentemente a linguagem é simbólica: a realidade pensada e seu modo são totalmente diversos. Os homens do velho mundo (atual) não podem fazer representações adequadas de como serão os homens do mundo novo. O Novo Testamento assumiu a metáfora “ressurreição”, mas pensa bem outra coisa que uma simples revivificação de um cadáver, no sentido de um levantar-se e de um andar por aqui e por ali de um morto. Ressurreição é nova vida (1Cor 15,35-56): uma transformação radical da existência corporal para uma existência pneumática, totalmente determinada e repleta por Deus (1Cor 15,38-42.50-53). Ao usarem a metáfora quiseram exprimir essa realidade absolutamente nova: Jesus vive uma existência corporal totalmente diversa da do velho éon. Isso é visto como o romper do mundo novo: Cristo é o primeiro entre muitos irmãos (Rm 8,29), as primícias dos que morreram e agora ressurgem (1Cor 15,20; Cl 1,18; At 1,15; 3,15), aquele por quem todos serão ressuscitados (1Cor 15,22). Esse fato, contudo, só pode ser expresso na linguagem da expectativa escatológica, simbólica e insuficiente, porque tomada das categorias do mundo velho, porém

¹³⁴ BOFF, Leonardo. A Ressurreição de Cristo..., p. 28-29.

¹³⁵ BOFF, Leonardo. A Ressurreição de Cristo..., p. 29-30.

insubstituível. Sem essa linguagem perde-se a realidade pensada e testemunhada pelos textos do Novo Testamento. Portanto, se ela é de natureza tal que só pode ser expressa pela linguagem simbólica e anunciada por aparições então as aparições e as expressões simbólicas garantem o caráter histórico do fato Ressurreição de Jesus. O historiador ao constatar as aparições atinge também o fato Ressurreição manifestado nelas. Se as aparições possuem caráter histórico também o possui a ressurreição. Caso contrário não seria possível dizer que a ressurreição aconteceu dentro de um determinado momento da história.

3.4 JÜRGEN MOLTSMANN

Jürgen Moltmann entende que no estudo da ressurreição de Jesus Cristo é necessário expor o caráter escatológico das aparições pascais e a forma trinitária de que elas se revestem. Jesus Cristo foi crucificado publicamente. O Ressuscitado, porém, somente apareceu às mulheres e aos discípulos que com ele haviam se dirigido a Jerusalém. A sua morte, na total indignação, sobre o Gólgota, foi presenciada por muitas pessoas. Contudo, foram poucos os que puderam constatar a sua aparição, na força e no esplendor. O que foi que viram os testemunhos pascais? Como viram eles o Crucificado vivo? De que maneira o reconheceram?

Moltmann ensina que o anúncio e a fé pascal sempre vêm fundamentados por um “ver”. O termo grego *ôftê* tem aqui vários significados. Ele pode traduzir-se como: Cristo foi visto; ou, Cristo apareceu; ou, Cristo deixou-se ver; ou, Deus revelou-o. Em todos os casos, trata-se de uma fórmula de revelação. É a visão de algo que a alguém é dado ver de forma especial. A iniciativa cabe àquele que se deixa ver. A pessoa abordada é passiva, ela é a paciente dessa aparição. Trata-se não do reconhecimento de algo conhecido, que sempre aí está e que cada um pode ver, bastando apenas dar-se ao trabalho de observar atentamente. Não é o caso. Um ver, assim excepcional, normalmente é designado como visão. As visões pascais das mulheres e dos discípulos não podem ser comprovadas, pois não podem ser repetidas. É sabido que toda prova repousa na repetição da experiência ou na sua reprodutividade. Nos textos não há menção alguma da reprodução das visões pascais do Ressuscitado. Então, como deve ser entendida a visão pascal? Como as entenderam os próprios privilegiados? De qualquer modo, mesmo que as visões não tenham sido convencionais, no sentido de uma repetibilidade, podem, contudo, encerrar um postulado de valor universal.

Para o teólogo, a estrutura do “ver” pascal, como comprova a palavra que o traduz, reveste-se da forma do aparecimento messiânico do vindouro e da antecipação apocalíptica daquele que há de vir. No final dos tempos, o Deus das promessas da antiga Aliança aparecerá no seu esplendor, para realizar a esperança universal por ele despertada. O mundo inteiro então será preenchido da sua glória (Is 60). Já na vocação dos patriarcas, do povo da aliança e dos profetas, essa glória vindoura está em curso na história, apontando para os caminhos da sua realização. Quando Jesus crucificado, após a sua morte “aparece” em seu esplendor às mulheres e aos discípulos, realiza-se a mostra da sua vida futura, revestida da glória de Deus. Cristo aparece àqueles privilegiados à luz do seu futuro até então ainda não reconhecido no mundo. Assim como apareceu aos testemunhos pascais, um dia aparecerá universalmente. As aparições pascais devem por isso ser interpretadas como amostras da sua vida futura. A visão pascal dos discípulos reveste-se da forma de uma constatação prévia. Aquele que vê o Ressuscitado, vê de antemão a glória de Deus que há de vir. Ele constata aquilo que ainda não era constatável, mas que no futuro será constatado por todos. Sob que forma, então, segundo seus próprios depoimentos, Jesus apareceu a eles? A quem eles viram? Segundo 2Cor 4,6, eles viram a “glória de Deus que resplandece na face de Cristo”. Jesus apareceu-lhes como a “imagem de Deus” (2Cor 4,4), como o “esplendor de sua glória e a expressão de sua substância” (Hb 1,3). A própria glória de Deus adquire forma na sua “imagem” (*eikon*) e no seu “esplendor” (*epaugasma*)

Com base nessa estrutura escatológica das aparições de Jesus, explica Moltmann, e na forma como foram vistas, os discípulos receberam um símbolo da esperança apocalíptica, lançando uma luz sobre o que ocorreu com o Jesus morto, e mostrando o que nenhum deles havia percebido. Chamaram a esse acontecimento ressurreição dos mortos. A esperança apocalíptica voltava-se puramente para a ressurreição dos mortos, única e universal, dos últimos dias (Dn 12,2). Assim, quando os cristãos falam da ressurreição de Jesus dos mortos, alteram decisivamente o significado daquela esperança apocalíptica antiga. Com essa alteração, afirmam: Nessa única pessoa, antecipando-se a todas as demais, já começou o processo de ressurreição dos mortos dos tempos últimos. Com a ressurreição de Jesus dos mortos, tem início o último dia da história: “A noite avançou e o dia se aproxima” (Rm 13,12). Em razão disso eles o anunciaram como “primícias dos que adormeceram” (1Cor 15,20), como o “primogênito dos mortos” (Cl 1,18), como o “arauto da salvação”.

Moltmann afirma que a imagem da ressurreição dos mortos é uma metáfora que, a partir do sono precedente ao despertar pela manhã, aplica-se à morte e à vida prometida no dia do Senhor. Na qualidade de símbolo apocalíptico da esperança, essa imagem era singularmente apropriada para justificar as experiências contrastantes dos discípulos: crucificado na ignomínia – visto na glória. Pois o símbolo da ressurreição dos mortos permite levar a sério a morte de Jesus: ele exclui qualquer pensamento de uma reavivação ou de uma continuidade da sua alma. Por outro lado, o símbolo da ressurreição dos mortos confirma também a aparição e a visão pascais, no seu valor e no seu sentido, pois que exclui qualquer pensamento de projeção psicológica.¹³⁶

3.5 JOHN DOMINIC CROSSAN

Objetivando enriquecer a temática e atualizá-la até o momento atual (ou o mais próximo possível), é importante trazer à consideração algumas reflexões de John Dominic Crossan, teólogo natural da Irlanda (1934), muito conhecido por ser o cofundador do controverso *Jesus Seminar* (Seminário sobre Jesus) nos Estados Unidos e também por ser especialmente influente no campo dos estudos sobre o Jesus histórico.

“A ressurreição do Jesus histórico” foi o conteúdo da última conferência de John Dominic Crossan por ocasião de sua estadia na Universidade Metodista de São Paulo, em outubro de 2007, conforme informa Elizangela Aparecida Soares, teóloga da UMESP. Ela informa também que Crossan, em suas reflexões nessa conferência e respondendo a pergunta sobre qual o significado da ressurreição corporal de Jesus para os judeus cristãos do primeiro século, começa construindo suas considerações com um registro daquilo que a ressurreição corpórea de Jesus não significava para esse grupo, ou seja: (1) não era meramente ressuscitação corporal, ou seja, a reanimação de um cadáver que morreria novamente mais dia menos dia; (2) não era aparição pós-morte pura e simplesmente, afinal, aparição não é sinônimo de ressurreição; (3) nem era exaltação corpórea, como aquelas de Henoc e Elias. A seguir, Elizangela Soares expõe as reflexões de Crossan por ocasião de sua conferência.¹³⁷

¹³⁶ MOLTSMANN, Jürgen. Trindade e Reino de Deus: Uma contribuição para a teologia, p. 96-99.

¹³⁷ SOARES, Elizangela A. A ressurreição do Jesus histórico: Modo e significado. In NOGUEIRA Paulo A. S.; MACHADO, Jonas. (Org.). Morte e ressurreição de Jesus: Reconstrução Hermenêutica. Um debate com John Dominic Crossan, p. 117-126.

Segundo o material canônico, houve outros indivíduos que ressuscitaram, tais como Lázaro e a filha de Jairo, nos Evangelhos. Entretanto existe uma diferença fundamental entre suas ressurreições e a de Jesus: todos eles morreram novamente. Com referência a essas pessoas, seria então mais adequado falar de ressuscitação. As exceções ficam por conta de Henoc e Elias. Mas mesmo aqui existe diferença fundamental: de acordo com as narrativas, eles não experimentaram a morte porque foram “tomados” ou “arreatados”. Nesse sentido, a narrativa que dá conta da ressurreição de Jesus de Nazaré permanece original. O que quer que tenha acontecido na Páscoa não significou que Jesus tenha “renovado” sua vida prévia como uma pessoa finita.

Assim, Crossan defende que a ressurreição de Jesus relatada no Novo Testamento é diferenciada de outras narrativas na mesma direção. O que Crossan descreve como o seu não significado para judeus cristãos de então, pode ser mais bem compreendido do ponto de vista do modo (ressuscitação, aparição, exaltação corpórea). Do ponto de vista do significado, sua afirmação vai noutra direção: para os judeus cristãos do primeiro século a ressurreição de Jesus significava ressurreição corpórea geral, isto é, a ressurreição física de Jesus significava, nesse contexto, que a ressurreição geral já havia começado para a humanidade como um todo.

Jesus foi a figura de liderança em um pequeno movimento de judeus apocalípticos que viram sua morte como um martírio e o episódio da Páscoa como uma vitória apocalíptico-moral. Eles interpretaram tal evento não apenas como um sinal de que Jesus havia sido ressuscitado dos mortos, mas que ele havia ascendido aos céus em um “status” divino para tomar lugar ao lado de Yahweh inaugurando, assim, a consumação final da história e a redenção de todo o cosmo. Especificamente, os acontecimentos da Páscoa foram vistos pelos primeiros cristãos como começo da realização dos eventos em Daniel: Jesus era o messias crucificado e ressurreto, o verdadeiro Filho do homem que voltaria para punir os pecadores e premiar os santos com vida eterna. Mas isso não era tudo. Ao afirmar que Jesus havia sido levantado dos mortos, os judeus cristãos do primeiro século também disseram que o Reino de Deus havia chegado. O que quer que eles tenham querido dizer com isso, o fato é que a afirmação só era possível graças à convicção de que a morte e ressurreição de Jesus havia desencadeado o processo de ressurreição mencionado em Daniel, com consequente realização das esperanças escatológicas dos fiéis. No imaginário desse grupo, os acontecimentos envolvendo Jesus davam mostras daquilo que estava por vir.

No seu discurso, Crossan avança no sentido de propor ainda uma distinção a que chama de “deslocamento criativo”, entre a ressurreição corpórea geral como vista pelo judaísmo e aquela entendida por judeus cristãos no primeiro século. Segundo diz, no entendimento dos judeus a ressurreição geral seria o início do evento escatológico final, com dia e hora para acontecer no tempo fixado por Yahweh. Ela abriria a cena para o juízo final, quando a justiça divina se manifestaria na recompensa dos justos e castigo dos infiéis. Dito de outra forma, a ressurreição geral seria pontual e geral mesmo, no sentido mais estrito da palavra.

A originalidade da ressurreição geral dos judeus cristãos em relação a dos judeus reside exatamente na ideia de que ela não se passa como evento escatológico fixado, mas se dá como processo desencadeado pela ressurreição de Jesus, conforme a teóloga e sempre traduzindo o pensamento e as palavras de Crossan. E é a partir dessa compreensão que se pode dizer que o Reino de Deus já está presente entre os seres humanos porque a ressurreição de Jesus representou o começo do fim da era presente e, conseqüentemente, o início da justificação do mundo. Nessa perspectiva o *eschatón* deixa de ser evento para ser período ou processo.

Assim, enquanto a questão do significado aponta para um processo, para uma progressão escatológica, a questão do modo também é crucial para a fé cristã nascente. Ressurreição material ou ressurreição não material? A esse respeito, há tempos os estudiosos podem ser divididos de acordo com duas visões essencialmente inconciliáveis: uma que entende a natureza da ressurreição como não material e outra, oposta. Na primeira visão, o cadáver de Jesus não tinha necessariamente de ser reanimado para que sua ressurreição fosse significativa. Na realidade, ela não é um fato situado no tempo e no espaço, portanto não é histórica; processa-se num corpo diferente, imaterial, portanto não é física. Principalmente, não depende da problemática tradição do túmulo vazio. É aqui que se situa clássicos como Karl Rahner e Hans Küng que afirmou que a ressurreição não pode ser um evento histórico *stricto sensu*, já que não pode ser verificada pelos métodos histórico-científicos. Desse modo, questões históricas sobre o túmulo vazio e as aparições do Jesus ressurreto se tornam, na melhor das hipóteses, questões periféricas.

Para esses “não materialistas”, a ressurreição se processou num tipo diferente de corpo e que não está em continuidade com o corpo ordinário pré-ressurreição. Assim, nenhuma importância reside sobre o corpo físico. Sobre isso, há mais de uma década, Marcus Joel Borg afirmava solenemente: “A ressurreição pode significar, mas não necessariamente, que o cadáver foi afetado; um cadáver ganhando vida não é o ponto”. Dito de outra maneira: o propósito, o

ponto – significado em sentido estrito – não depende de um cadáver que se ergue de volta para a vida.

Destarte, nessa linha de interpretação, a tradição do túmulo vazio não representa tema que se deva dar demasiada importância. Karl Rahner optou pela lógica ao argumentar que por si só um túmulo vazio não pode significar ou ser testemunha de ressurreição.¹³⁸ Como demonstram os Evangelhos, de fato, essa tradição é bastante frágil, uma tentativa de suavizar um grande problema para o cristianismo primitivo: o fato de que ninguém tenha testemunhado a ressurreição de Jesus. De qualquer forma, de acordo com a interpretação não materialista da ressurreição, a tradição do túmulo vazio não é importante para a fé pascal, porque a historicidade da ressurreição também não é fundamentalmente necessária para a fé. Ela não pode ser localizada no tempo e no espaço, ao contrário das experiências do Cristo Ressurreto vividas pelos primeiros cristãos. Estas sim revestiram sua ressurreição de significado, prescindindo, portanto, do modo.

De outro lado, uma segunda visão afirma a Ressurreição de Jesus como física, localizada no tempo histórico. Aqui, por exemplo, encontra-se Wolfhart Pannenberg, para quem a ressurreição de Jesus representou um evento histórico único que, investigado pelos métodos históricos usuais, deve ser aceito como qualquer outro da história. Segundo essa linha de interpretação, a Ressurreição de Jesus se deu ainda no mesmo corpo, levando-se em conta que carne e ossos (Lc 24,39), às marcas da crucificação (Jo 20,27), comer (Lc 24,42-43) e a sensação do toque (Mt 28,9) são compreendidos como fenômenos materiais. O corpo de Jesus poderia ter sofrido alguma transformação, mas ainda assim era um corpo físico. A visão materialista da ressurreição, por conseguinte, assume dependência da tradição do túmulo vazio, que se torna essencial ao entendimento da Páscoa, e das aparições do Ressuscitado, que funcionam como seus referendos.

Tratando-se de uma narrativa apologética em favor da credibilidade da tradição, o aparecimento de Jesus aos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), por exemplo, é uma história na qual, fisicamente, o próprio Jesus lhes ensina que a tumba vazia não era uma história sem base. Aqui se revela uma informação importante: as dúvidas levantadas pelo túmulo vazio não eram exclusivas dos judeus, pois até mesmo seus seguidores estavam envolvidos por elas: “Nós esperávamos que fosse ele quem redimiria Israel; mas, com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram!” (Lc 24,21). A tradição do túmulo vazio, ainda que cheia de desníveis

¹³⁸ RAHNER, Karl. Curso Fundamental da Fé: Introdução ao conceito de cristianismo, p. 316.

nos textos dos evangelistas, ao conseguir justificar a ausência do corpo de Jesus em função de uma ressurreição física resolvia também outro problema. Aparentemente, naquela época, a crença em fantasmas e espíritos já estava amplamente difundida na cultura popular. Dessa maneira, retratar o Jesus Ressurreto como um espírito representaria grande risco de diluí-lo no folclore. De qualquer modo, se o que sobrevivera à sua morte tivesse sido seu espírito, ou mesmo uma alma imortal, sua morte não teria representado nenhum significado ou efeito especial. Em suma, a ressurreição física de Jesus marca historicamente uma nova etapa na carreira da criação.

Crossan mantém posição de respeito entre os não materialistas e, assim como seus companheiros, vê-se compelido a rejeitar a história do túmulo vazio ao mesmo tempo em que busca afirmar o evento ocorrido na Páscoa. Em razão disso invoca Paulo constantemente. Mas mesmo a formulação de Paulo com seu *soma pneumatikon* não dá conta da complexidade da questão, embora ele possa, com toda propriedade, prescindir dos relatos da tumba vazia. A base do seu entendimento sobre a ressurreição é formada por sua própria experiência de conversão e ascensão mística (At 9,1-9; 2Cor 12,1-6) e não precisa se pautar por uma tradição tão conflituosa. Para ele, apenas um fato dita a regra da fé: “Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Cor 15,13-14).

Em Paulo, na Parusia os corpos dos cristãos seriam transformados, assim como o de Jesus foi transformado na ressurreição. Para ele, tanto a vida no seu sentido mais básico (“psíquica”) quanto a vida espiritual (“pneumática”) eram corpóreas, mas há um certo dualismo em sua concepção: o corpo psíquico é o corpo ordinário (carne e alma); o *soma pneumatikon* é o corpo ordinário transformado pelo Espírito. Esse glorioso *soma pneumatikon*, que é o corpo redimido e ressurreto, é substancialmente equivalente ao corpo de Cristo. Aqui novamente se esbarra na questão do modo.

Para os evangelistas, a ressurreição de Jesus não é espiritual. Eles pregaram que ela foi corporal, na carne, e que, conseqüentemente, essa seria a forma da ressurreição de todos os crentes. Nos Evangelhos é precisamente o fato de Jesus haver ressuscitado fisicamente que faz a sua morte ter um significado único para a história da humanidade, e não sua mera sobrevivência à morte em uma forma não física. Paulo, por sua vez, baseou o seu trabalho nas suas próprias visões espirituais. Ele nunca encontrou o homem Jesus e se tornou cristão por causa de sua “visão do Cristo Ressuscitado”, de quem o corpo era um *soma pneumatikon*. A partir daí, a noção

apostólica de ressurreição que se desenvolve é profundamente afetada pelo contraste com Paulo, de maneira que o que este escreve em termos visionários, aqueles registram em termos literais, conformando personagens e cenas ao que eles acreditavam ter acontecido a Jesus após a sua morte.

Crossan pende para Paulo, a quem julga a melhor testemunha primitiva para as aparições do Jesus Ressurreto, já que o apóstolo era uma testemunha ocular para o que ele acreditou que fosse uma aparição de Jesus Ressuscitado. Embora pertença ao grupo dos materialistas, deste ponto de vista também partilha Nicholas T. Wright, que em nada concorda com Crossan quando o assunto é o modo da ressurreição de Jesus. Crossan tem mostrado claramente sua preferência pela metáfora no que se refere ao modo. Talvez essa seja também a opção de grande parte dos cristãos ordinários atuais, ainda que não sistematizada. Afinal, pensar ressurreição de forma diferente de ressuscitação é um exercício constrangedor do ponto de vista lógico e racional.

Considerando que o modo parece permanecer perdido para os estudiosos e crentes atuais e que dele só se pode aproximar por hipóteses, que significou e significa, então, a ressurreição de Jesus? Para Crossan ela anuncia o início da justificação divina do mundo, mas aparentemente se espalha pelo imaginário, já tendo passado pelo filtro paulino do corpo transformado, glorioso. Não é a expectativa de compartilhar algo da substância de Cristo que há muito move a fé em sua direção afinal, questiona retoricamente? Se o modo afeta o significado, eis aí já uma possível resposta, ao menos para os cristãos contemporâneos, distantes no tempo, no espaço e em compreensão daqueles do primeiro século.

4 A FÉ NA RESSURREIÇÃO NA TEOLOGIA CATÓLICA

Segundo Leonardo Boff, os estudos exegético-críticos sobre os textos da ressurreição tornaram-se um *mare magnum*, oferecendo ingentes dificuldades até para os especialistas orientarem-se, tal a extensão e desorganização desconcertante desses estudos. Não obstante, Boff apresenta algumas indicações de pistas pelas quais caminha a exegese católica visando a busca da mais aproximada compreensão da Ressurreição de Jesus Cristo, através da interpretação da sua significação para os primeiros cristãos.¹³⁹

4.1 A PREGAÇÃO PRIMITIVA SOBRE A RESSURREIÇÃO

Boff afirma que os exegetas estão de acordo que a pregação primitiva da Igreja sobre a ressurreição não deve ser buscada nos evangelhos nem em Paulo, mas sim nas fórmulas pré-paulinas e pré-sinóticas que, através de métodos morfocríticos, descobriu-se assimiladas em Paulo, nos evangelhos e especialmente em Atos. Nos discursos de Pedro nos Atos 2,5 e em Paulo 1Cor 3,5, encontram-se essas fórmulas antigas. Paulo diz expressamente que “transmite aquilo que ele mesmo recebeu” (1Cor 15,3). O próprio estilo literário de 1Cor 15,3-5 trai a antiguidade da fórmula que Paulo já encontrou fixa na comunidade de Jerusalém por volta do ano 35, por ocasião de sua primeira viagem àquela cidade. A estrutura formal rígida é a mesma nos Atos e em 1Cor 15,3-5: a) Cristo morreu...foi sepultado; b) foi ressuscitado (ou “Deus o ressuscitou”: At 2,4); c)segundo as Escrituras; d) apareceu a Kefas (ou Cefas) e depois aos doze (ou “E disso nós somos testemunhas”: At 2,32).

Nos discursos de Pedro nos Atos (2-5) a mensagem pascal é anunciada dentro de duas categorias de pensamento: uma apocalíptica e outra escatológica. Na apocalíptica, que floresceu no judaísmo pós-exílico, havia a ideia do justo sofredor, humilhado e exaltado por Deus (Sb 5,15s). Isso se tornou um motivo condutor da cristologia antiga como em Lc 24,26 e Fl 2,6-11: “Abaixou-se, tornando-se obediente até a morte,... Por isso Deus soberanamente o elevou”. Nos discursos de Pedro encontra-se semelhante explicação do acontecimento pascal: “Vós o matastes... Mas Deus o ressuscitou... Portanto, exaltado pela direita de Deus” (At 2,23-33). Boff também assevera que com muita probabilidade esse esquema está ligado ao outro do ocultamento

¹³⁹ BOFF, Leonardo. A Ressurreição de Cristo..., p. 41.

de Jesus (At 3,21) como ao dos profetas Henoc e Elias. Assim como Elias foi “arreatado” ao céu (2Rs 2,9-11; 1Mc 2,58) da mesma forma Jesus (At 1,9-11.22; Mc 16,19; Lc 9,51; 1Tm 3,16; 1Ts 4,16-17 e Ap 13,5). O emprego dessa terminologia foi utilizado certamente em razão do desaparecimento do corpo de Cristo que os textos evangélicos dão certa importância (Mc 16,6; Mt 28,5; Lc 24,3.12; Jo 20,2). O Jesus de João fala a linguagem primitiva do anúncio pascal. A ressurreição aqui é entendida como elevação, glorificação e um ir para o Pai. Essa concepção está ligada ao tema do messianismo, do Filho do Homem e do Servo Sofredor que é exaltado. Assim, são nos Atos interpretados os Salmos 110 (At 2,34s) e 2 (At 4,26). Os fatos pascais são vistos como a entronização do Messias-Rei como “Senhor e Cristo” (Sl 2; At 2,36), sua elevação como “Senhor e Salvador” (5,31). A mensagem pascal é interpretada ainda por uma outra categoria de pensamento, a escatológica. Segundo esta, esperava-se para o final dos dias a ressurreição dos mortos. Os apóstolos viram na ressurreição de Jesus a realização de um fato escatológico. Contudo, quando falam e anunciam a ressurreição o significado, nos moldes das categorias bíblicas, é de ressurreição real e corporal. Vida sem corpo, mesmo glorificado (Mc 13,43), é, para um judeu, algo impensável. Como as manifestações de Jesus mostravam um Jesus glorificado, no uso da terminologia da ressurreição, era necessário deixar clara a identidade entre o crucificado e o glorificado. As narrativas dos Atos (cf. 2,23; 3,15; 5,30) acentuam essa identidade bem como, mais tarde, frente aos gregos, Lucas e João. Essa terminologia, inclusive, introduziu em grande parte a outra de origem apocalíptica. Isso por motivos óbvios porque, frente à negação do fato da ressurreição, se devia acentuar a realidade da transfiguração da existência terrestre de Jesus. É por aí que se compreende por que os fenômenos das aparições, das falas de Jesus vivo após a crucificação e do sepulcro vazio, não foram logo interpretados como ressurreição da carne, mas como elevação e glorificação do justo sofredor. Essa interpretação, segundo analisa Boff, seria a mais antiga. Evidentemente ela pressupõe também o Cristo vivo e transfigurado e o sepulcro vazio. Mas isso ainda não se chamou de ressurreição. Mais tarde, em razão das polêmicas e por motivos querigmáticos, os fenômenos acima referidos foram mais adequadamente interpretados como ressurreição, no sentido de total transfiguração da realidade terrestre de Jesus. Por isso a ressurreição é sempre referida junto à história de Jesus com sua morte e sepultamento.

A interpretação dos fenômenos pascais como ressurreição, continua Boff, já vem testemunhada por Paulo em 1Cor 15,3-5, como acima descrito. Oportuno esclarecer alguns pontos. A expressão “segundo as Escrituras” não precisa se referir a nenhuma passagem

explícita, já que apenas quer exprimir a unidade da ação salvífica: o Deus que agiu outrora no Antigo Testamento agiu agora ressuscitando o Cristo. A referência aos testemunhos não precisa ser cronológica. A aparição a Pedro aparece já na fórmula, uma das mais antigas de todo o Novo Testamento: “É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” (Lc 24,34). A aparição a 500 irmãos de uma só vez não precisa ser tomada ao pé da letra. Talvez essa aparição seja a mesma indicada por Mt 28,16s no monte na Galileia. A referência de uma aparição a Tiago fala em favor da credibilidade desse testemunho paulino porque o grupo de Tiago (Gl 2,12) havia se distanciado, desconfiado do evangelho de Paulo acerca da liberdade cristã frente ao culto da Lei do judaísmo bíblico.

As fórmulas de fé em 1Cor 15 e nos At 2-5 expressam, por suas formulação rígida, que a ressurreição não é nenhum produto de fé da comunidade primitiva, mas testemunho de um impacto que sofreu. Não é nenhuma criação teológica de alguns entusiastas da pessoa do Nazareno, mas testemunho de fenômenos acontecidos depois da crucificação e que os obrigou a exclamar: Jesus ressuscitou verdadeiramente. Esse pequeno credo proclama os *magnalia Dei* realizados em Jesus e corresponde ao credo do povo judeu no Dt 26,5-11. O sepulcro vazio não é objeto de pregação, mas é antes suposto. As aparições são sempre atestadas como fundamento das duas possíveis interpretações, seja como elevação-glorificação do justo de Deus, seja como ressurreição no sentido de uma ação de Deus transfigurando em vida nova de glória o Jesus crucificado.¹⁴⁰

4.2 A CONVICÇÃO DOS APÓSTOLOS NA RESSURREIÇÃO DE JESUS

Ninguém viu a ressurreição. O evangelho apócrifo de Pedro, descoberto em 1886, surgiu por volta de 150 d. C., na Síria. Nesse evangelho é narrado o modo como Cristo ressuscitou diante dos guardas e dos anciãos judeus, mas a Igreja não o reconheceu como canônico. Conforme L. Boff, a ressurreição possui apenas testemunhos que atestam duas coisas: o sepulcro está vazio e houve várias aparições do Senhor vivo a determinadas pessoas. Expressivo número de exegetas, independentemente de sua confissão religiosa, chegou à seguinte conclusão: primitivamente ambas as tradições (sepulcro vazio e aparições) circulavam autonomamente, uma ao lado da outra. Em Marcos 16,1-8, onde é narrada a descoberta do sepulcro vazio pelas

¹⁴⁰ BOFF, Leonardo. A Ressurreição de Cristo..., p. 41-45.

mulheres, já se tem trabalho redacional combinando as duas tradições. A ligação, porém, não se ajustou bem segundo opina o teólogo. Os textos revelam tensões, ocasionadas pelos versos 5-7, que tiram a unidade do relato. Lendo Marcos 16,1-4.8, a homogeneidade do relato transparece límpida: as mulheres vão ao sepulcro; encontram-no vazio. Fogem. De medo nada contam a ninguém. A aparição do anjo com sua mensagem (5-7) seria um acréscimo tirado de outra tradição que só conhece aparições e não o sepulcro vazio. Qual a função do relato do sepulcro vazio, narrado pelos quatro evangelistas?¹⁴¹

4.2.1 O sepulcro vazio e a fé na ressurreição

Certamente a tradição do sepulcro vazio se formou em Jerusalém, afirma L. Boff. A pregação da ressurreição de Jesus teria se tornado impossível na cidade santa se o povo pudesse mostrar o corpo de Jesus no sepulcro. A antropologia bíblica implica sempre o corpo em qualquer forma e vida, mesmo a pneumática. Os inimigos do cristianismo, nos tempos apostólicos ou nas polêmicas rabínico-cristãs da literatura talmúdica, jamais negaram o sepulcro vazio. Interpretaram-no de modo diverso, como roubo por parte dos discípulos (Mt 28, 13) ou mesmo roubo perpetrado por violadores de túmulos como defendem alguns recentemente. Estudiosos tanto católicos quanto protestantes afirmam um núcleo central histórico, anterior aos evangelhos inclusive. As mulheres encontraram o sepulcro vazio. Esse núcleo histórico foi tradicionalizado em ambientes culturais, pois é sabido que os judeus veneravam os túmulos dos profetas. Assim também os cristãos, desde cedo começaram a venerar os lugares onde se realizou o mistério cristão em Jerusalém, realizando uma liturgia em três momentos principais: uma recordação da última noite de Jesus, por ocasião do ágape fraterno; uma liturgia da sexta-feira santa na hora em que se celebravam as orações dos judeus; e uma ação litúrgica na manhã de páscoa com uma visita ao sepulcro de Jesus. Daí a razão pela qual os textos do relato do encontro do túmulo vazio mostram um interesse especial pelo lugar: “Ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram” (Mc 16,6). Essa tradição, entretanto, não se preocupou em dar maiores detalhes, pois basta comparar os paralelos sinóticos e João para se observar as muitas divergências nos relatos, quais sejam: divergências sobre o número de mulheres; sobre o número de anjos; sobre os motivos que levaram as mulheres ao túmulo; as diferenças de horário; as divergências sobre a

¹⁴¹ BOFF, Leonardo. A Ressurreição de Cristo..., p. 45-46.

mensagem do anjo; as diferenças nas reações das mulheres frente ao sepulcro vazio. O essencial, contudo, é inequívoco: O Senhor vive e ressuscitou. O sepulcro está vazio. O sepulcro vazio, no entanto, não é apresentado por nenhum evangelista como prova da ressurreição de Jesus. Aliás, em vez de suscitar fé, originou medo, espanto e tremor nas mulheres: “Elas saíram e fugiram do túmulo, pois um temor e um estupor se apossaram delas. E nada contaram a ninguém, pois tinham medo...” (Mc 16,8; Mt 28,8; Lc 24,4). Também, o sepulcro vazio foi imediatamente interpretado por Maria Madalena como roubo (Jo 20,2.13.15). Os apóstolos não oferecem credibilidade ao relato das mulheres (Lc 24,11.22-24). O sepulcro vazio é um sinal ambíguo, que se presta a várias interpretações. Somente a partir das aparições é que sua ambiguidade é elucidada e pôde ser lido pela fé como um sinal da ressurreição de Jesus. As aparições são concedidas a testemunhas escolhidas. O sepulcro vazio é um sinal a todos e leva a refletir na possibilidade da ressurreição. É um convite à fé, mas não leva ainda à fé.¹⁴²

Consoante instrui L. Boff, um problema à parte se apresenta com relação à aparição dos anjos junto ao sepulcro: a interpretação tradicional vê nesses anjos, de fato, seres supraterestrres e ou verdadeiros anjos. Não obstante, abstraindo a questão da existência ou não dos anjos, deve-se considerar que essa interpretação, mesmo dentro dos critérios bíblicos, não é a única possível. O anjo (*mal'ak Yahweh*) figura no lugar de Yahweh, cuja transcendência o judeu reafirmava absolutamente. Por vezes, ao invés de dizer Yahweh, dizia anjo de Yahweh (Gn 22,11-14; Ex 3,2-6; Mt 1,20; Lc 1,26-38). Outra interpretação era a seguinte: mulheres encontram o túmulo vazio e logo associam com a ressurreição de Jesus. Essa ideia é interpretada como uma iluminação de Deus, expressa na linguagem literária da época como sendo uma mensagem do anjo (Deus). Outra interpretação possível é articulada da seguinte forma: as mulheres vão ao sepulcro e encontram-no vazio. Ficam desapontadas e com medo. Nesse entretempo regressam os apóstolos da Galileia, onde tiveram aparições do Senhor. O testemunho deles é unido ao das mulheres, resultando na seguinte mensagem dos apóstolos: “O Senhor ressuscitou verdadeiramente e apareceu a Simão” (Lc 24,34, talvez a fórmula mais antiga). Essa mensagem é considerada uma revelação de Deus, expressa na linguagem da época, e colocada na boca de um anjo (Deus). Enfim, a fé na ressurreição não encontrou sua origem na descoberta do sepulcro vazio e no testemunho das mulheres, mas nas aparições dos apóstolos. Por isso a preocupação de Mc 16,7, em fazer as mulheres irem a Pedro e aos discípulos e comunicarem-lhes a mensagem do

¹⁴² BOFF, Leonardo. A Ressurreição de Cristo..., p. 46-47.

anjo. Aliás, eles souberam do sepulcro vazio primeiro pelas mulheres e em razão disso puderam responder mais rápida e facilmente às acusações dos judeus de que tinham raptado ou subtraído o corpo de Jesus já que, por si mesmos, nada sabiam do sepulcro vazio. Em Mt 28,11-15, onde é narrado o conluio dos guardas com os chefes dos sacerdotes, revela-se clara tendência apologética de Mateus: na forma de uma história onde ele quer tornar ridícula a acusação dos judeus acerca do roubo do corpo de Jesus.¹⁴³

Na perspectiva de J. A. Pagola, todos os evangelistas contam que no dia seguinte à crucificação, bem cedo, algumas mulheres aproximaram-se do sepulcro onde havia sido depositado o cadáver de Jesus e o encontraram aberto e vazio. Ficaram surpresas e assustadas. Trata-se de um relato tardio. As primeiras confissões e hinos litúrgicos que falam da ressurreição de Jesus ou de sua exaltação à vida de Deus não dizem nada do sepulcro vazio. Tampouco Paulo de Tarso menciona esse fato em suas cartas. Somente se fala do sepulcro vazio a partir dos anos setenta. Tudo parece indicar que não desempenhou uma função significativa no nascimento da fé em Cristo ressuscitado. Só adquiriu importância quando o dado foi integrado em outras tradições que falam das aparições de Jesus ressuscitado.¹⁴⁴

Para muitos investigadores, também não fica totalmente claro se as mulheres encontraram vazio o sepulcro de Jesus. A questão se coloca nestes termos: é uma narração que recolhe a lembrança do que ocorreu ou se trata de uma composição literária que deseja expor de maneira plástica o que todos creem: se Jesus ressuscitou, não se deve procurá-lo no mundo dos mortos? Pagola afirma que com certeza o episódio pode ter ocorrido realmente, e não faltam motivos para afirmá-lo. É difícil imaginar que se criasse essa história para reforçar com todo o realismo a ressurreição de Jesus, escolhendo como protagonistas precisamente um grupo de mulheres, cujo testemunho era tão pouco valorizado na sociedade judaica. Por outro lado, era possível proclamar a ressurreição na cidade de Jerusalém se alguém podia demonstrar que o cadáver de Jesus continuava ali, no seu sepulcro? Esse argumento, tão difundido a partir do estudo de Hans Erich Freiherr von Campenhausen, não tem na realidade muito peso, pois não se sabe exatamente quando se começou a anunciar a ressurreição de Jesus em Jerusalém nem se era possível ter acesso ao seu sepulcro. Além disso, assinala que é curioso que se possa falar da ressurreição do Batista sem necessidade de indicar que seu sepulcro está vazio (Mc 6,14-16).¹⁴⁵

¹⁴³ BOFF, Leonardo. *A Ressurreição de Cristo...*, p. 46-49.

¹⁴⁴ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação histórica*, p. 510.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 512-513.

É difícil, portanto, chegar a uma conclusão histórica irrefutável, pondera PAGOLA. O que se pode dizer é que o relato não faz senão expor de maneira narrativa o que a primeira e a segunda geração cristã já vinha confessando: “Jesus de Nazaré, o crucificado, foi ressuscitado por Deus”. Concretamente, as palavras postas na boca do anjo não fazem senão repetir, quase literalmente, a pregação dos primeiros discípulos (At 3,15; 4,10; 5,30; sobretudo At 2,23-24: “... vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder”). Mais do que informação histórica, o que encontramos nesses relatos é pregação dos primeiros cristãos sobre a ressurreição de Jesus. Tudo leva a pensar que não foi um sepulcro vazio que provocou a fé em Cristo ressuscitado, mas o “encontro” vivido pelos seguidores, que o experimentaram cheio de vida depois de sua morte. Por fim, a opinião geral é que os dados exegéticos não dirimem as diferentes questões levantadas por esse relato. As narrações certamente supõem conhecido o desaparecimento do cadáver. Só assim é pensável a ressurreição na mentalidade bíblica.¹⁴⁶

4.2.2 As aparições de Cristo: origem da fé na ressurreição

A fé na ressurreição de Jesus é a resposta às aparições, afirma L. Boff, pois elas acabaram com a ambiguidade do sepulcro vazio e deram origem à exclamação dos apóstolos: Ele ressuscitou verdadeiramente! Os evangelhos, redacionalmente, transmitem os seguintes dados: as aparições são descritas como uma presença real e carnal de Jesus. Ele come, caminha com os discípulos; deixa-se tocar, ouvir e dialoga com eles. A sua presença é tão real que pode ser confundida com um viandante, com um jardineiro e com um pescador. Contudo, ocorrem afirmações que não se coordenam mais com aquilo que se conhece do corpo: o Ressuscitado não está mais ligado ao espaço e ao tempo, já que aparece e desaparece, atravessa paredes... A pergunta é: quando isso acontece pode-se falar ainda de corpo físico?

Se forem consideradas as aparições ao nível da história das tradições, das quais se originaram os evangelhos como se têm hoje, a resposta se apresenta bem mais complexa, enfatiza Boff. Ocorre aqui o seguinte fenômeno: de uma representação espiritualizante da ressurreição como em 1Cor 15,5-8; At 3,15; 9,3; 26,16; Gl 1,15 e Mt 28, desenvolve-se uma materialização cada vez mais crescente como em Lucas e João, nos evangelhos apócrifos de Pedro e aos

¹⁴⁶ PAGOLA. José Antonio. Jesus: Aproximação histórica, p. 513-514.

Hebreus. A necessidade apologética obrigou os hagiógrafos a essas concretizações. Além do mais, as aparições, quanto mais recentes são os textos, tanto mais se concentram em Jerusalém e mais são aproximadas ao tema do sepulcro vazio. Uma problemática à parte é o das indefinidas tentativas de harmonização entre as aparições relatadas em 1Cor 15,5-8 e as narradas nos evangelhos. Paulo refere cinco aparições do Senhor vivo. Marcos 16,1-8 não conhece nenhuma aparição, mas diz claramente que Cristo se deixará ver na Galileia (7). O final de Marcos (16,9-20) condensa as aparições relatadas nos outros evangelhos e, com boas razões, pode ser considerado um acréscimo posterior. Mateus 28,16-20 conhece uma só aparição aos Onze, na Galileia “sobre o monte que Jesus lhes indicara”. A aparição às mulheres, às portas do sepulcro vazio (28, 8-10), é vista pelos exegetas como uma elaboração ulterior sobre o texto de Marcos 16,7: as palavras do Ressuscitado são notavelmente semelhantes às do anjo. Lucas refere duas aparições, uma aos discípulos no caminho de Emaús e outra aos Onze e aos seus discípulos em Jerusalém (24,13-35.36-53). João 20 refere três manifestações do Senhor, todas elas em Jerusalém. Em João 21, considerado como um apêndice posterior ao Evangelho, é mencionada outra aparição no lago de Genesaré, na Galileia. Contudo, a interpretação desse capítulo é mais coerente se for admitido que tenha sido resultado de reelaboração de uma tradição pré-pascal sobre o chamamento dos discípulos (Lc 5,1-11) e recontada aqui, à luz da novidade da ressurreição, com a clara intenção de relacionar o ministério de Pedro com o poder do Cristo Ressuscitado.

Para Boff, os relatos revelam duas tendências fundamentais: Marcos e Mateus concentram seu interesse na Galileia enquanto Lucas e João em Jerusalém, com a preocupação de ressaltar a realidade corporal de Jesus e a identidade do Cristo Ressuscitado com Jesus de Nazaré. A harmonização, feita geralmente pela exegese católica, afirmando que primeiro Cristo teria aparecido em Jerusalém e depois na Galileia, está sendo abandonada. As dificuldades dos textos, a maneira das aparições e o melhor conhecimento das tradições e do trabalho redacional dos hagiógrafos, levam a concluir pelo seguinte: as aparições na Galileia têm mais fundamento histórico; as de Jerusalém seriam elaboração de caráter mais teológico das vivências na Galileia, com a intenção de relevar o significado histórico-salvífico da cidade e da comunidade primitiva aí formada. “Quem trará de Sião a salvação para Israel” (Sl 14,7; Sl 110,2; Is 2,3; Rm 11,26). Isaías 62,11 diz: “Dizei à filha de Sião: Eis que a tua salvação está chegando...”. Lucas, tanto no evangelho quanto nos Atos, destaca esse motivo teológico ligado à cidade: páscoa e pentecostes

se realizam aí. O Ressuscitado será anunciado, começando em Jerusalém até os confins do orbe (Lc 24,47; At 1,8). Essa tendência é mais evidenciada em João: o Cristo de João age de preferência em Jerusalém nas festas do povo. A tradição da Galileia interpreta a Páscoa de Jesus não tanto como Ressurreição da carne, mas como elevação, glorificação e manifestação do Filho do Homem (Dn 7,13s), agora sentado à direita de Deus, utilizando a linguagem do pensamento apocalíptico. Mateus 28,16-20, representante da tradição da Galileia, apresenta o Cristo Ressuscitado constituído em poder como Filho do Homem, transmitindo esse mesmo poder à sua Igreja e enviando-a à missão. O Reino imperecível (Dn 7,14) é “traduzido” pela presença constante de Cristo na Igreja (Mt 28,19). A ressurreição é vista como a Parusia do Filho do Homem agora presente na comunidade (2Pd 1,16s). Um problema que surge reside em salvaguardar a realidade da ressurreição. Cristo vive realmente e não é um espírito (Lc 24,39) ou um anjo (At 23,8-9). Daí a preocupação em relevar a identidade do Ressuscitado com Jesus de Nazaré, descrever e tocar suas chagas (Lc 24,39; Jo 20,20.25-29) e acentuar que ele comeu e bebeu com seus discípulos (At 10,41) ou que ele comeu diante deles (Lc 24,43). Boff acrescenta também que os relatos de experiências do Ressuscitado vivenciadas por pessoas privadas, como Maria Madalena (Jo 20,14-18; Mt 28,9-10) ou dos caminhantes de Emaús (Lc 24,13-35), são cercados de motivos teológicos e apologéticos visando deixar claro aos leitores a realidade do Senhor vivo e presente na comunidade da maneira mais realista quanto possível.

O exemplo clássico e perfeito dessa preocupação é a narrativa de Emaús. O modo como os viajantes chegam à fé no Ressuscitado é apresentado como modelo para os leitores: deixar-se instruir pelas Escrituras que falam de Cristo e deixar que os olhos se abram pela “fração do pão”, isto é, pela Eucaristia. Esse, assim, é o caminho pelo qual se chega ainda hoje à fé na novidade pascal, pela palavra e pelo sacramento. O relato de Emaús, inclusive, segue um estio literário típico em Lucas, utilizado também nos Atos (8,26-39) ao narrar a conversão do eunuco etíope por Filipe. Em ambas as narrativas encontram-se os seguintes paralelos: o Ressuscitado ou Filipe, inspirado pelo Espírito Santo explica o Antigo Testamento e o relaciona a Cristo. No final o eunuco ou os dois viajantes externam um pedido. O ponto culminante do relato reside na recepção de um dos sacramentos que na Igreja primitiva eram fundamentalmente dois, a Eucaristia e o Batismo. Assim a fé na ressurreição, para os tempos pós-apostólicos, se baseia na pregação e nos sacramentos da Igreja, que testemunham e tornam presente e visível o Cristo Ressuscitado. L. Boff teoriza que mesmo que não houvesse sepulcro vazio e aparições, seria

possível e válida a fé na ressurreição. Por causa da Igreja. Esse é o sentido último intencionado pelo relato da dúvida de Tomé em João 20,29 com a conclusão: “Felizes os que não viram e creram”.

Joseph Ratzinger ensina que é óbvio que a vida do ressuscitado não volta a ser *bios*, ou seja, a forma biológica de nossa vida mortal intra-histórica, e sim *zoë*, uma outra, nova vida definitiva, uma vida que ultrapassou o âmbito da morte da história do *bios* que foi superado por um poder superior. Vê-se claramente nos relatos da ressurreição no Novo Testamento que a vida do ressuscitado não está dentro da história do *bios*, ela se desenrola fora e acima desta. Por outro lado é necessário reconhecer que a nova vida foi e precisou ser testemunhada na história, porque ela existe para a história, tanto assim que a pregação cristã no fundo nada mais é do que a transmissão desse testemunho que assegura que o amor conseguiu vencer a morte, mudando assim radicalmente a situação de todos. Com essa visão dos fatos não fica difícil encontrar a hermenêutica certa para o empreendimento difícil da interpretação dos relatos bíblicos da ressurreição, isto é, ver com clareza em que direção se deve ir para entender o seu verdadeiro sentido. Ratzinger esclarece que não quer entrar aqui numa discussão detalhada dessas questões que se mostram hoje mais difíceis do que em qualquer época anterior, sobretudo porque há uma confusão indestrinçável entre argumentos históricos e reflexões filosóficas geralmente pouco amadurecidas; além disso, salienta que existem filosofias que são criadas às vezes pela própria exegese no intuito de dar ao leigo a impressão de que se trata de “um achado bíblico elevado aos últimos limites da sofisticação”.¹⁴⁷

Para Ratzinger, está claro, desde o início, que Cristo, ao contrário do jovem de Naim ou de Lázaro, não voltou depois da ressurreição à vida terrena que levara antes. Ele ressuscitou para a vida definitiva que não está mais sujeita às leis da química e da biologia e que, por isso mesmo, se coloca fora do alcance da morte, numa eternidade dada pelo amor. Por isso, os encontros com ele são descritos como “aparições”. Aquele que dois dias antes ainda estivera sentado com eles à mesa já não é reconhecido por seus amigos ou continua sendo um estranho mesmo depois de reconhecido. Ele só é visto quando é ele que dá a visão; só quando ele faz os olhos abrirem-se e o coração torna-se reconhecível no mundo terreno da morte: o rosto do amor eterno que vence a morte e, nesse amor, manifesta-se um mundo novo, diferente, o mundo do porvir. Por isso é tão

¹⁴⁷ RATZINGER, Joseph. Introdução ao Cristianismo..., p. 226.

difícil ou quase impossível para os evangelhos descrever os encontros com o ressuscitado, fazendo com que pareçam até contradizerem-se quando os descrevem.

Na realidade exprimem com uniformidade surpreendente a dialética de suas afirmações que oscilam entre o tocar e o não tocar, entre o reconhecer e o não reconhecer, entre a identidade total do ressuscitado com o crucificado e a sua transformação total. Eles reconhecem o Senhor e, ao mesmo tempo, não o reconhecem; tocam-no, mas ele continua o intocável; ele continua sendo o mesmo e é, mesmo assim, totalmente diferente. Trata-se sempre da mesma dialética; o que varia são os recursos estilísticos para revesti-la de palavras.¹⁴⁸

Segundo Willibald Bösen, nas discussões sobre a fé pascal, as aparições do ressuscitado pertencem aos argumentos mais sólidos. O que se pretende com elas? Ocultam-se atrás delas realidades factuais ou apenas frutos da imaginação dos discípulos estressados? Até onde elas foram comprovadas? Que peso a Igreja dos primórdios atribui a elas?

As aparições do Ressuscitado são altamente significativas para a fé pascal. Tratando-se de um evento singular pertencente ao mundo de Deus, caracterizado como evento trans-histórico, visto por ninguém e pra o qual não há testemunhas diretas, subtraem-se de qualquer observação imediata. São vestígios concretos, visíveis de um evento invisível, historicamente não perceptível; por meio delas o evento transcendental da ressurreição, observados por ninguém, invade a esfera do mundo humano e histórico; é por meio delas que a ressurreição se torna cognoscível e perceptível. Bösen parafraseia diversos autores dizendo que “sem as aparições não teria havido nem testemunhas nem testemunhos da ressurreição do Senhor. As aparições são insubstituíveis como testemunhos”.¹⁴⁹

Todos os evangelhos coincidem num ponto: são primeiramente as aparições do Ressuscitado que fundamentam a fé pascal dos discípulos. Todo peso da fé pascal repousa sobre as aparições do ressuscitado e não sobre o túmulo vazio como alguns já defenderam. Aliás, repousa unicamente no encontro com o ressuscitado. Quanto a isso a tradição dos credos e das narrativas coincidem. Para Paulo, inclusive, nas aparições e por meio delas a ressurreição de Jesus praticamente está “comprovada”, pois ninguém poderá se esquivar diante do testemunho de um número tão expressivo de pessoas parcialmente conhecidas, podendo ainda ser consultadas: “...a maioria dos quais ainda vive...” (1Cor 15, 5-8). Assim, mesmo não podendo ser comprovadas, a possibilidade das aparições, contudo, pode ser evidenciada.¹⁵⁰

¹⁴⁸ RATZINGER, Joseph. Introdução ao Cristianismo..., p. 227.

¹⁴⁹ BÖSEN, Willibald. Ressuscitado segundo as Escrituras..., p. 117.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 119-127.

Finalmente, Bösen, apoiado em Rudolf Schnackenburg, salienta que as aparições de Jesus Cristo fazem parte de uma dupla realidade. Por conseguinte, precisa ficar claro que essas aparições, isto é, alguém que passou do mundo terreno para o mundo de Deus, não podem ser descritas com a linguagem do cotidiano. Foram acontecimentos que ultrapassaram todas as experiências havidas até então, e mesmo assim se impunham como evento real. Jesus Cristo, vindo da transcendência, por um breve período de tempo, tornara-se real para eles e mesmo assim, a seguir, ausentou-se novamente.¹⁵¹

4.3 A RESSURREIÇÃO NO PENSAMENTO DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA

4.3.1 Considerações gerais

No tocante à teologia católica sobre a ressurreição, e considerando os objetivos desta dissertação, é oportuno discorrer algumas linhas sobre o pensamento moderno de Andrés Torres Queiruga sobre a ressurreição de Jesus Cristo. As reflexões e convicções desse renomado teólogo são abundantes de bons argumentos, principalmente se se considerar os novos tempos e os novos paradigmas culturais. Embora Queiruga não represente a unanimidade dos pensadores modernos, seus estudos explanam as questões mais espinhosas da ressurreição através das lentes da razão e amparadas em Immanuel Kant. Com isso, contribui com importantes subsídios para esta pesquisa. Ademais, observa-se que o ser humano hodierno, diante das questões de fé, não se contenta mais com frases edificantes apenas; ele quer compreender o máximo possível e ainda examinar o seu “pano de fundo”. Assim, aproximando-se do tema, é rápida a constatação e grande a surpresa de ver-se quão vasto é o caminho ainda a percorrer. Igualmente o muito que há para compreender em relação ao Mistério Pascal. É oportuno considerar ainda que a ressurreição, tratando-se de mais um tema de fé, implica também no inexorável “salto” de fé que, mais hora menos hora, tem que ocorrer. E quanto mais for possível avançar, antes desse salto, maior será o avanço que se assenta sobre essa fé, tornando-a mais compreensível e racional quanto possível. Desse modo, ela alcançará, como consequência, mais homens e mulheres de fé cristã firme e robusta, contrariamente a uma fé cega ou não esclarecida e anacrônica que, aliás, muito pouco

¹⁵¹ BÖSEN, Willibald. Ressuscitado segundo as escrituras..., p. 161.

resiste diante das dúvidas por vezes simples ou ante os eventuais, mas invariáveis, revezes da vida terrena.

Para essa exposição, é examinada a obra *Repensar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*, devidamente integrada e em perfeita consonância com toda a sua restante antologia, principalmente as demais obras da coleção *Repensar* (*Repensar a revelação* e *Repensar a cristologia: sondagens para um novo paradigma*). Este brevíssimo resumo, portanto, compreende exclusivamente o seu pensamento sobre a ressurreição.

4.3.2 Uma abordagem renovada

“E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a nossa fé” (1Cor 15,14). Andrés Torres Queiruga inicia sua explanação sobre a ressurreição destacando esse texto de Paulo que, clara e objetivamente, dá o tom da gravidade, dimensão e transcendência do tema que aborda. Trata-se de questão central de uma verdade nuclear. Toca o fundamento primeiro da fé cristã e, portanto, é, por assim dizer, questão sagrada. Requer sumo respeito na análise dessa questão que nem por isso pode ser desprovida do maior grau de espírito investigativo sério e objetivo, mas também vigilante da fé. Assevera o grande mestre que este estudo da ressurreição, que ora apresenta, não se reduz a simples repetição do já dito e sabido. Alerta, de antemão, que uma mudança na compreensão da forma não pode converter-se em negação de fundo.¹⁵²

Queiruga esclarece que um aspecto fundamental em uma abordagem renovada da ressurreição é a legitimidade que provém da teologia, isto é, da fé que busca a inteligência. O que se busca na mudança da inteligência não corresponde à mudança na fé, mas, em princípio e antes de qualquer coisa, mudança no modo de compreendê-la. Afinal, historicamente pode-se verificar que nem o imobilismo teológico e nem o medo do novo constituem a melhor defesa da vida de fé. Imprescindível que se esclareça, também e desde já, que em uma nova abordagem da ressurreição, busca-se o caráter global e estrutural do problema, pois não se trata de apenas ajustar questões de menor importância, mas, diferentemente, reestruturar o panorama inteiro dessa compreensão de fé. Necessário, assim, enquadrar toda a problemática dentro da profunda transformação cultural porque passou e passa a sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, configurara-se uma nova figura da ressurreição, onde é permitido perceber mais nitidamente sua

¹⁵² QUEIRUGA, A. T. *Repensar a ressurreição: A diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*, p. 21.

glória, tornando mais acessíveis suas “evidências”. Queiruga explica que seu estudo sobre a ressurreição não objetiva apenas uma leitura não fundamentalista das narrativas pascais. Assim procedem praticamente todos os tratadistas modernos do tema. Propõe, de outra forma, uma abordagem embasada em três vetores fundamentais.¹⁵³

O primeiro vetor a ser considerado é a nova situação da cristologia que se pode, de imediato, traduzir por uma cristologia concreta e realista, tanto quanto possível, para a compreensão do mistério de Cristo. Essa cristologia, hoje, não busca, assim, o extraordinário e milagroso, como se a divindade de Jesus ficasse tanto mais evidenciada quanto menos humana ela pareça. Pelo contrário, busca-se sua divindade em sua humanidade, mas considerando evidentemente sua condição peculiar e específica na maneira de realizá-la e dentro do realismo e das condições de nossa história.¹⁵⁴

O segundo vetor parte da nova consciência da criação.¹⁵⁵ Com isso, afasta-se, com energia, qualquer visão intervencionista de um Deus que atuaria através de ingerências pontuais ou ações categoriais, interferindo diretamente na causalidade humana. Aparentemente essa situação exaltaria a onipotência divina; contudo, na verdade, acaba convertendo Deus em mais uma causa. Aliás, causa muito grande, mas apenas mais uma dentre outras causas do mundo. Significa, de outro modo, assumir, com toda consequência, a consideração da ressurreição não como um “milagre” e, sendo assim, absolutamente insuscetível de provas empíricas.¹⁵⁶

O terceiro vetor esteia-se sobre o novo conceito de revelação,¹⁵⁷ de caráter “maiêutico” e não autoritário, que não se aceita por mero testemunho externo, muito embora seja também necessário, mas que, doutra maneira, ajuda a “dar à luz” o mistério que habita em todos nós. Destarte, ao manifestar-se o que a todos afeta, de algum modo a revelação se oferece à verificação na experiência atual.¹⁵⁸

É importante lembrar, ainda, o que Queiruga denominou de “princípio ordenador” em seu estudo da Ressurreição de Jesus.¹⁵⁹ Sobre isso ele ensina que para uma visão global e coerente de seu trabalho e como decorrência imperiosa das mudanças que traz o paradigma da modernidade,

¹⁵³ QUEIRUGA, Andrés T. Repensar a ressurreição..., p. 35.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 35-36.

¹⁵⁵ A “nova consciência da criação” é fundamentada pormenorizadamente no livro do autor: *Recuperar a criação*, São Paulo, Paulus, 1999 (original galego: *Recupera-la creación*, Vigo, 1996).

¹⁵⁶ QUEIRUGA, Andrés T. Repensar a ressurreição..., p. 36.

¹⁵⁷ Exposto detalhadamente no livro do autor: *Repensar a revelação: A revelação divina na realização humana*.

¹⁵⁸ QUEIRUGA, Andrés T. Repensar a ressurreição..., p. 36.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 37.

adotou, como princípio ordenador, as três perguntas fundamentais de Immanuel Kant, considerando que elas refletem o positivo da inquietação moderna: O que posso saber? O que devo fazer? O que me é concedido esperar? O autor assevera que todo o desenrolar da sua reflexão foi marcado profundamente pelo desenvolvimento dessas perguntas, com o forte predomínio da primeira sobre as demais a qual se impôs quase que naturalmente.¹⁶⁰ Foi através dessa pergunta que sobrevieram os principais problemas e onde subsistem as maiores dificuldades. Isso tudo, enfim, para levar adiante essa ingente tarefa de construir teologicamente um conceito novo da experiência pascal que responda satisfatoriamente aos novos parâmetros.

O teólogo afirma e reconhece que se trata, notória e evidentemente, de um enfrentamento profundo, necessário e prometedor deste problema central da fé que não foi, ainda, enfrentado de maneira suficiente. De qualquer modo, deixa claro que não pretende acertar em tudo ou sequer ser convincente em todos os seus argumentos. Seu objetivo maior é ofertar um diálogo renovado que ajude na melhor compreensão e vivência desse mistério.

4.3.3 Necessidade de uma leitura não fundamentalista

Nos tempos anteriores à teologia crítica, ocorria uma leitura espontaneamente concordista das narrativas bíblicas em geral. Durante séculos a teologia não se questionou criticamente sobre as diferenças nas narrativas dos evangelhos, não no que toca às suas teologias propriamente, mas a dados mais concretos e óbvios. Quando as diferenças eram por demais notórias ou evidentes, a solução que se apresentava era principalmente o recurso de se afirmar que uns contaram coisas que os outros omitiram. Atualmente se reconhece a dificuldade de se estabelecer uma síntese entre algumas narrativas discrepantes. O mesmo ocorre com as narrativas da ressurreição, tanto numa tentativa de realização de um quadro geral quanto com variações pontuais.

Sendo algumas diferenças tão profundas e radicais, é pouco provável que tenham sido originadas apenas de circunstâncias decorrentes dos processos das redações dos textos ou das elaborações das tradições. É mais crível que tenham sido fundadas na natureza mesma dos acontecimentos.

Diante da variedade dos textos, bem como dos diferentes gêneros literários, fica explícito que não se pode buscar ao que de fato ocorreu restringindo-se à literalidade direta das narrativas,

¹⁶⁰ KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*, passim.

mas sim às suas intenções genuínas. Também é infrutífero prender-se a pormenores. É necessário, sobretudo, buscar estabelecer as linhas fundamentais que organizam essa variedade, objetivando esclarecer a estrutura da compreensão. Segundo Santo Agostinho, citado por Queiruga: “Mas é uma tarefa pesada mostrar como os quatro evangelistas não se contradisseram acerca da ressurreição de Cristo naquilo que todos contam sem omitir”.¹⁶¹

4.3.4 A revelação de Deus na Ressurreição

Na análise da revelação na ressurreição, deve-se rememorar que Queiruga explica a estrutura revelatória de Deus através do que ele denomina de maiêutica histórica.¹⁶² Maiêutica é palavra de origem grego-socrática que significa arte de partejar e que, metaforicamente, representaria a maneira com que o sujeito seria levado a “dar à luz” ao que ele mesmo é e leva dentro de si. Como maiêutica a palavra reveladora desperta “abrindo os olhos”, de modo que não introduz nada de estranho, mas ajuda a descobrir, na própria realidade, a presença salvadora que a habita. Assim, por exemplo, quando os israelitas seguem Moisés ou confiam em Ezequiel, não o fazem simplesmente porque precisam obedecer sem questionar. Se os seguem ou neles confiam é porque se reconhecem naquilo que escutam: não o haviam captado antes; mas agora que ouvem eles mesmos se apercebem ou, diferentemente, não se reconhecem e então não fazem caso do que ouvem ou dão uma interpretação diferente do que ocorre: “Já não é por causa de teus dizeres que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo” (Jo 4,42), dirão à samaritana seus compatriotas..

Também é histórica porque com e na palavra reveladora se descobre, na própria realidade, a presença salvadora que a habita e dinamiza. Essa presença é um impulso vivo e pessoal, que se abre à história e evoca para o futuro. Desse modo, para Queiruga, a revelação concebida como maiêutica oferece, por si mesma, a possibilidade de sua verificação. Isso porque o sujeito se reconhece naquilo que ela lhe propõe, fazendo com que ele próprio “dê à luz” essa revelação. Já não acredita porque leu ou ouviu, mas porque “deu-se conta” da verdade que experimentou em si mesmo.

¹⁶¹ In *De consensu evangelistarum* (PL 34, 1041-1230), apud QUEIRUGA, Andrés Torres. Repensar a ressurreição..., p. 44.

¹⁶² QUEIRUGA, Andrés T. Repensar a ressurreição..., p. 107.

Igualmente, a fé na ressurreição deve realizar-se por meio da mesma estrutura. É passível, destarte, mesmo que de uma maneira especial, de fundamentação de sua verdade e verificação. E para uma compreensão realista da ressurreição é necessário que ela seja, de algum modo, “verificável”. Essa verificação está diretamente ligada à busca por descobrir a revelação transcendente na realidade histórica, isto é, na realidade humana de Jesus de Nazaré, segundo defende Queiruga.¹⁶³ Ele acrescenta, inclusive, que a tendência atual, integrada por uma parte crescente de teólogos, é buscar o fundamento da fé na ressurreição não em algo acontecido depois da morte de Jesus, mas antes, isto é, durante a sua vida terrena.

Para ele, portanto, não é indispensável que os discípulos de Jesus tenham encontrado o túmulo vazio ou que tenham visto, ou escutado, fisicamente o Ressuscitado. Tampouco que tenham comido com ele ou lhe apalpado com suas mãos. Tudo isso é desnecessário para crer que Jesus continuava real, verdadeiramente vivo e presente em suas vidas e em nossa história.

Assim, diante do novo paradigma que já se move em nossa cultura, nenhum teólogo nega o acontecimento da Ressurreição. Para alguns, desde que isso não se qualifique como acontecimento “histórico”. Esse histórico, inclusive, tampouco se justificaria quando Pannenberg afirma que assim é porque “acontece em um tempo determinado”. Nenhum fiel, por exemplo, discute que Cristo esteja, com certeza, presente num determinado ato de caridade, mas nem por isso poderíamos qualificar essa presença como fato “histórico”.¹⁶⁴

4.3.5 Algumas contribuições de Queiruga sobre a Ressurreição

Ao término dessa breve exposição sobre o pensamento de Queiruga, seguem algumas contribuições do mestre galego-espanhol.¹⁶⁵

Constata-se, é oportuno lembrar, que entre as compreensões da ressurreição de Jesus Cristo no período pré-conciliar e a abordagem atual, até mesmo diante das mais conservadoras, configura-se uma mudança significativa. Tanto no que se refere ao quantitativo (do espaço dedicado), quanto no modo de ver a ressurreição.

Atualmente ninguém mais confunde a ressurreição com a revivificação ou volta à vida de um cadáver. Ela não é comparada nem mais confundida com as “ressurreições” narradas na

¹⁶³ QUEIRUGA, Andrés T. Repensar a ressurreição..., p. 109.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 111.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 269s.

Bíblia. A ressurreição de Jesus, a verdadeira ressurreição, significa uma mudança radical na existência, no próprio modo de ser: um modo transcendente, que supõe a comunhão plena com Deus e foge, por definição, das leis que regem as relações e as experiências do mundo empírico.

Em razão disso, para Queiruga e outros, ela deixou de ser compreendida com base na categoria de milagre, já que, em si mesma, não é perceptível e nem verificável empiricamente. Por essa mesma razão é sustentado por ele que não se pode qualificá-la de fato histórico. É evidente que isso não implica negar a sua realidade, pois se trata tão somente de uma outra realidade: não mundana, não empírica, não perceptível ou verificável por meio dos sentidos, da ciência ou da história comum.

Essas concepções, hoje, fazem parte de um bem comum da teologia. Ocorre, porém, que no momento atual, o qual Queiruga chama de período de “transição entre paradigmas”, nem sempre se permite ver com clareza as suas consequências. Isso pode ser constatado quando se afirma um novo princípio e, a seguir, utiliza-se de conceitos e pressupostos antigos para tentar explicá-lo. Um autor, por exemplo, que após reconhecer que a ressurreição não é um milagre, em seguida passa a matizá-la dizendo que não é um milagre “espetacular”. Isso se vê, com frequência, nos problemas das aparições e do sepulcro vazio.

É verdade que com relação ao sepulcro vazio progrediu-se mais. Exegeticamente, nesse caso, não é possível decidir a questão porquanto, segundo uma análise puramente histórica, haveria motivos sérios tanto para sua afirmação como para sua negação. Entretanto, constata-se uma mudança importante: já são muitos os autores que fazem a fé na ressurreição independe da postura que se adote a respeito, isto é, reconhecem que podem crer nela tanto os que pensam que o sepulcro ficou vazio, como os que afirmam o contrário ou que sequer existiu tal situação. Isso porque ao se reconhecer com toda a seriedade o caráter transcendente da ressurreição, a subsistência ou não de um cadáver perde a sua relevância. O resultado vivencial e religioso num e noutro caso é o mesmo.

Assim, a nova realidade do Ressuscitado está totalmente acima das leis do espaço e do tempo e, portanto, não pode sustentar nenhuma relação material com um corpo carnal. O Ressuscitado é invisível e intangível tanto para quem afirma que o sepulcro ficou vazio, quanto para quem afirma o contrário. O que se buscou com a afirmação do sepulcro vazio foi salvaguardar a identidade do Ressuscitado. Mesmo objetivo tem o simbolismo da locução

“ressurreição da carne”. Entrementes, a identidade se constrói no corpo, mas não se identifica com ele; e o que o corpo representou nessa construção, conserva-se na pessoa transcendente.

É claro que o modo como ocorreu a ressurreição permanece, em qualquer concepção, um mistério muito obscuro que, por definição, está fora das leis terrenas.

Paulo, tratando do tema, utiliza-se da “lógica da semente” na 1Cor 15,42-44: “O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico ressuscita corpo espiritual”.

Na ressurreição de Cristo fica difícil interpretar, com um mínimo de coerência, portanto, um eventual período cronológico (três dias?) após a morte e sepultamento. Qual seria o sentido desse decurso de tempo no sepulcro à espera da ressurreição? Que tipo de identidade pessoal teria Cristo enquanto esperava? Que significaria essa mistura de vida transcendente e espera cronológico-mundana?

De outro modo, dentro do próprio mistério, tudo passa a ter coerência quando se concebe a morte como uma passagem, ou um “novo nascimento”, onde a pessoa morre rumo ao interior de Deus. Algo como se do útero terreno a pessoa fosse dada à luz rumo à vida definitiva. É por isso que o Evangelho de João, defende Queiruga, vê na cruz a “hora” definitiva, em que a “elevação” é, simultaneamente, morte física no alto da cruz e “glorificação” no seio do Pai. Morrer já é ressuscitar: ressurreição na morte.

No tocante às aparições o problema é paralelo com o do sepulcro vazio já que elas são consideradas como percepção sensorial do Ressuscitado. Desse modo, necessariamente se volta a interpretar a ressurreição como milagre. Ao mesmo tempo, pressupõe-se algo contraditório: a experiência empírica de uma realidade transcendente.

Aqui, diferentemente, muitos dos que não fazem a ressurreição depender da aceitação do sepulcro vazio, o fazem com relação às aparições. A razão, para tanto, também difere: se antes o objetivo era preservar a identidade do Ressuscitado, agora se acredita que as aparições são o único meio de garantir a objetividade e a realidade própria da ressurreição.

Queiruga refuta essa necessidade, lembrando que uma experiência pode ser real sem ser empírica. São experiências em que o objeto próprio não empírico é experimentado em realidades empíricas. O próprio caso de Deus é esclarecedor e paradigmático. Não obstante a Escritura dizer que ninguém pode ver a Deus (Ex 33,20), a humanidade sempre o descobriu. As “provas” de sua

existência pertencem a um tipo de experiências com realidades empíricas como beleza e perfeição do universo, injustiça irreparável das vítimas, etc., nas quais se descobre a existência de Deus, pois somente contando com ela podem ser compreendidas em toda a sua verdade.

Ainda mais, o próprio sentido comum atual já superou a vasta herança imaginativa do passado e, desse modo, compreende que “ver” ou “ouvir” algo ou alguém que não é corpóreo, é simplesmente falso. Tão falso como seria tocar com a mão um pensamento. E uma piedade que leva a sério a fé no Ressuscitado, como presente em toda a história da humanidade, não pode pensar para ele um corpo perceptível sensorialmente: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18,20).

É importante destacar que isso não nega a veracidade dos testemunhos da ressurreição, se realmente foram eles que contaram e não se trataram de construções simbólicas posteriores. O que se discute é se o visto ou ouvido por eles é o Ressuscitado ou são apenas mediações psicológicas. No caso destas, podem perfeitamente ter servido para vivenciar a presença transcendente e talvez ajudado a revelar a verdade da ressurreição. Com certeza não foi o caso de ver ou ouvir o Ressuscitado, mas, se aconteceram, foram experiências subjetivas ou sensíveis, pelas quais descobriam ou vivenciaram sua realidade e sua presença.

Finalmente, o mestre galego ressalta que a novidade da ressurreição de Jesus, ao invés de ser vista como um aprofundamento e uma revelação definitiva dentro da fé bíblica, tende a ser concebida como algo isolado e sem conexão alguma com ela. Por isso, precisa do “milagroso”, crendo-se que somente assim se garante a novidade. Não se percebe que, embora não haja o milagre, existe realmente uma experiência nova, suscitada por uma situação inédita, na qual os discípulos e discípulas conseguiram descobrir a realidade e a presença do Ressuscitado. A revelação consistiu justamente no fato de terem compreendido e aceito que essa situação somente era compreensível porque estava realmente determinada pelo fato de que Deus havia ressuscitado Jesus, o qual estava vivo e presente de uma forma nova e transcendente. De modo não empírico, mas nem por isso menos real, configurou-se a presença do Glorificado e Exaltado.¹⁶⁶

Se a ressurreição não fosse real, tudo perderia o sentido. Deus teria permanecido em silêncio ante a terrível injustiça da crucifixão de Jesus. Os discípulos sentir-se-iam totalmente abandonados a si próprios, perdidos entre a sua terrível angústia e a esperança para sempre frustrada. Mas não foi assim, pois tudo ganhou sentido quando descobriram que Jesus fora:

¹⁶⁶ QUEIRUGA, Andrés T. Repensar a ressurreição..., p. 273.

“...estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos” (Rm 1,4) e Deus se revelava definitivamente como quem dá vida aos mortos (1Cor 15,17-19).

4.4 A RESSURREIÇÃO E A FÍSICA QUÂNTICA

Estritamente em conformidade com os propósitos desta dissertação que busca uma atualização da compreensão da fé na ressurreição de Jesus Cristo em sintonia com os novos paradigmas intelectuais, científicos e culturais da contemporaneidade, subsidia-se valiosamente esta pesquisa, em fechamento para as conclusões finais, com uma concisa síntese dos recentes estudos de Isidoro Mazzarolo sobre a Física Quântica, especialmente em sua obra *Jesus e a Física Quântica*. O autor relaciona as teses principais da Física Quântica com os princípios da pedagogia de Jesus. Apresentam-se esses conhecimentos, circunscritos ao tema da ressurreição, com a máxima fidelidade possível considerando à complexidade dessa abordagem.

Sustenta Mazzarolo que para entender a ressurreição é necessário compreender a transformação. Inicia a justificativa de sua afirmação com a ilustração do nascimento de uma criança que, ao nascer, pesa, em média entre três e quatro quilogramas, quando nasce de bom tamanho ou tamanho satisfatório. Alguns meses depois, ela já está com o dobro de seu peso de origem e a maioria das células trazidas do ventre da mãe já foram substituídas; nesse momento seu corpo já está totalmente transformado, a cor dos cabelos mudada e assim por diante. Com o passar dos anos, a criança ganha peso, forma e estatura. Na descrição de Lucas, Jesus, igualmente, crescia em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e diante dos homens (Lc 2,52).¹⁶⁷

A transformação do corpo físico ocorre gradativamente e quase não é percebida a olho nu; no entanto, a velocidade das células e dos órgãos se processa como em uma corrente de alta tensão. Com a morte, a vida no tempo acabou. A morte estabelece um ponto final no critério de espaço e tempo; tudo o que pertence ao tempo cessa para sempre, por toda a eternidade. É esse o sentido da advertência de Jesus quando fala que não é para entesourar riquezas onde a ferrugem e a traça devoram (Mt 6,19-21).

Jesus não fala exatamente qual a forma da passagem desta vida para a outra, mas fala da conservação da identidade “... vou preparar-vos um lugar. Quando eu for e vos tiver preparado

¹⁶⁷ MAZZAROLO, Isidoro. *Jesus e a Física Quântica*, p. 199.

um lugar, voltarei para tomar-vos comigo, a fim de que onde eu estiver vós também estejais.” (Jo 14,2b-3).

Qual é o tipo de união, de transformação para estar com Cristo? A fé e a certeza de uma vida para além da morte fazem parte do cristianismo na sua essência, onde há um credo que afirma a ressurreição da carne. Essa carne que assumiu, revelou e manifestou a identidade do ser, com seu nome, sua idade, sua história. Esse ser, manifesto na carne mortal, corruptível e frágil tal qual o pó da terra, sua matéria prima, também traz consigo a centelha divina, a alma e a transcendência; em razão disso a parte da matéria forma com o espírito uma unidade.

Lázaro não ressuscitou, mas teve sua vida reanimada por Jesus (Jo 11,1-44). Na sua constituição biológica, ele voltou a morrer. Na linguagem comum se fala da ressurreição, no entanto, exegeticamente, entende-se como reanimação da vida de Lázaro. De modo análogo é tratado o caso da filha de Jairo (Mc 5,21-43). Jesus reanima a vida e lhe dá mais um tempo de atuação entre os seus familiares; permite que a “festa da vida” continue, mas não para sempre. A ressurreição é um fato definitivo, sem retorno e sem dependências do estágio anterior. Lázaro e a filha de Jairo, depois que tiveram suas vidas reanimadas, voltaram a sentir fome, frio, calor e outras reações próprias de quem é *sárx*, isto é, carne e osso.

Mazzarolo refere que na comunidade de Tessalônica devem ter sido suscitadas algumas dúvidas sobre a ressurreição e a forma dessa passagem, então Paulo escreveu:

¹³Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não tem esperança. ¹⁴Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia. ¹⁵Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para à Vinda do Senhor, não passaremos a frente dos que morreram. ¹⁶Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; ¹⁷em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor. ¹⁸Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras (1Ts 4,13-18).

Dessarte, prossegue o autor, a fé na ressurreição e o seu processo de realização é que precisam ser bem conceituados. No diálogo com o ladrão arrependido e penitente (o “bom ladrão”) na cruz, Jesus lhe responde: “Já, hoje, estarás comigo no Paraíso” (Lc 23,43). Como poderia ser entendida essa passagem entre o corpo crucificado e a ressurreição imediata? Jesus lhe diz que o tempo da passagem depois da morte é um “nada”, visto que é hoje. O corpo do ladrão foi sepultado, no entanto ele não precisou esperar um tempo longo até a ressurreição, nem

mesmo esperar o retorno de Jesus para entrar no Paraíso, como ensina Paulo aos Tessalonicenses (ITs 4,13-18).

Nessa mesma perspectiva, encontra-se outra referência no que tange à sintonia e sincronia entre o tempo do aqui e agora e o tempo que vem depois. O autor da carta aos Colossenses diz que, a partir do momento do batismo e da profissão de fé em Cristo, já há uma ressurreição:

¹Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. ²Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra, ³pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus: ⁴quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória (Cl 3,1-4).

Segundo essa catequese, pode-se dizer que a adesão a Cristo significa um estágio superior de qualidade de vida e uma aproximação maior da realidade futura, mas que já começa aqui. Assim, a matéria experimenta em latência aquilo que será realidade escatológica. Como se sabe, a ressurreição é o ponto de partida de toda a teologia de Paulo. É a ressurreição de Cristo que dá sentido a toda a missão e evangelização. Ela justifica a doação da vida, a entrega de todo o ser como penhora para a libertação integral do homem velho, escravo do pecado (Mc 1,45; Rm 12,1-2). Se Jesus não tivesse ressuscitado, ele teria sido um homem bom, um grande profeta e um mensageiro da paz e da unidade, mas seria insuficiente para justificar a entrega total da vida, por amor, por puro amor, como afirma Paulo, depois de tanta luta, tantos paradoxos e contradições: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8,35). O amor é ressurreição, é transcendência, é vida para além da morte. Isso pode ser resgatado no poema ao *agápê*, com absoluta certeza uma das definições mais precisas sobre o amor, em 1Cor 13, opina o teólogo. E, relacionando missão e ressurreição, Paulo faz sua catequese à comunidade de Corinto escrevendo a perícopes 1Cor 15,35-55.

Mazzarolo acompanha o pensamento de Steindl-Rast quando ensina que a vida é uma questão de compreensão nas duas dimensões “dentro e fora do tempo”. Explica em seguida que na teologia cristã a ressurreição é um ponto de chegada para uma nova realidade, fora do tempo, na dimensão da eternidade. Cristo, em sua passagem no mundo, veio mostrar essa dimensão transcendente da vida, a ser construída no aqui e agora. Mostrou e ensinou que a vida é uma espécie de acampamento (*skênôsen*, Jo 1,14), pois tudo está em movimento, em transformação e em trânsito. Quem fixa residência no tempo perde a eternidade.

A ressurreição de Jesus causou impacto, surpresa, espanto, encantamento e confirmação da fé pré-pascal. Qual era o corpo de Jesus ressuscitado? A Física Quântica afirma que a emoção

é uma energia, e a energia é força, matéria, forma. O corpo neural é parte intrínseca ao corpo físico bioquímico do ser. A energia existencial do ser não está desconexa ou separada do corpo, mas é uma unidade do ser. A matéria se transforma a cada momento e o corpo se renova a todo instante. A morte e a ressurreição, do ponto de vista da Física Quântica, são momentos de transformação mais brusca e mais intensa. A energia quântica do corpo ou o corpo quântico é a energia total do ser enquanto matéria e espírito, mas, quando a matéria fica no tempo, o espírito continua na eternidade com o corpo transformado.

Jesus ressuscitado não precisava desse corpo físico, visto que esse corpo foi transformado em outra dimensão; não dependendo mais dele, mas conservando toda a sua identidade, propriedades e características, o Homem de Nazaré e o Cristo glorioso são o Um ou o Uno. Jesus ressurge com o seu corpo quântico, que é a totalidade do ser. Partindo dos princípios da física clássica, todo corpo se restaura a cada minuto da vida e na morte há uma transformação maior e mais radical: “Em verdade, em verdade vos digo – se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá novo fruto” (Jo 12,24). A morte da parte biológica produz o corpo celeste e transformado. Assim como para o autor do Apocalipse há duas mortes: uma da matéria e outra no caso em que o espírito venha a ser condenado (Ap 2,11); 20,14; 21,8), o que continua vivo não é o corpo feito do pó (Gn 2,7), mas a alma (em outras palavras, o corpo quântico). Portanto, a ressurreição, como uma das crenças mais sólidas do cristianismo, não se fundamenta na “ressurreição da matéria”, mas na ressurreição da “carne”, que é a transformação de um corpo físico em um ser espiritual, com energia, com outro tipo de constituição, real e verdadeiro, tal qual o físico.

Nas aparições, Jesus revelou seu corpo total, com as marcas da cruz, dos cravos e dos sofrimentos, mas não dependia mais de paredes e portas para entrar ou sair de ambientes fechados:

¹⁹À tarde desse mesmo dia (o dia da ressurreição), o primeiro da semana, estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: “A paz esteja convosco!” ²⁰Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos, então, ficaram cheios de alegria por verem o Senhor (Jo, 20,19-20).

Os discípulos não veem Jesus de Nazaré, mas o Senhor, isto é, tudo igual à antes, a mesma identidade, mesmas características, mesmo jeito, mas com o corpo transformado, um corpo físico quântico por excelência, também um corpo glorioso. Na narrativa de Lucas, referente

aos discípulos de Emaús, que retornavam para sua casa, depois do trágico desfecho da paixão em Jerusalém, eis que o mesmo Jesus se aproxima, vai conversando e recapitulando as Escrituras, mas eles só o reconhecem no partir do pão, e em seguida Ele desaparece (Lc 24,13-32). O apóstolo Paulo não afirma ter conhecido Jesus de Nazaré, mas o Senhor. Na apologese sobre sua autoridade apostólica com os outros evangelizadores intrusos em Corinto, ele afirma enfaticamente: “Não vi o Senhor?!” (1Cor 9,1).

A integração e a identidade do corpo físico e do corpo quântico permanecem, por isso a identificação do corpo aos sete e aos setenta anos permanece. Seu DNA não é alterado, esse é o DNA de Deus.¹⁶⁸ No entanto, o corpo não é o mesmo. Na descrição da Nova Jerusalém, o Apocalipse a coloca totalmente independente das realidades terrestres, sendo a cidade de Deus, não mais a Jerusalém política e cósmica, ela não precisa mais do sol para iluminar o dia nem da lua para indicar o tempo da noite (Ap 21,23), mas será Deus o tudo em todos.¹⁶⁹

¹⁶⁸ COLLINS, Francis S. A linguagem de Deus, p. 88.

¹⁶⁹ MAZZAROLO, Isidoro. Jesus e a Física Quântica, p. 199-206.

CONCLUSÃO

Após o levantamento realizado sobre as evidências bíblicas do Antigo Testamento e da literatura do mundo judaico antes de Jesus, relativas à vida após a morte, bem como do exame do material do Novo Testamento, perpassando também pelos pais apostólicos, apologistas, os primeiros grandes teólogos e alguns apócrifos cristãos primitivos, além de outras fontes cristãs dos três primeiros séculos da era cristã, o que é possível compreender sobre o significado e o modo da ressurreição de Jesus para os primeiros cristãos e para os atuais? Importantes teólogos da atualidade também se expressam sobre o tema, tendo-se em vista uma atualização possível da compreensão da fé na ressurreição mais compatível com o momento presente.

Inicialmente é oportuno aduzir que a maior parte do Antigo Testamento ignora a ideia da revivificação dos mortos. A vida religiosa ativa e efetiva é vista pelo judaísmo antigo como própria da vida terrena do homem. A inevitabilidade da morte e um Xeol permanente, implicando em uma existência reduzida, triste e irreligiosa, absolutamente sem Deus e num sono sem sonhos, é a expectativa que corresponde à herança inexorável da espécie humana.

Contudo, enquanto no saber bíblico este mundo em que viviam era o palco do amor e da adoração a Deus, constata-se, na devoção judaica dos últimos séculos da era do Antigo Testamento, um anseio secreto por um relacionamento continuado após a morte com o Criador e Pai celestial. Mas essa geração ainda teria de esperar até o final do III século e início do II a. C., precisamente até a experiência judaica do martírio religioso, para encontrar a noção de vida após a morte sob a forma de imortalidade espiritual ou a revivificação corpórea. Esses conceitos são declarados, especialmente sob a influência dos fariseus, desde o século II a. C., mas não se evidencia terem se tornado parte do núcleo do judaísmo até o século II ou III d. C.

Geza Vermes ensina que a crença na ressurreição não poderia ter derivado de fontes que refletissem as tradições populares correntes no judaísmo daquela época, pois a compreensão dos

fariseus na Galileia era, na melhor hipótese, limitada à noção de que essa crença fosse um fato aceito entre os contemporâneos de Jesus.¹⁷⁰

Após essa breve introdução, resta apropriar-se do significado da ressurreição para os primeiros cristãos através de uma exposição sistemática. Antes, ainda, é importante comparar as várias narrativas de ressurreição ou de ressuscitação, mencionadas no Antigo e no Novo Testamento, com a ressurreição de Jesus Cristo e a crença na ressurreição escatológica esperada para a espécie humana.

A ressuscitação ou revivificação, ou reanimação, é a continuação “milagrosa” da vida conforme anteriormente vivida. Alguns teólogos referem tratar-se do clímax da cura carismática. Em contraste, a ressurreição dos mortos, excetuando-se a perambulação dos “santos” em Jerusalém após o terremoto que marcou a morte de Cristo (Mt 27,51-53), é considerada como uma ocorrência esperada no futuro. Ela é associada à segunda vinda de Cristo ou Parusia e ao Juízo universal final de toda a humanidade que concluirá a era presente. Quanto à ressurreição de Jesus, ela é descrita como um fenômeno único, tanto histórico quanto escatológico. Ela não é vista como continuação da vida pré-crucificação de Jesus e tampouco o seu corpo ressurreto é representado como idêntico àquele conhecido por seus companheiros. Além disso, a ressurreição de Jesus é tratada como a antecipação e a causa do despertar dos mortos e do fim dos tempos. Por conseguinte, as existências recuperadas dos mortos ressuscitados por Elias, Eliseu, Jesus, Pedro e Paulo não corresponde ao conceito de ressurreição escatológica. As duas “ressurreições”, estas e a realizada em Jesus, pertencem a categorias distintas.

Com relação à historicidade da ressurreição, Isidoro Mazzarolo refere que Alexander John MacLagan Wedderburn, na sua obra *Beyond resurrectio*, afirma que a ressurreição não é um fato histórico e, portanto, não pode ser objeto da investigação histórica. Não obstante, contrapõe que essa assertiva está correta apenas em parte porque, apesar daquilo que a história não abarca, a ressurreição existiu, aconteceu. Sustenta que se é difícil estudar historicamente a ressurreição, e pela história fica impossível, pode-se investigar o que aconteceu com as pessoas que vivenciaram essas manifestações; historicamente, de fato, a vida delas mudou: “Se a razão não abarca o fenômeno, mas se o fenômeno altera a história, ele existe, e passa a ser notado na vida daqueles/as que mudaram”.¹⁷¹

¹⁷⁰ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 160.

¹⁷¹ MAZZAROLO, Isidoro. Primeira Carta aos Coríntios: Exegese e Comentário, p. 196.

Feitas essas delimitações conceituais e com esteio no exposto nesta dissertação, principalmente a manifestação de importantes teólogos da atualidade, é possível deduzir uma compreensão contemporânea da ressurreição que seja o reflexo, mais aproximado possível, daquilo que ela representou para os primeiros cristãos ou para a Igreja primitiva; para isso é imperioso levar a efeito também uma análise conclusiva do que revela o Novo Testamento sobre o “evento” da ressurreição de Jesus.

Dessa forma, preliminarmente, é possível afirmar que nenhum texto do Novo Testamento tenta descrever realmente o retorno à vida do Jesus morto. O que se têm são fragmentos de evidência circunstancial divididos em duas classes.

A primeira classe de evidências envolve vários relatos de testemunhas mulheres asseverando que, no terceiro dia após a crucificação, encontraram um túmulo vazio. Elas acreditaram que era o túmulo de Jesus e sua descoberta foi posteriormente confirmada por dois apóstolos homens. Apenas uma explicação do túmulo vazio é informada nos Evangelhos Sinóticos: a ausência do corpo de Jesus no túmulo era devida à sua ressurreição. Ela se baseia no testemunho ouvido pelas mulheres de um ou dois estranhos misteriosos (anjos?). Em João, por outro lado, o desaparecimento do corpo é atribuído tanto por Maria Madalena como por Pedro à interferência de uma terceira pessoa desconhecida e não a um evento sobrenatural.

A segunda categoria de evidência circunstancial é dada em todos os Evangelhos, exceto no final curto de Marcos. Ela consiste em uma série de aparições a vários indivíduos (Maria Madalena, Pedro, Tiago, Paulo) ou grupos (várias mulheres, dois discípulos em Emaús, sete, dez ou onze apóstolos, ou mais de quinhentos irmãos) em vários momentos (no domingo de Páscoa, no domingo seguinte ou em datas posteriores), e em vários lugares (em Jerusalém, em Emaús, numa montanha na Galileia ou às margens do Tiberíades). O significado das visões não é óbvio: ninguém compreende inicialmente que a pessoa da aparição é Jesus. Fala-se variadamente de um espírito, ou um “jardineiro”, ou um estranho. Narra-se que Tomé se recusou a acreditar em seus companheiros até experimentar, pelo toque, as feridas do Jesus ressuscitado, e que vários apóstolos na montanha da Galileia continuaram a alimentar dúvidas quanto à realidade da visão de Jesus.

Para José A. Pagola, por exemplo, os dados exegéticos sobre as narrativas da ressurreição não dirimem as diferentes questões suscitadas com esses relatos. As narrações certamente supõem conhecido o desaparecimento do cadáver, tendo-se em vista que somente assim era

pensável a ressurreição na mentalidade bíblica. É mais plausível pensar que esse relato tenha nascido em ambientes populares onde se entendia a ressurreição corporal de Jesus de maneira material e física, como continuidade de seu corpo terreno. Pagola inclusive destaca que não é estranho que na teologia contemporânea exista um debate entre teólogos que, confessando sua fé no “fato” da ressurreição de Jesus, divirjam, ao mesmo tempo, ao procurarem explicar o “modo” da mesma.¹⁷²

É importante registrar que para muitos estudiosos modernos dos evangelhos, a saga do túmulo vazio é uma lenda apologética (R. Bultmann e outros), uma tentativa secundária de produzir algum suporte factual para apoiar visões individuais ou coletivas. Eles, no entanto, também reconhecem a fragilidade dessa teoria compreendendo que ela não se sustenta por sua própria fraqueza intrínseca, consistindo no seguinte: o testemunho fornecido pelas mulheres não era respeitado numa sociedade judaica dominada por homens. Segundo Lucas, os apóstolos zombaram das mulheres. Além disso, a identidade e o número de testemunhas diferem nos evangelhos, assim como diferem os depoimentos. Isso demonstra claramente tratar-se de uma tradição antiga, pois acaso a história fosse produzida ou manipulada pela Igreja primitiva para demonstrar a realidade da ressurreição de Jesus, seria de se esperar um relato uniforme e perfeitamente seguro, atribuído a testemunhas “confiáveis”. Observe-se também que o túmulo vazio e as aparições nunca são associados para formar um argumento conjunto.

Geza Vermes afirma que é provável que nem mesmo um descrente crédulo se deixasse persuadir pelos vários relatos da ressurreição e que eles, na verdade, somente convencem os já convertidos. O mesmo deve ser observado com relação às aparições. Nenhuma delas satisfaz as exigências mínimas de uma investigação séria, legal ou científica. A única alternativa que resta aos pesquisadores, em seu esforço para compreender a ressurreição, é recorrer à especulação. E que seja uma especulação esclarecida.¹⁷³

Por outro lado, pelo que se percebe, a explicação amplamente utilizada para o surgimento da crença cristã primitiva na ressurreição de Jesus leva sempre ao túmulo vazio e aos encontros com o Ressuscitado. Estes, quando combinados, apresentam condições suficientes e também necessárias para o surgimento dessa crença. Nada mais foram capazes de propor os teólogos historiadores com o poder de explicar satisfatoriamente a ressurreição. Contudo, é claro que isso

¹⁷² PAGOLA, Jose A. Jesus: Aproximação histórica, p. 514.

¹⁷³ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 165.

continua a não ser demonstrável empiricamente, ou, dito de outra forma, comprovado em termos científicos ou lógicos. Mas, considerando que na história nem tudo é definitivo (sempre é possível que alguém apareça com uma explicação que ofereça uma condição suficiente para a fé cristã), quase nada pode ser descartado sumariamente. O que se busca então é a alta probabilidade na busca da verdade real. Convém lembrar, todavia, que nos últimos duzentos anos, não obstante as tentativas por vezes desesperadas de muitos estudiosos, nenhuma explicação assim foi encontrada. É verdade também que os primeiros cristãos não “inventaram” o túmulo vazio e os encontros ou visões do Jesus Ressuscitado para justificar uma fé que já tinham. Eles, de outro modo, desenvolveram essa fé em decorrência desses dois fenômenos, já que ninguém estava esperando por esse tipo de coisa por mais culpado ou perdoado que se sentisse. Destarte, para Geza Vermes, é tão sólido quanto é possível encontrar que foi a combinação túmulo vazio e aparições que gerou a crença cristã primitiva na Ressurreição. É o que parece mais razoável, em que pese opiniões em contrário sobre o peso do túmulo vazio na origem da fé na ressurreição. Isso porque para muitos pesquisadores o que originou essa fé foram tão somente as aparições do Ressuscitado.

Em relação ao corpo de Jesus, objetivamente, o que teria ocorrido? O desaparecimento é inequívoco? Muitas teorias tentam explicar a ausência do cadáver de Jesus. Eis as seis teorias mais importantes sobre o seu paradeiro que, por conseguinte, tem implicações sobre o modo ou, dito de outra forma, o “como” da ressurreição: o corpo foi removido por alguém não ligado a Jesus; o corpo de Jesus foi roubado por seus discípulos; o túmulo vazio não era o túmulo de Jesus; enterrado vivo, Jesus deixou o túmulo; Jesus migrante ou que saiu da Judeia depois de recuperar-se do coma (talvez a mais recente). Todas essas teorias são seriamente rebatidas com relativa facilidade e não será aqui objeto de maiores detalhamentos, considerando que são por demais conhecidas e dados os objetivos desta pesquisa. Outra teoria, também recente, afirma que o corpo de Jesus não foi enterrado, mas abandonado em valas, como era comum ocorrer em crucificações, para que cães e abutres acabassem com o cadáver e visando complementar o processo de menosprezo pelo justificado no madeiro. Sobre essa teoria é interessante destacar a opinião robusta de N. Wright quando afirma que se tivesse isso acontecido, por mais “visões” que tivessem tido, os discípulos não teriam concluído que ele havia ressuscitado dentre os mortos.¹⁷⁴ Assim, a conclusão histórica com relação a isso é a mais segura: o único fato inequívoco é que o

¹⁷⁴ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 975.

túmulo estava vazio ou foi encontrado vazio (o corpo realmente desapareceu), embora se registre também que alguns estudiosos sequer admitem a ocorrência desse evento (lenda apologética).

Geza Vermes traz ainda que poderiam ser acrescentadas mais duas teorias, mas por se tratarem de extremismos que não são suscetíveis a um julgamento racional, são normalmente desconsideradas: a primeira dessa classe seria a fé cega do crente fundamentalista e a segunda, a rejeição definitiva e absoluta do céptico inveterado. Os fundamentalistas aceitam a história, não exatamente como a escrita nos textos do Novo Testamento, mas reformuladas, transmitidas e interpretadas pela tradição das suas igrejas. Eles invariavelmente suavizam as arestas e se abstém de perguntas “desagradáveis”. Os cépticos, por sua vez, tratam toda história da ressurreição como invenção da imaginação cristã primitiva. A larga maioria dos estudiosos e pesquisadores se encontra entre esses dois polos. Algumas das interpretações da ressurreição são insinuadas nos evangelhos, enquanto outras emergem da história nascente do cristianismo primitivo ou mais recente.¹⁷⁵

J. A. Pagola sintetiza bem os elementos disponíveis, as dificuldades e possibilidades do caso: os evangelhos reconhecem que não foram seus discípulos que enterraram Jesus, já que todos haviam fugido para a Galileia. Tampouco as mulheres puderam intervir, embora seguissem o enterro de longe. Um homem bom, José de Arimateia, desconhecido pelas fontes até aquele momento, pede a Pilatos a devida autorização para sepultar Jesus num sepulcro escavado na rocha. Há pontos obscuros sobre a identidade de Arimateia e sua atuação, mas também é possível que as coisas tenham acontecido assim. Sabe-se que, ocasionalmente, as autoridades romanas permitiam que um crucificado pudesse receber uma sepultura mais digna e respeitável por parte de familiares e amigos. Mas é difícil saber o que aconteceu. Certamente Jesus não teve um enterro com honras fúnebres. Seus seguidores não estavam presentes: os varões estavam escondidos, as mulheres olhavam de longe. Tudo foi muito rápido, pois era necessário acabar antes que chegasse a noite. Não se sabe com certeza se se ocuparam dele os soldados romanos ou os servos das autoridades do templo. Também não se sabe se Jesus terminou numa vala comum como tantos justicados ou se Arimateia pôde fazer algo para enterrá-lo em algum sepulcro dos arredores. Para muitos investigadores também não fica totalmente claro se as mulheres encontraram vazio o sepulcro de Jesus. A questão se coloca nestes termos: é uma narração que recolhe a lembrança do que ocorreu ou se trata de uma composição literária que objetiva expor,

¹⁷⁵ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 166.

de maneira plástica, o que todos creem: se Jesus ressuscitou, não se deve procurá-lo no mundo dos mortos! Pagola arremata essa exposição lembrando que todas as possibilidades encontram defensores entre os investigadores contemporâneos. Só existe um consenso generalizado (Pannenberg e outros) que afirma que Jesus não recebeu os cuidados fúnebres habituais.¹⁷⁶

Com relação às aparições de Jesus Ressuscitado, nenhuma figura no final de Marcos, provavelmente o mais antigo dos evangelhos. Todas as demais fontes do Novo Testamento descrevem numerosas visões de Cristo por Maria Madalena, mulheres galileias, apóstolos em Jerusalém no Domingo de Páscoa, uma sem a presença de Tomé e a outra, no domingo seguinte, com a presença dele. Jesus foi visto outras vezes, alguns dias depois, numa montanha na Galileia, por onze apóstolos ou por sete, às margens do mar de Tiberíades. Outras aparições foram testemunhadas, segundo Paulo, por mais de 500 irmãos, por Tiago e, finalmente, pelo próprio Paulo, em tempos e lugares não especificados com exceção do caso do próprio apóstolo (caminho/estrada de Damasco).

Quatro tipos de aparição são listados: 1. Em Mateus, não é fornecido nenhum detalhe concreto. 2. Em João e Lucas, um homem desconhecido (o jardineiro ou um viajante) é posteriormente reconhecido como Jesus. 3. Outra vez em Lucas e em João, um espírito entra misteriosamente na residência dos apóstolos apesar das portas trancadas. 4. O espírito se torna em seguida num estranho de carne e osso que informa ser Jesus e convida os apóstolos a tocá-lo, fazendo refeição com eles.

Pagola também ensina que é necessário determinar o propósito da ressurreição de Jesus na mente dos evangelistas e de Paulo para que se possa avaliar a importância das aparições. Assim, do fato de ninguém descrever qualquer aparição de Jesus para pessoas de fora do seu círculo de seguidores, alguns estudiosos deduzem que na mente dos autores do Novo Testamento, a ressurreição de Jesus não o qualificava para desempenhar qualquer outro ato público. A extensão de quarenta dias de sua estada com os apóstolos, não testemunhada por ninguém do mundo exterior, contradiz formalmente Lucas, assim como o final longo de Marcos (Mc 16,19), pois ambos indicam que a Ascensão ocorreu no Domingo de Páscoa (Lc 24,50). A pretensa necessidade de Jesus permanecer com seus discípulos para dar mais instruções sobre o reino de Deus (At 1,3) é esvaziada pela promessa em João de que o Espírito Santo viria ensinar todas as coisas (Jo 14,26; 16,13).

¹⁷⁶ PAGOLA, Jose A. Jesus: Aproximação histórica, p. 511-512.

Geza Vermes compreende a ressurreição de Jesus como um primeiro passo na escada espiritual que conduz à sua glorificação celestial.¹⁷⁷ Vista nessa perspectiva, a ressurreição se torna um conceito puramente espiritual que não requer nenhuma realidade física associada. A ressurreição espiritual associa-se melhor com visões e aparições. O estrito vínculo judeu entre espírito e corpo é mais bem servido pela ideia do túmulo vazio e, sem dúvida, responsável pela introdução das noções de palpabilidade (Tomé, em Jo) e refeição (Lc e Jo). Segundo ele, é necessário também questionar se existe algum valor probatório sobre as diversas visões ou aparições, experimentadas por indivíduos ou grupos de indivíduos, conforme o Novo Testamento? Essencialmente elas não diferem de visões de místicos alegadas ao logo dos séculos. Entretanto, não resta qualquer sombra de dúvidas que os personagens do Novo Testamento acreditaram na realidade das suas visões de Jesus, nas suas experiências com o Ressuscitado. E quanto às pessoas que não foram tão privilegiadas e que só dispunham da palavra de “testemunhas oculares” para se guiarem, questiona o autor? Elas dependeram de um duplo ato de fé: fé na confiabilidade dos relatores e na realidade do relato. A ressurreição como um “evento” espiritual (ou transcendente) se exprime adequadamente através de uma visão. Qualquer coisa mais tangível, segundo este autor, seria suspeita de alucinação ou produto de má fé, seja individual ou coletiva.

Nessa compreensão, ou seja, pela teoria de uma ressurreição espiritual, é cancelada a necessidade de um túmulo vazio. O corpo físico de um Jesus ressuscitado, mas imaterial, naturalmente poderia ter permanecido na tumba com todos os seus ossos e demais elementos cadavéricos.

De modo geral, nenhuma das teorias suporta um escrutínio rigoroso. Isso significa que o conceito tradicional da ressurreição, isto é, a revivificação miraculosa em alguma figura ou forma proveniente do corpo morto de Jesus (Jesus está fisicamente vivo novamente), está fadada ao fracasso no mundo racional de hoje. Contudo, impõe-se reconhecer que para o surgimento da crença cristã primitiva na ressurreição de Jesus, o túmulo vazio e as aparições ou “encontros” com o Ressuscitado, apresentam não apenas uma condição suficiente para tanto, como também, ao que parece, uma condição necessária conforme opina N. Wright. Nenhuma outra coisa os

¹⁷⁷ VERMES, Geza. Ressurreição..., p. 176-172.

estudiosos e historiadores foram capazes de propor com poder de explicar a fé nascente do Cristo Ressuscitado de maneira definitiva ou satisfatória.¹⁷⁸

Com relação ao modo da ressurreição, observe-se agora a sintonia do pensamento de Paulo sobre o corpo transformado e glorificado, bem como das narrativas da ressurreição no Novo Testamento, com a perspectiva de Isidoro Mazzarolo quando explica essa transformação na ressurreição de Jesus Cristo sob a ótica da Física Quântica.

Segundo Mazzarolo a ressurreição de Jesus causou impacto, surpresa, espanto, encantamento e confirmação da fé pré-pascal. Mas qual era o corpo de Jesus ressuscitado? A Física Quântica afirma que a emoção é uma energia, e a energia é força, matéria, forma. O corpo neural é parte intrínseca ao corpo bioquímico do ser. A energia existencial do ser não está desconexa ou separada do corpo, mas é uma unidade do ser. A matéria se transforma a cada momento e o corpo se renova a todo instante. A morte e a ressurreição, do ponto de vista da Física Quântica, são momentos de transformação mais brusca e mais intensa. A energia quântica do corpo ou o corpo quântico é a energia total do ser enquanto matéria e espírito, mas, quando a matéria fica no tempo, o espírito continua na eternidade com o corpo transformado. Jesus ressuscitado não precisava desse corpo físico, visto que esse corpo foi transformado em outra dimensão; não dependendo mais dele, mas conservando toda a sua identidade, propriedades e características, o Jesus de Nazaré e o Cristo glorioso são o Um ou o Uno. Jesus ressurge com o seu corpo quântico, que é a totalidade do ser. Partindo dos princípios da física clássica, todo corpo se restaura a cada minuto da vida e, na morte, há uma transformação maior e mais radical: “Em verdade, em verdade vos digo – se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá novo fruto” (Jo 12,24). A morte da parte biológica produz o corpo celeste e transformado. Assim como para o autor do Apocalipse há duas mortes: uma da matéria e outra no caso em que o espírito venha a ser condenado (Ap 2,11; 20,14; 21,8), o que continua vivo não é o corpo feito do pó (Gn 2,7), mas a alma (em outras palavras: o corpo quântico). Portanto, a ressurreição, como uma das crenças mais sólidas do cristianismo, não se fundamenta na “ressurreição da matéria”, mas na ressurreição da “carne”, que é a transformação de um corpo físico em um ser espiritual, com energia, com outro tipo de constituição, real e verdadeiro, tal qual o físico. Assim, nas aparições, Jesus revelou o seu corpo total, com as marcas da cruz, dos cravos e dos sofrimentos, mas não dependia mais das paredes e portas para entrar ou sair de

¹⁷⁸ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 970.

ambientes fechados. Os discípulos não veem Jesus de Nazaré, mas o Senhor, isto é, tudo igual à antes, a mesma identidade, mesmas características, mas com o corpo transformado, um corpo físico quântico por excelência, também um corpo glorioso. Na narrativa dos discípulos de Emaús em Lucas, estes somente o reconhecem no partir do pão e, em seguida, Ele desaparece (Lc 24,13-32). Paulo não afirma ter conhecido Jesus de Nazaré, mas o Senhor. A integração e a identidade do corpo físico e do corpo quântico permanecem; por isso, a identificação do corpo aos sete e aos setenta anos permanece. Seu DNA não é alterado, esse é o DNA de Deus. No entanto, o corpo não é o mesmo.¹⁷⁹

Articulada também é a opinião do teólogo dominicano Edward Schillebeeckx que escreveu uma das obras mais extensas sobre Jesus nos anos 1970. Nesse trabalho ele dedicou espaço considerável para a questão da Páscoa, de onde é possível extrair alguns subsídios pertinentes para instruir a busca pelo significado da ressurreição para os primeiros cristãos.

Em linhas gerais, sua concepção funciona assim: Os primeiros cristãos, particularmente Pedro, tiveram uma maravilhosa experiência de graça e perdão, de “visão” e “iluminação”, que pode ser descrita como “conversão”. Originalmente isso nada tinha a ver com um túmulo vazio ou com relatos de “aparições” de Jesus de maneira “objetiva”. Em certo momento, no entanto, especialmente através da prática do culto de visitar o túmulo de Jesus, histórias de um túmulo vazio começaram a ser contadas juntamente com o tema “no terceiro dia” que, originalmente, nada tinha a ver com a cronologia efetiva, mas tudo a ver com evocar, em um sentido estritamente metafórico, uma consciência da presença e ação divinas. Gradualmente essa tradição em desenvolvimento passou a incluir também histórias sobre Jesus ser visto; então, ditos do Jesus terreno foram colocados na boca do Senhor Ressuscitado. Inicialmente isso também nada tinha ver com pessoas imaginando que Jesus realmente havia sido visto fisicamente, tocado e assim por diante. O que aconteceu, portanto, ao longo da primeira geração do cristianismo, foi um movimento que partiu de uma fé básica e experiência básica e primitiva da experiência de ser “convertido” para uma expressão dessa fé em termo de histórias que, através da influência de ideias judaicas, se parece com histórias ingênuas e literais de um homem morto voltando à vida. Schillebeeckx reconhece que pelo menos alguns judeus consideravam a ressurreição dos mortos em um sentido físico; mas no pleno sentido “escatológico”, que ele denomina de “meta-empírico

¹⁷⁹ MAZZAROLO, Isidoro. Jesus e a Física Quântica, p. 204-206.

e meta-histórico”, sustenta que ressurreição não tem nada a ver com corpos. Reconhece também que com essa teoria ele inverte o que os escritores do Novo Testamento, na verdade, dizem.¹⁸⁰

Para José Comblin, considerando que os discursos de Atos dos Apóstolos têm um fundo histórico, para os apóstolos, a ressurreição de Jesus foi a sua justificação diante do povo de Israel. Os chefes de Israel mataram Jesus, mas Deus o ressuscitou. Dessa maneira Deus quis desmentir aqueles chefes e confirmar tudo o que Jesus tinha dito e feito. Assim, a ressurreição de Jesus é a afirmação por parte de Deus de que está realizando o seu projeto e cumprindo as suas promessas. De algum modo o futuro torna-se atualidade e o Reino de Deus já está presente. A ressurreição de Jesus, entretanto, não é um fato histórico que se possa verificar. Ele acompanha a existência do fiel, mas este não pode vê-lo. Tem-se fé na sua presença. A fé na ressurreição é o desenvolvimento e a expressão final da fé na palavra de Jesus anunciando o Reino de Deus. Se Jesus ressuscitou, é sinal de que Deus está mesmo realizando seu plano. Crer no reino de Deus é crer em Jesus ressuscitado.¹⁸¹

Diante de todos os elementos e opiniões expostos nesta pesquisa, o que é possível concluir sobre o que significou e significa a ressurreição de Jesus Cristo? Partilhando do pensamento de John Dominic Crossan e outros, ela anuncia o início da justificação divina no mundo, já tendo passado pelo filtro paulino do corpo transformado e tornado glorioso, pois, afinal, é a expectativa de compartilhar algo da substância de Cristo que há muito tempo move a fé em sua direção. Sobre essa transformação, Joseph Ratzinger diz que “fica óbvio que a vida do Ressuscitado não volta a ser *bios*, ou seja, a forma biológica de nossa vida mortal intra-histórica, e sim *zoë*, uma outra, nova vida definitiva, uma vida que ultrapassou o âmbito da morte da história do *bios* que foi superado por um poder superior”. Enfatiza que claramente se vê, nos relatos da ressurreição do Novo Testamento, que a vida do Ressuscitado não está dentro da história do *bios*, ela se desenrola fora e acima desta.¹⁸² Assim, se o modo, de alguma forma, afeta o significado da ressurreição, essa é uma possível compreensão, ao menos para os cristãos contemporâneos, distantes no tempo e no espaço, que buscam a compreensão daqueles dos primeiros séculos.¹⁸³ A ressurreição também significou para os primeiros cristãos, e igualmente

¹⁸⁰ WRIGHT, N. T. A Ressurreição..., p. 963-964.

¹⁸¹ COMBLIN, José. O Caminho: Ensaio sobre o seguimento de Jesus, p. 114.

¹⁸² RATZINGER, Joseph. Introdução ao Cristianismo..., p. 226.

¹⁸³ SOARES, Elizangela A. A ressurreição do Jesus histórico: Modo e significado. In NOGUEIRA Paulo A. S.; MACHADO, Jonas. (Org.). Morte e ressurreição de Jesus: Reconstrução Hermenêutica. Um debate com John Dominic Crossan, p. 126.

para os atuais, a inauguração de um processo de conversão humana universal que se desenvolveu a partir da indescritível experiência primitiva de arrependimento, juntamente com uma maravilhosa experiência de perdão e graça propiciada pelo Ressuscitado.

REFERÊNCIAS

- BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *OS Evangelhos I*. São Paulo: Loyola, 1992.
- BARTH, Gerhard. *Carta aos Romanos*. 5ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- _____. *Ele morreu por nós: A compreensão da morte de Jesus Cristo no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BLANK, Renold J. *Deus na história: Centros temáticos da revelação*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. *Escatologia da Pessoa: Vida, Morte e Ressurreição (Escatologia I)*. São Paulo: Paulus, 2000.
- BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BÍBLIA. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2011.
- BÍBLIA. *Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BOFF, Leonardo. *A Ressurreição de Cristo: A nossa Ressurreição na Morte*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BORG, Marcus J.; CROSSAN, John Dominic. *A última semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- BÖSEN, Willibald. *Ressuscitado segundo as escrituras: fundamento bíblico da fé pascal*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BULL, Klaus-Michael. *Panorama do Novo Testamento: História, contexto e teologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. 3ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado - Versículo por Versículo: Artigos Introdutórios Mateus, Marcos, Vol. I*. São Paulo: Milenium, 1983.
- COLLINS, Francis S. *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe*. São Paulo: Gente, 2007.
- COMBLIN, Jose. *O Caminho: Ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. *Ressurreição*. São Paulo: Herder, 1965.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. In COSTA, Lourenço (Org. Geral). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Seguir Jesus: Os Evangelhos*. São Paulo: CRB/Loyola, 1994.

CULLMANN, Oscar. *A formação do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DICIONÁRIO. *Novo Dicionário Interlinear Grego-Português*. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

DURRWELL, F. X. *A Ressurreição de Jesus: Mistério de Salvação*. São Paulo: Editora Herder, 1969.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1992.

FERRARO, Benedito. *A Significação Política e Teológica da Morte de Jesus: À luz do Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português*. Vol. I. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

GIANI, Maria Cristina. *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade: Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga*. Cadernos Teologia Pública. São Leopoldo, Ano VI, n. 45, 2009.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade e missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

KLAIBER, Walter. *A morte de Jesus na nossa vida: O significado da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

KONINGS, Johan. *Sinopses dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"*. São Paulo: Loyola, 2005.

LATOURELLE, René. *Teologia da revelação*. São Paulo: Paulinas, 1972.

LIBANIO, João Batista. *Teologia da Revelação a partir da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LOHSE, Eduard. *A História da Paixão e Morte de Jesus Cristo*. São Paulo: Paulinas, 1977.

_____. *O Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. (Editores). *Léxico Grego-Português do Novo Testamento*: baseado em domínios semânticos. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LUPI, João Eduardo Pinto Basto (trad.) *Orígenes*: Tratado sobre os princípios. Coleção Patrística: 30. São Paulo: Paulus, 2012.

MACMULLEN, Ramsey. *Christianizing the Roman Empire* (A. D. 100-400). London: Yale U. P., 1984.

MARTIN-ACHARD, Robert. *Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2015.

MAZZAROLO, Isidoro. *Primeira Carta aos Coríntios*: Exegese e comentário. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2008.

_____. *Jesus e a Física Quântica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2019.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1983.

MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*: Uma contribuição para a teologia. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORALDI, Luigi. *Evangelhos apócrifos*. São Paulo: Paulus, 1999.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; MACHADO, Jonas. (Org.). *Morte e ressurreição de Jesus*: Reconstrução hermenêutica. Um debate com John Dominic Crossan. São Paulo: Paulinas, 2009.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.

PANASIEWICZ, Roberlei; REIS, Miracy Monteiro Melo. *Ressurreição e fé cristã*: Uma leitura a partir da compreensão de Andrés Torres Queiruga. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 1, p. 43-56, jan./jun. 2013.

PROENÇA, Eduardo de (Organizador). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*: Vol. I. 17ªed. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

_____. *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*: Vol. II. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

PROENÇA, Eduardo de; CARNEIRO, Marcelo (Organizadores). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*: Vol. III. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*: Preleções sobre o Símbolo Apostólico. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.

RENDTORFF, Rolf. *A formação do Antigo Testamento*. 10ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática: Volume I*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Manual de dogmática: Volume II*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Concordância Bíblica*. Barueri: SBB, 2010.

THEISSEN, Gerd. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2007.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus: Por uma nova imagem de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. *Repensar a cristologia: Sondagens para um novo paradigma*. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Repensar a ressurreição: A diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Repensar a revelação: A revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Repensar o mal: Da ponerologia à teodiceia*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

WRIGHT, N. T. *A ressurreição do filho de Deus*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.

ZILLES, Urbano. *Esperança para além da morte*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.